



O conselheiro presidencial americano Henry Kissinger e o dirigente norte-vietnamita Le Duc Tho apertam as mãos à entrada da vivenda, pertencente ao Partido Comunista Francês, nos arredores de Paris, onde ontem começaram mais uma ronda de conversações destinadas a efectivar o cessar-fogo no Vietname do sul. Os dois negociadores voltam a encontrar-se hoje. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

O CHANCELER ALEMÃO HOJE EM JERUSALÉM

JERUSALÉM, 7 — (R, DPA e ANI) — O chanceler Willy Brandt chega hoje a Jerusalém a convite pessoal da sr.ª Golda Meir, a chefe do Governo israelita, na primeira visita oficial feita a Israel por um chefe de Governo da Alemanha Ocidental.

Funcionários superiores israelitas disseram que Brandt, que está em Israel durante cinco dias, é especialmente bem acolhido devido a ter sido um combatente antinazi durante a Segunda Guerra Mundial e pela sua capacidade e habilidade em solucionar conflitos por meio de desanuviamentos e compromissos.

Um desses funcionários superiores declarou que Israel tem esperança de que a experiência de Willy Brandt em solucionar as relações do seu país com os países da Europa Oriental poderá fornecer lições muito úteis na resolução do problema do Médio Oriente, embora o mesmo funcionário tenha esclarecido que não existe a mínima sugestão de que o chanceler de Bonn queira agir como mediano no conflito.

Durante a sua estadia, Willy Brandt terá reuniões privadas com o ministro das finanças, Pinhas Sapir, com o ministro

dos Estrangeiros, Abba Eban e com o vice-primeiro-ministro Yigal Allon.

Mas as suas principais discussões serão com a sr.ª Meir, tendo sido reservadas seis horas para as suas conversações, divididas em várias sessões.

Entretanto a Embaixada israelita em Bonn publicou os re-

sultados de um inquérito à opinião pública, feito em fins de Abril, pelo Instituto Demoscópico de Allensbach, que revelou que 37 por cento de todos os alemães ocidentais simpatizam com Israel no conflito do Médio Oriente. Apenas cinco por cento simpatiza com os árabes.

Estagiários de advocacia

A criação de um gabinete para consultas gratuitas de quem carecer de assistência jurídica foi uma das propostas apresentadas na reunião de estagiários de advocacia, realizada na Ordem dos Advogados. Na sessão — autorizada pelo respectivo bastonário — esteve presente o dr. Guilherme da Palma Carlos, relator do tema «O Estagiário», além de cerca de uma centena de candidatos à advocacia.

Continua na pag. 9

PRORROGADA A SUSPENSÃO DE OITO ALUNOS DE DIREITO

As autoridades universitárias prorrogaram por quarenta e cinco dias as suspensões preventivas aplicadas a seis estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa enquanto correm os seus termos os processos disciplinares em que são arguidos.

Segundo a lei, as suspensões preventivas são indefinidamente prorrogáveis. A prorrogação efectiva envolve, para os visados, a impossibilidade de comparecerem nos exames finais que se estão a realizar. Os arguidos são os srs. An-

tónio Manuel Cardoso, Eduardo Miranda, José Luís Saldanha Sanches, Manuel António Pita, Maria José Morgado e Rui de Oliveira Macedo.

Prorrogações da suspensão por mais trinta dias atingiram os estudantes Georgete de Sá e João Barroso Soares. O estudante Murad Ali terminou a suspensão, mas tem contra si um processo a correr na Polícia Judiciária.

O Conselho Escolar da Faculdade encarregou da instrução dos processos os profs. drs. Alberto Xavier e Ruy de

Albuquerque. Os arguidos, com excepção de José Luís Saldanha Sanches, detido na cadeia de Caxias, confiaram a defesa aos advogados drs. Salgado Zenha, Jorge Sampaio e Levy Baptista.

32 PÁGINAS INCLUINDO SUPLEMENTO LITERÁRIO

MARCELLO CAETANO A FILIPE:

"SEISCENTOS ANOS SÃO UMA BONITA IDADE"

O facto de a Aliança Luso-Britânica ter servido, algumas vezes, de «garantia da independência portuguesa», foi recordado hoje pelo prof. Marcello Caetano, durante o almoço que, na sala dos Cisnes do Palácio da Vila de Sintra, ofereceu em honra do príncipe Filipe. O Chefe do Governo acrescentaria que o Tratado «foi sempre útil à Grã-Bretanha e nunca prejudicou os seus interesses essenciais». Continuando, afirmou: «Sabem-no os portugueses. Mas o homem da rua, em Inglaterra, talvez não tenha noção disso. Ignora até, em muitos casos, a razão de ser e a história da aliança. Porque enquanto em vários momentos dramáticos destes seis séculos, marinheiros, soldados e negociantes britânicos estiveram presentes em território português, ao contrário, os serviços de Portugal na Aliança nunca se traduziram — e felizmente para

a Grã-Bretanha — na presença efectiva e activa de tropas ou agentes portugueses em território britânico».

A terminar, disse o prof. Marcello Caetano: «Numa época em que a história se acelerou e o tempo está a perder consistência e valor, seiscentos anos são uma bonita idade. Uma idade que, como já tive uma vez ocasião de notar, faz com que velhos amigos se sintam ligados, mesmo quando algumas vezes tenham ralhado entre si e nem sempre estejam de acordo num ou

noutro assunto da vida em comum».

A responder, o duque de Edimburgo afirmou, em certo passo: «Hão-de os cinco dizer que isto de nós trocarmos uísque por vinho do Porto, ou, se forem um pouco mais bem informados, chocolates por concentrado de tomate, é coisa pouca de que nos possamos orgulhar!... Mas se tivessem estudado o assunto com o cuidado com que eu o estudei, logo encontrariam uma enorme variedade de todas as categorias de bens de consu-

Continua na pag. 8

Para salvar 65 milhões de contos

HOUSTON, 7 (R.) — Os astronautas da Skylab efectuarão hoje um arriscado passeio no espaço que poderá determinar se a missão, que custou 2.600 milhões de dólares (cerca de 65 milhões de contos), é na verdade, um êxito.

O comandante Charles Conrad, que detém o recorde de estar mais tempo no espaço estelar, sairá da Skylab às 16,37 h. para tentar reparações de emergência num painel de energia solar encravado com pedaços de um escudo de alumínio arrancado durante o lançamento da nave, em 14 de Maio.

Um movimento errado ou um encosto à extremidade aguçada da zona danificada podem causar morte instantânea se o facto espacial de um astronauta for perfurado.

José Gomes Ferreira é o primeiro presidente da Associação de Escritores



O prof. Rodrigues Lapa, coadjuvado pelos escritores João José Cochofel e António Quadros, presidiu ontem, na Sala Artur Portela da Casa da Imprensa, à assembleia geral dos membros da Associação Portuguesa de Escritores durante a qual foram eleitos os corpos gerentes para o primeiro triénio de actividades. Este organismo vem substituir, oito anos depois, a Sociedade Portuguesa de Escritores, extinta por decisão administrativa. (Pág. 20)

DI/NACIONAL

OS NOVOS DIRIGENTES DA I.A.A. EM PORTUGAL TOMAM POSSE NO DIA 11

Numa sessão a que preside o prof. Martinho Nobre de Mello e a que assistem, entre outras individualidades, o secretário de estado da Informação e Turismo, realiza-se na segunda-feira à noite, na Escola Superior de Meios de Comunicação Social, a tomada de posse dos dirigentes para o próximo triénio do Conselho Territorial Português da Associação Internacional de Publicidade, vulgarmente conhecido como «chapter» português da International Advertising Association (IAA).

Entre as personalidades que pela primeira vez vão ocupar cargos dirigentes destacam-se: o dr. Pedro Alvim e arq. José Galhardo Zilhão, na mesa da

assembleia geral; no conselho fiscal o dr. José Luis Esteves da Fonseca; na direcção executiva os dres. Manuel Lopes Rocha, Francisco Ferreira Gomes, António Jorge Borges e Artur Quinta. Na direcção técnica, os eng. Eduardo Mendes Barbosa, João Brito e Cunha e João de Azevedo e Silva; os dres. João Simões de Almeida, Luis Braz Mimoso, João Paulo Cancellaria de Abreu, Bernardo Mendes de Almeida, Miguel Gonçalves, Raul Baptista Nunes, Emb. Emílio Patrício, Carlos da Silva Moreira Rato, Mário Reymão Nogueira, Manuel Luis Agro Ferreira, Francisco Pinto Balsemão, Manuel Homem de Mello, António Pedro Ruella

Ramos, Ramiro Valadão, João Pires Dinis e João Diogo Weinslein; ainda os srs. coronel Fernando de Mattos Ferreira e arq. Marcelo de Moraes e os srs. José da Silva Cardal, Hildegardo Noronha Filho, António Ribeiro da Silva Gomes, Telmo Protásio, A. Ewan MacDonald, Tomé de Barros Queirós, Jorge d'Orey Pinheiro, Henrique Segurado Pavão, José Miguel Seabra Cardoso, João Pimenta, Avelino de Araújo Dantas, Ruy Correia de Freitas e Carla Machado.

Entre os antigos dirigentes que permanecem destacam-se os srs. dres. Miguel Quina, Clemente Rogeiro e António Amaro de Matos.

PELA PRIMEIRA VEZ ATRIBUIDA A UM "CHAPTER"

Concedida a Portugal a "Tulipa de Ouro": o mais alto galardão da I.A.A.

DUBLIN, 7. (ANI) — Pela primeira vez desde que foi estabelecido, o mais valioso galardão da «International Advertising Association» (IAA), foi atribuído à acção do «chapter» de um país e não a uma empresa responsável pela elaboração de uma campanha publicitária multinacional de serviço público ou não. Assim, coube a Portugal ser distinguido com a tulipa de ouro, «pelo mérito a Portugal da organização em Lisboa, Luanda e Lourenço Marques dos primeiros seminários internacionais de publicidade, que tiveram reconhecido sucesso em

Novembro e Dezembro de 1972 e representam um marco assinalável no fomento do ensino e treino do marketing e da publicidade.»

A decisão, anunciada no decorrer do vigésimo terceiro congresso mundial da IAA, reunido em Dublin, coube a um júri internacional constituído pelo holandês Jhr. Van Andringa de Kempnaer (presidente e repre-

sentante das entidades que instituíram o prémio) e pelos presidentes dos conselhos regionais da Europa Continental, da Escandinávia e da Grã-Bretanha e Irlanda — respectivamente, o holandês RMEIN Rijkens, o dinamarquês Bendt Enrum e o inglês Hugh Holker.

A entrega da disputada «tulipa de ouro» será feita amanhã, dia 8.

Condecoração para o general Spínola

Foram agraciados pelo Chefe do Estado com a Ordem Militar da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito, no grau de Grande Oficial c/palma o General António Sebastião Ribeiro de Spínola Governador e Comandante-Chefe das Forças Armadas da Guiné e no grau de Oficial c/palma o Major de Cavalaria João de Almeida Bruno, Capitão de Infantaria Fernando Gil Almeida Lobato de Barros e Capitão Mil. de Infantaria António Joaquim Alves Ribeiro da Fonseca.

Com excepção do General António de Spínola, que será oportunamente condecorado pelo Chefe do Estado quando dum próxima vinda a Lisboa, porquanto presidirá às cerimónias do Dia de Portugal em

Bissau, os outros oficiais serão condecorados na Praça do Comércio no próximo Dia 10.

Necrologia

Jornalista Raúl de Oliveira

Para o cemitério do Alto de S. João, realizou-se esta tarde o funeral do jornalista Raúl Pedro de Oliveira, de 78 anos, que foi figura de relevo no Desporto português. Fez a sua iniciação no jornalismo desportivo, no «Jornal Sports», tendo mais tarde assumido a direcção de «Os Sports» e mais tarde a do «Mundo Desportivo». A ele se ficaram a dever numerosas iniciativas de fomento desportivo, nomeadamente a criação, em colectividades populares, de cursos de ginástica infantil; o Congresso dos Clubes Desportivos; e a construção do estádio Nacional.

Fra casado com a sr.ª D. A. da Rodrigues de Oliveira.

General condecorado

Foi louvado e condecorado com a medalha de ouro de valor militar, com palma, por serviços prestados em Angola o general José Manuel Bethencourt Rodrigues.

Veiga Simão no Brasil

Seguiu para o Brasil o ministro da Educação, prof. Veiga Simão, para uma visita oficial a convite do seu colega brasileiro.

O ministro presidirá a delegação portuguesa para o intercâmbio das experiências sobre as reformas do ensino em curso nos dois países e efectuará visitas às universidades e outros es-

tabelecimentos em Brasília, São Paulo, Bahia e Recife.

O prof. Veiga Simão será o orador principal do acto solene comemorativo do Dia da Lusitanidade que se realiza em 10 de Junho, no Real Ginásio Português de Leitura, no Rio de Janeiro.

OBRAS DE AFONSO COSTA

Discursos Parlamentares

1900/1910

Volume I

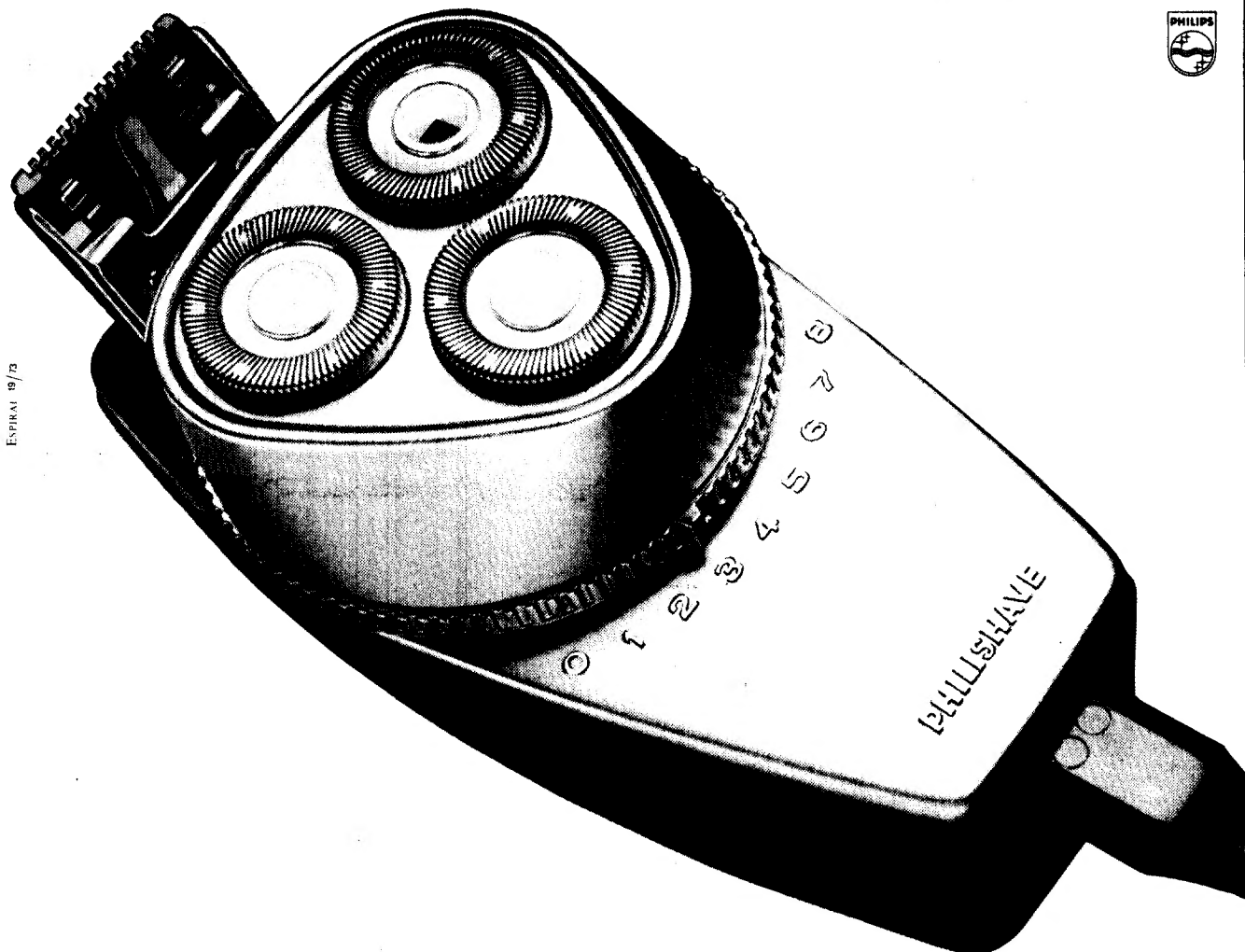
UM DOCUMENTO necessário
para a História de Portugal

Compilação, prefácio e notas de
A. H. de Oliveira Marques

Um livro de

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8 — Mem Martins



nova philishave ajustável

PESSOAL E INTRANSMISSÍVEL

Click! Ao escolher uma das 9 posições diferentes da nova Philishave Exclusive 90 Super, adapta-a de modo pessoal e intransmissível à sua barba do momento.

Consoante o seu tipo de pele, a rjeza da sua barba, a frequência do barbear, as cabeças flutuantes da nova Philishave Exclusive 90 Super, fazem exactamente aquilo que você quiser.

270 ranhuras (90 em cada super-cabeça), constituem uma prova renovada e regulável da evolução do sistema de acção rotativa Philishave.

Para um barbear perfeito, confortável e personalizado prefira a nova Philishave Exclusive 90 Super, com cortapilhas e bigode.

philishave exclusive 90 super
Para homens exigentes — Exclusivamente



PHILIPS

DL/OPINIÃO

Trezentas crianças do Barreiro

Segundo notícias dadas aos jornais, vai a cadeira de Epidemiologia da Escola Nacional de Saúde Pública realizar um estudo epidemiológico em crianças (cem entre 0 e 11 meses, cem entre 1 e 4 anos, e cem entre 5 e 9 anos), para avaliação dos efeitos dos gases tóxicos no aparelho respiratório, pele e outras mucosas dos indivíduos expostos a esses mesmos gases na área do Barreiro. Significa isto, em termos correntes, que trezentas crianças daquela vila vão servir de teste sanitário, durante três anos, segundo também foi informado, para determinação da acção de gases logo de entrada classificados de tóxicos...

Não sabemos que grupo de crianças servirá de testemunho, num país como este, tão heterogêneo quanto às condições sanitárias que oferece a crianças e adultos: escapa-nos a informação do padrão escolhido para este fim. Mas parece-nos escusadamente fútil, e até chocante, a utilização deste material humano: quando qualquer produto é tóxico, julgaríamos ser primeiro dever de quem por essas coisas responde evitar os seus efeitos maléficos... Dar-se-á o caso de as crianças do Barreiro terem menos direito a cuidados de higiene do que as crianças habitando outras latitudes e com diversa ancestralidade?

Um inquérito epidemiológico (se não caímos em erro) justifica-se perante o estabelecimento natural de circunstâncias a que o homem foi estranho, pelo menos dentro do jogo das suas possibilidades actuais. Perante uma epidemia, há que estudá-la na sua evolução e incidência, como nas suas repercussões: estudá-la ao mesmo tempo que se tenta debelá-la curando os doentes e evitando a propagação pelo contágio. Mas a poluição não é uma epidemia, mas sim, e tão so, uma situação que se estabeleceu e mantém por inércia ou incapacidade, ou, pura e simplesmente, por vantagem económica dos industriais. O que se deverá fazer, o melhor e mais curto caminho, é evitá-la antes de instalada, neutralizá-la se já existir, em vez de se protelar a resolução deste gravíssimo problema, empreendendo estudos que, por si só, já representam uma dúvida absurda quanto às acções nefastas dos tais gases comprovadamente tóxicos.

Do que as crianças do Barreiro precisam (aquelas trezentas e os outros milhares que continuarão a envenenar-se sem observação especial) é que lhes limpem o ar que respiram, que lhes dêem alimentos qualitativa e quantitativamente adequados à situação em que se encontram presentemente, que se olhe por elas como seres humanos que são e dependentes que estão das nossas responsabilidades de adultos. Alguém se lembraria de continuar a submeter pessoas intoxicadas à acção do óxido de carbono para confirmar que ele é mortal? De resto, se se insiste na necessidade dos testes, porque não submeter macacos ou outros animais de laboratório, nos quais se poderia dosear devidamente a acção de tais gases? Sabe-se ao menos de que gases se trata?

Mesmo com risco de nos acusarem de meter a foice em seara alheia, parece-nos que o trabalho será inútil, e diríamos mesmo pernicioso se, por se aguardarem as conclusões do estudo, se for protelando a resolução de um problema por de mais evidente, ou que só o não é a quem longe do Barreiro viva. Este teste afigura-se-nos tão eficaz como seria a pesquisa de bactérias de origem fical junto ou perto das bocas de esgoto de um rio: pode-se garantir, desde já, que resultará positivo...

Temos o maior respeito pelas instituições científicas nacionais, mas parece estar faltando, neste caso como em outros, a coragem de abordar os problemas no seu verdadeiro significado, agarrando-os sob uma forma de ataque lógica e construtiva, em vez de, passivamente, deixar correr o rio a ver se molha, que é a imagem mais benigna que na circunstância nos ocorre...

Elefantes e seca

Vinda das regiões do centro, uma enorme manada de elefantes com cerca de 400 cabeças, está há um mês na região de Doba, a 500 quilómetros de Fort Lamy onde devasta as culturas de mandioca.

Uma superfície de 1 400 hectares de campos de milho, no cantão de Kome, ficou inteiramente destruída pela colossal manada. A população da região não se aventura a ir trabalhar nos campos com medo de ser atacada.

Regras prisionais

Os governos de 17 países membros do Conselho da Europa aprovaram um conjunto de 24 regras mínimas prisionais.

A detenção considerada como sanção penal de último recurso deverá ser aplicada segundo as novas regras, já observadas, de resto, por alguns daqueles países.

Em primeiro lugar, nas cadeias não deverá haver nenhuma discriminação e em todas as circunstâncias vigorará o respeito pela dignidade humana. A nova regulamentação apresenta uma extensa lista de medidas respeitantes a higiene, cuidados médicos, contactos com o mundo exterior, trabalho, formação profissional e alimentação (que será de acordo com as normas da dieta moderna). Cada detido poderá apresentar requerimentos e queixas e falar com os inspetores das prisões sem a presença do director ou de outros membros do pessoal do estabelecimento. O emprego de correntes e ferros será proibido. O pessoal das penitenciárias será cuidadosamente escolhido pois a sua actividade deve constituir um serviço social de grande importância.

Estas normas europeias, fruto do trabalho de muitos anos sob a direcção do dr. Robert Schmelck, advogado geral do tribunal de cassação francês e do chefe dos serviços penitenciários de França, baseiam-se nas regras editais em 1955 pela ONU. Estas partem do princípio de que o tratamento dos presos deve ter por objectivo integrá-los na sociedade, capazes de viver respeitando a lei e acudindo às suas próprias necessidades.

Em 1975 a melhoria das condições de detenção será estudada a nível mundial, num Congresso em Toronto, sob a égide das Nações Unidas.

Semana de 40 horas

A semana das 40 horas para os trabalhadores agrícolas entra em vigor na Grã-Bretanha em 1 de Janeiro do próximo ano — segundo um acordo feito na comissão paritária que estudava o assunto. A redução de duas horas semanais que envolve o novo regime, não acarreta redução de salários. Os trabalhadores agrícolas, 320 000, na Inglaterra e País de Gales viram assim satisfeita uma muito antiga reivindicação. Resta outra: o salário semanal mínimo de 25 libras (actualmente é de 19,5 libras).



LEIA
motor

QUADRATIM

ISABEL DA NÓBREGA

BOFETADA DE MÃO PEQUENINA

A neta da Cipriana tem razão. A neta da Cipriana é uma criança de sete anos que vive no Crato, Alentejo. Vieram seus pais a Lisboa passar a Páscoa a casa de parentes que habitam um primeiro andar na estrada de Benfica. A menina tinha vindo a Lisboa ainda só com palmo e meio de altura. E Cipriana quem se desloca três ou quatro vezes por ano para ver os seus. Os padrões compreendem lindamente as necessidades afectivas da fada do lar (ela é a que cozinha fantásticos cozinhados, digo fantásticos porque os faz de maneira opulenta e casta; ela é a que todos os dias lhes passa a roupa por neve e por goma, a que lhes desce a dobra bordada do lençol, à noite, a que encera, dá polimento, a que faz os biscoitos de surpresa, a que à tarde passeia numa segunda volta o aspirador se lhe parece que o alcatifa não está tão penteada e limpa como quando a tratou, de manhã; ela é a que gosta que venham visitas, que apareça gente para jantar mesmo à última hora, enfim) como não haveriam os padrões de abrir bem os olhos e os ouvidos; e abrem uma atenção entre afectuosa e distante para interceptarem os sinais, logo os primeiros sinais anunciadores das saudades, aquele crescendo que ela julga inaudível, na verdade sonoro, que atroa os ares e as áreas

todas da casa onde se move e que é durante tanto tempo seguido o seu mundo — mas não é sua.

Em todo o caso, na última Páscoa, foi o filho, a nora, e a neta, quem se deslocou.

E Cipriana contou-me, entre outros falares, que enquanto a nora se entretinha a ajudar ao fogão quem os recebia, e o filho dava umas voltas pela cidade, um pouco à toa, como num recreio em que o melhor é aquele não-ter-que-fazer, a menina aborrecia-se e entristecia, todo o dia fechada em casa, até que a mãe a deixou ir brincar com outra miúda do prédio para um recanto do passeio onde a fachada, recuada e com alçado, lhes cavava um abrigo e espaço para brincar.

Brincar a quê? Dois, três metros de empedrado, e logo as longas, intermináveis filas de carros tão juntos que pareciam ligados uns aos outros, as buzinas, o fumo negro dos escapes, as buzinas, a furgoneta que muito esperta se adiantava pelo flanco esquerdo e tinha depois de travar abruptamente e quase saltava sobre o passeio, e todos recomeçavam a buzinar, e ninguém avançava e ficava até o ar mais pesado, e o homem que ia sendo apinhado de raspão, no passeio, até disse palavras feias e bateu com a mão aberta no guarda-lamas do carro, e o motorista quis sair cá para fora e bater-lhe mas o freguês disse-lhe

qualquer coisa e ele desistiu. Era isto que via muitas vezes, todas iguais, sem novidade nem graça.

Subiu a menina as escadas de marmorite e percorreu, silenciosas as três divisões assombradas. A tia e a mãe agitavam-se, cruzadas, entre a estreita cozinha e a sala-de-jantar onde havia os sofás-cama para os parentes que dessa vez eram eles, e havia um vaso com plantas de plástico junto da gaiola de um pássaro empalhado: sorumbática pediu, ela que tanta festa fizera ao entrar numa casa de banho com uma tina verdadeira, — nunca tomara banho de tina —, sorumbática pediu que voltassem depressa para a terra.

«E a tua avó, que está velha, não tens pena, não tens saudades, ela, aqui, pode vir ver-nos tantas vezes...» perguntaram os adultos com a perversidade que em geral demonstram, todos eles, no trato com as crianças. Perguntas perfuradoras-de-consciência? Não, o que em geral usam os adultos são perguntas-armadilha, que lhes dão a eles, adultos, boa consciência.

Mas a menina deu uma resposta muito simples. «Pois, da minha avó tenho eu pena e saudades, mas esta cidade não é boa para crianças. Não é nada, nada, própria para crianças. Por isso é que quero ir-me embora.»

Exclusivo Le Monde/D.L.

UMA COEXISTÊNCIA "PRODUTIVA"

O sr. Brejnev não esconde as suas intenções perante a última reunião do comité central do partido: o desanuviamento das relações com os países ocidentais, e em particular com os Estados Unidos e a República Federal Alemã, permite aos Soviéticos a obtenção de uma ajuda financeira, industrial e técnica para o desenvolvimento da sua economia. Em consequência, ele não deixará

de se felicitar pelos resultados obtidos com a sua viagem a Bona. O acordo de cooperação económica, industrial e técnica assinado logo no dia seguinte ao da sua chegada, enche-lhe as medidas, mesmo se algumas modalidades práticas desta cooperação estão ainda por definir. Os próprios industriais alemães, contudo já habituados às dimensões do mercado soviético, parecem algo impressionados com a extensão da tarefa.

Quanto ao chanceler Willy Brandt, este poderá falar legitimamente de uma coexistência «produtiva». As boas relações pessoais que soube estabelecer com o secretário-geral do Partido comunista soviético não são por certo alheias ao clima de franqueza e de confiança em que se desenrolou o encontro. Sobre um ponto que os alemães sempre consideraram essencial, embora sem o reconhecerem expressamente, eles obtiveram dos So-

viéticos uma concessão importante: Berlim é, pela primeira vez, citado no texto comum, e ambas as partes se comprometeram a uma «aplicação estrita e total» do acordo quadripartido de 3 de Setembro de 1971. É indiscutível que o governo de Bona teria desejado que os Soviéticos lhe reconhecessem explicitamente o direito de representar Berlim-Oeste nas Nações Unidas. Não o conseguiu, apesar de todos os seus esforços, mas os Alemães interpretaram o silêncio da União Soviética como a promessa de que, na altura oportuna, ela não levantará objecções de maior.

Poderia o sr. Brejnev ter ido mais longe sem desagradar aos seus aliados, em primeiro lugar à República Democrática Alemã? E não tinha ele declarado pouco antes, em Berlim-Este, que «a R.F.A. não poderia governar Berlim-Oeste, nem agora, nem no futuro»? A prudência do secretário-geral é tanto mais explicável quanto a R.D.A., primeiro parceiro comercial da U.R.S.S., poderia considerar «desagradáveis» os convites dirigidos à sua rival do Oeste em matéria de cooperação económica.

O desejo de não ferir as susceptibilidades dos seus aliados respectivos esteve patente de um e outro lado. O chanceler Willy Brandt sublinhou repetidamente, nos dias que se seguiram, a fidelidade da Alema-

nha Federal em relação à aliança atlântica e a sua vontade de participar activamente na unificação económica e política da Europa ocidental. Assim se explicará o laconismo da declaração comum sobre as futuras consultas políticas entre os dois governos: a República Federal Alemã não se teria mostrado particularmente interessada no estabelecimento de uma periodicidade precisa. Por outro lado, o porta-voz da delegação soviética falou de uma cooperação possível entre a U.R.S.S. e o Mercado Comum.

A propósito das conferências de Helsínquia e de Viena, os dois governos são partidários de uma abertura de autênticas negociações, embora não seja de esperar que a relutância da Alemanha Federal face à redução das forças na Europa tenha desaparecido. O chanceler Willy Brandt continua a reacear que, em última análise, uma tal redução colaria a União Soviética numa posição militarmente muito vantajosa.

Evidentemente, não seria de esperar que a viagem de Brejnev resolvesse todos os problemas; mas estas conversações «francas e objectivas» mostram que mais uma página foi voltada. Dado que os dois países, por motivos diferentes, precisam um do outro, será agora possível estabelecer-se entre eles uma cooperação leal e serena.

"INCENTIVAR A PRODUÇÃO DA FLOR EM PORTUGAL

-sugera o secretário de Estado da Agricultura

«No Continente português e salvo um número limitado de explorações de subsídios estrangeiros radicados em Portugal há anos, as nossas potencialidades da floricultura estão à espera da iniciativa e do dinamismo dos empresários agrícolas» — afirmou o secretário de Estado da Agricultura, prof. Mendes Ferrão na sessão inaugural das Jornadas de Floricultura de Lisboa, promovida pelas Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e com a colaboração da Junta Nacional de Frutas.

Referindo-se à produção da flor cortada, o prof. Mendes Ferrão prosseguiu:

«Os países nórdicos são compellidos a importar bolbos dos países com clima mediterrânico para efectuar as suas próprias culturas e manter uma aquisição permanente, já que, nesses países, uma vez florido, o bolbo não mais é utilizável em boas condições.

Os mercados externos de flor cortada são muito importantes, em particular no período de Inverno e da Primavera, até à Páscoa. Por exemplo, a Suíça importa quase 370 000 toneladas de cravos, no valor de cerca de 4 milhões de francos suíços e a Alemanha consome anualmente mais de mil milhões de

marcos de flores.

Perante mercados tão importantes e reconhecidas as nossas possibilidades, há que incentivar, não só a produção e comercialização das formas de floricultura e que acima me referi, mas ainda a exploração de outras oportunidades que se nos oferecem no domínio das ornamentais. A vulgaríssima gladiolus, tão difundida nos nossos matos, é largamente utilizada no estrangeiro com as folhas pintadas de várias cores, na ornamentação de montes. Possuímos também outras flores e folhagens silvestres de inegável valor. Com elas, em 1962 se organizou no Ateneu inferior da Estação do Rossio uma interessante exposição a qual infelizmente, nunca mais foi repetida. Aqui deixo um alvitre».

A terminar, o secretário de Estado da Agricultura revelou: Para o apoio de iniciativas a lançar no domínio da floricultura, prevê-se que seja criada uma estação especializada no Algarve, durante a vigência do IV Plano de Fomento».

SUICIDOU-SE COM INSECTICIDA

PARANHOS DA BEIRA — A morte de uma empregada de uma cantina escolar, Emília do Amparo Santos Gouveia, de 26 anos, solteira, natural de Sé Nova (Coimbra), que teria ingerido insecticida, apresenta aspectos um tanto insólitos, porquanto algumas opiniões são do parecer que teria sido estrangulada.

Em virtude das suspeitas levantadas chegou a ser detido, por algum tempo, Alexandre Pinto Paiva, de 34 anos, residente naquela localidade na casa em frente da da vítima que teria ocorrido quando ouviu os gritos de aflição da jovem e levando-a, mais tarde, ao hospital onde um médico lhe deu uma injeção, após o que regressou a casa vindo a falecer pouco depois; mais tarde o suspeito foi posto em liberdade por indicação do delegado procurador da República, em Seia.

O caso foi participado à

G.N.R. do posto local que, por sua vez, o remeteu para o tribunal da comarca de Seia. O resultado da autópsia, que ontem se realizou, e que poderá determinar a causa da morte, ainda não foi divulgado, embora segundo algumas informações obtidas em Seia tudo indique tratar-se efectivamente de um suicídio.

NOMEAÇÃO

Foi nomeado chefe do Estado-Maior da Força Naval Permanente do Atlântico, o capitão-de-fragata Joaquim Neves Cardoso Tavares. E a primeira vez que um oficial português é nomeado para comandante daquela Força Naval.

O capitão-de-fragata Cardoso Tavares, partirá brevemente para Bristol, a fim de assumir as suas novas funções.

ROTÁRIOS FRANCESES VISITAM COIMBRA

COIMBRA, 7 — Em retribuição da visita dos rotários de Coimbra, no ano passado, ao Rotary Clube de Bordeus-Oeste, os componentes deste clube vieram agora até nós, em numeroso grupo, tendo visitado diversos locais da região, num passeio em que colaboraram os Serviços de Turismo.

Numa sessão festiva no Rotary Clube de Coimbra, em honra dos rotários franceses, à qual presidiu o sr. Alberto da Silva Mourão, secretariado pelo dr. Francisco Assis Ferreira de Faria, foram aqueles saudados, em nome dos rotários conimbricenses, pelo dr. Eugénio Monteiro.

Trocaram-se amistosas saudações entre os presidentes dos dois clubes e o presidente do clube bordelês, sr. Michel Berard-Sudreau ofereceu significativas lembranças.

Depois, o rotário francês dr. Ange Condoret falou, em português, para manifestar a alegria de todos por esta visita, acentuando a fraterna cordialidade entre rotários franceses e portugueses. Disse da emoção na visita à Universidade, uma das primeiras da Europa, fundada — recordou — por D. Dinis quando Aliénor reinava na Aquitânia, e na sua entusiástica elocução lembrou a certa altura, «que devemos todos a um bordelês, Laverne de Guillerague, amigo de Racine e Molière, essa pequena obra-prima, tão discutida da nossa literatura do século dezassete, que são os Cartas, apaixonadas, da freira portuguesa» (Soror Mariana Alcoforado).

Foi organizado um programa de atractivos para a visita dos rotários franceses.

DETIDO O AUTOR DE VÁRIOS FURTOS DE OBRAS DE ARTE

Foi detido um jovem com menos de 20 anos, originário da região de Alcácer do Sal, que, segundo as autoridades, teria sido o autor de numerosos furtos em moradias na zona do Estoril e Cascais.

Identificado pelos peritos do Gabinete de Identificação e Pesquisas e do Laboratório Científico da Polícia Judiciária, as autoridades lograram recuperar grande parte dos furtos que não tinham sido transaccionados e se encontravam numa dependência transformada em armazém.

O indivíduo que segundo se presume actuava sozinho dedicava-se especialmente aos objectos de arte, sabendo escolher o que lhe interessava e num palacete da Queda de Sabóia, no Monte Estoril, retirara duas te-

las, cada uma avaliada em 250 contos, da autoria, respectivamente de Malhoa e de Silva Porto, além de louças antigas da China, da Companhia das Índias, em que figuravam duas terrinas valendo mais de 300 contos, bem como baixelas e talheres de prata.

Não obstante a Polícia Judiciária continuar a manter silêncio sobre o caso, ter-lhe-iam sido atribuídas as responsabilidades, também, de furtos cometidos em Lisboa e em dois abastados solares da margem esquerda do Tejo.

ANGOLA

Procuram-se diamantes

LUANDA, 7 — (L) — Segundo informa, com as naturais reservas, o Semanário «O Sul», editado em Benguela-Lobito, estariam em curso a cerca de 750 quilómetros desta última cidade e em terras pertencentes ao distrito do Bié certos traba-

lhos de pesquisa relacionados com a possível existência de diamantes naquela zona.

A revista, ao dar a notícia sem a confirmar, promete aos seus leitores que brevemente aprofundará o assunto.

2054 EXPOSITORES NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

A Feira Internacional de Lisboa que será inaugurada no próximo sábado pelo Chefe do Estado terá, este ano, 2054 expositores quando o ano passado compareceram 1843. 24 Países estarão presentes no certame in-

cluindo a Rodésia, Checoslováquia e Bulgária, bem como um grande número de expositores italianos (224), segundo foi revelado esta manhã no decorrer de uma conferência de imprensa, organizada pelos promotores da Feira, a Associação Industrial Portuguesa.

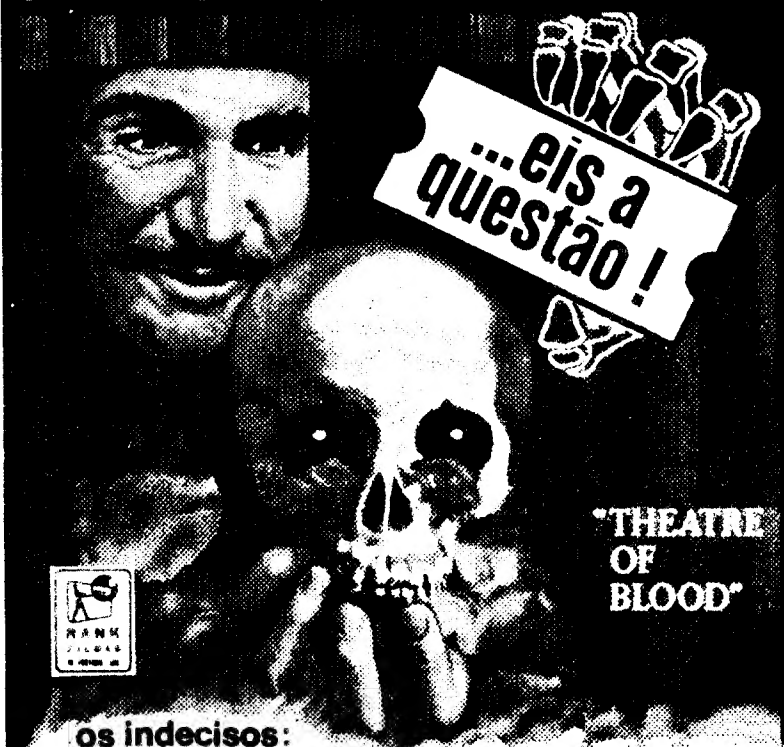
Durante a referida reunião foi salientado que esta Feira atinge uma projecção especial devido aos recentes acordos de Portugal com o Mercado Comum. Os organizadores estranharam a ausência de representantes das Feiras de Lourenço Marques e Luanda.

SAO JORGE



HOJE ESTREIA, AS 21.30
UM DRAMA PARA RIR!
HUMOR NEGRO E «SUSPENSE»!

MATAR OU NÃO MATAR...



os indecisos:
VINCENT PRICE e DIANA RIGG
as vitimas convidadas:

IAN HENDRY HARRY ANDREWS + CORAL BROWNE
ROBERT COOTE + JACK HAWKINS + MICHAEL HORDERN
ARTHUR LOWE + ROBERT MORLEY + DENNIS PRICE

Filmado em "sangüinário" colorido

United Artists GRUPO D 18 ANOS

JF ELECTRICIDADE

JF MECÂNICA

JF TELEFONIA

JF CLIMATIZAÇÃO

JF DE AZEVEDO E SILVA & CIA. Lda
Trv. Fábrica dos Pentes 8
Tel. 654165 - LISBOA

FILMES CASTELLO LOPES

50

apresenta

O filme de JEAN-LUC GODARD

O sexo e a juventude da França de hoje



masculino

JEAN-PIERRE LÉAULT MARLENE JOBERT
CHANTAL GOYA

4.ª SEMANA

GRUPO D - 18 ANOS

«Um documento agressivo e provocante Obrigatório Diário de Lisboa

estudio 444

ATENÇÃO: 6.ª e Sábado 4 Sessões Diárias
15.30 18.30 21.45 e 0.30

TV

DL/ESPECTÁCULOS

E O DUQUE AO MENOS, GOSTOU? PALAVRA?

Para festejar a visita do Duque de Edimburgo, ofereceram-lhe a reconstituição de uma picaria real da época de D. José I. Quiseram talvez agradar ao espírito tradicional dos ingleses; sem se lembrarem de que fatos de tradições até aos cabelos estão eles. Basta-lhes chegar à janela, de manhã, e assistem a gestos, vestuários, equitações e charangas do tempo de Guilherme de Orange ou ainda menos.

Nós sabemos, e se não soubéssemos Manuel Amaral trataria de no-lo recordar, que o Duque de Edimburgo gosta muito de cavalos. Marido de uma das maiores proprietárias de coudelarias do mundo, pai de uma famosa cavaleira, futuro sogro doutro cavaleiro exímio, ele próprio gosta muito de montar.

Pensou-se por isso que nada lhe seria mais grato do que assistir a uma sessão de cavalarias. O resultado, pelo menos do ponto de vista do telespectador comum, foi desolador.

Afinal, nada mais se fez senão mandar os cavaleiros tauromáquicos e mais as suas montadas fazer aquilo que fazem no Campo Pequeno, mas sem os touros. A tal «picaria real», de que tanto se falou limitou-se a quê? Pelos modos limitou-se a uma «reconstituição» com tudo quanto de vago, de aéreo, de invenção, tal palavra por vezes se reveste, muito principalmente quando nenhuma tradição viva lhes manteve os contornos essenciais.

Para agravar a situação, a naranga da Guarda Nacional Republicana (suponho eu que ainda em obediência à fidelidade da reconstituição) encheu de monotonia os solenes inter-

valos. Foi uma dura prova para os telespectadores. Os espectadores presentes na quinta do Correio Mor teriam, certamente, outros motivos de encanto e de espectáculo: o palácio todo iluminado, os holofotes fortemente assestados para os montes em volta, os archotes a balizar os caminhos — tudo isso constituiria cenário maravilhoso para os olhos. Muito embora, como muito bem notou Manuel Amaral, a iluminação não fosse a mais apropriada para a TV.

Com tudo isto, não se pretende esquecer a dificuldade existente hoje em dia quando se pretende oferecer a um visitante de cerimónia um espectáculo digno da sua alta hierarquia. Não lhe vamos oferecer teatro porque, não temos teatro,

Nem lhe vamos oferecer uma sessão de bailado, com obrigatoriedade da «Morte do Cisne», que é coisa clássica ao alcance de todos os entendimentos. Podemos talvez pensar numa corrida de touros à portuguesa, com muitos forcados a caminho da enfermaria — mas também não podemos abusar da receita. Pelo que estaria indicada uma festa popular, de qualquer modo bastante popular. Claro que, para passar uma tarde, a impossibilidade não existiria: levavam-se os nossos ilustres visitantes a assistir a uma apatidão de gado em casa de grande lavrador do Ribatejo (que ainda os temos, a Deus graças!) com toda a graça, colorido, movimento dos campinos.

O problema é o das noites de gala. Que espectáculos lhe ofereceríamos? Exibições de ranchos populares? Isso têm eles nas suas terras, santinhos, e ainda, piores, incluindo as galas-d'foles. Para nos man-



Por MARIO CASTRIM

termos nos limites das manifestações populares não se pode, em boa verdade, e por razões óbvias, oferecer-lhes uma sessão de concursos de fadistas; nem a exibição de bandas. Como já vamos entrando e muito pelo Junho das noites quentes, talvez tivesse sido preferido oferecer ao ilustre hóspede uma noite em Alfama, com uma rica sardinhada, carrascão, batatas cozidas com a pele. Sem esquecer os balões coloridos, o fogo-de-artifício e o cenário do casario enegrecido pelo tempo. Com muito povo, como habitualmente.

Em vez disto, preferiu-se a charanga a passo lento, as cor-

tesias e as traquinices dos cavalos tauromáquicos.

Não me parece, no entanto que fosse este o espectáculo mais valioso a oferecer ao Duque de Edimburgo. Pelo menos, os telespectadores não tinham culpa, mesmo que ele gostasse muito.

EM NOME DE MODERNISMOS TRÁGICOS

O capitão Villa-Lobos, lutador infatigável pela integração dos mutilados na sociedade portuguesa, participante do Congresso dos antigos Combatentes há dias realizado no

Porto, tomou o gosto pela televisão.

Vimo-lo ontem, em pleno telejornal: «Venho hoje falar-vos das corporações de segurança». E acrescentou: «E a altura de prestigiar essas organizações».

Referiu «os baixos vencimentos e as reduzidas habilitações que não atraem os mais dotados; a tradicional generalização de um acto rude ou infeliz de um dos seus elementos; o hábito familiar de atemorizar as crianças com o polícia e principalmente desconhecimento da importante e indispensável missão das organizações policiais existentes, das dificuldades com que lutam, do esforço e trabalho que realizam sob o chuveiro de impropérios das pessoas a quem servem». Para concluir que «tudo, mas tudo, conduz cada vez mais ao descrédito das corporações policiais».

Um apelo: «Há que realizar um esforço colectivo pela valorização das organizações em causa».

Com veemência: «Será que a crise da autoridade tão fala-

da, a tal crise que começa em casa quando os pais abdicam em nome de modernismos trágicos, de maravilhosa fatalidade que é a paternidade para serem apenas «camaradas» quando deviam ser pais e educadores antes de tudo — e só depois camaradas».

E pergunta-se: «Será que a crise de autoridade estará também ligada ao descrédito das corporações de segurança?»

Sugere que, aos elementos dessas corporações, há que exigir melhores habilitações e pagar mais. E que há também, e para já, que «restituir a esses humildes mas grandes servidores públicos, o respeito e admiração que merecem».

Que nos recordemos, diz, de todos os seus sacrifícios para lutar contra a desordem, o vício, a droga, o crime que invade as nossas cidades, os nossos campos, os nossos lares.

Pede finalmente à cidade do Porto que preste homenagem ao seu comandante da P.S.P. que dentro de dias deixará o seu cargo.

1 SEMANA LONDRES

PARTIDAS:

TODOS OS DOMINGOS

Abril 23 e 29

Maior 6, 13, 20 e 27

Junho 3, 10, 17 e 24

PREÇO EXCEPCIONAL

3050\$

INCLUINDO:

- VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
- ESTADIA NO HOTEL
- TRANSPORTES EM TERRA
- VISITA TURÍSTICA DE LONDRES
- TAXAS HOTELEIRAS
- ASSISTÊNCIA DE GUIA **abreu**

PREÇO PARA JOVENS

2750\$

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

FUNDADA EM 1840

LISBOA—Av. Liberdade, 160

Telef. 320021 (15 linhas)

PORTO—Av. dos Aliados, 207

Telef. 37921 (15 linhas)

COIMBRA—Rua da Seta, 2

Telef. 27001/27002

Banda Brasileira toca no Rossio

Em testemunho de simpatia pelo público de Lisboa, a banda do navio-escola brasileiro «Custódio de Mello» dá um concerto público depois de amanhã, às 13,30 horas, no Rossio. A iniciativa partiu do comandante do barco, a que a Câmara Municipal se associou.

LONDRES

DESDE ESC. 2745.00 UMA SEMANA

PARTIDAS SEMANAIS DE JUNHO A OUTUBRO

VIAGEM DE IDA E VOLTADA EM MODERNO AVIÃO A JACTO-TRANSPORTE AEROPORTO-HOTEL AEROPORTO EM LONDRES-DORMIDA E PEQUENO ALMOÇO-VISITA GUIADA A LONDRES TAXAS DE AEROPORTO-GUIAS PORTUGUESES

UMA PROMOÇÃO IBERTUR

NORTUR/PM TURISMO

LISBOA R. Barata Salgueiro, 8 Telef. 58874

PORTO R. José Faia 82 Telef. 27587

CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco Borgia, 24 às Janelas Verdes

Hoje e todos os dias às 22 h.; Sáb. às 16 e às 22 h.; Domingo só às 16 h. Últimas semanas

A DANÇA DA MORTE

EM 12 ASSALTOS

Com Carmen D'lores, Augusto Figueiredo e Alvaro Benamor. Encenação de Jorge Listopad. Marc. Telef. 677299. M 18 a.

Subs. Fundo Teatro

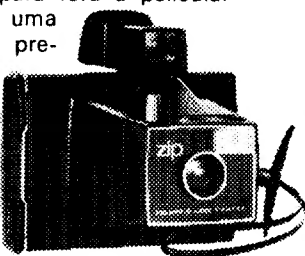


Polaroid é uma marca registada da Polaroid Corp., U. S. A.

Fotografias num minuto. Porquê esperar mais?

A fotografia que vê acima foi revelada em 60 segundos. (Bem gostaríamos que V. pudesse ver-lhe as cores). Foi feita com uma máquina fotográfica instantânea Polaroid. A Colorpack 80. Regule a distância, olhe através do visor e carregue no disparador. Depois puxe para fora a película. Um minuto mais tarde V. tem uma bonita fotografia a cores. (A preto-e-branco em segundos). É tão simples como isto! A Colorpack 80 custa só 1.545\$00. Tem fotómetro e obturador electrónico que regulam automaticamente a exposição.

Objectiva nítida de 3 elementos. Flash incorporado para 4 disparos de cubo-flash. E usa a nossa económica película quadrada em carregador que lhe poupa 30 % em cada fotografia a cores. Ainda por menos dinheiro tem a nossa nova Zip. Só 780\$00. Um fotómetro incorporado diz «YES» quando a luz está correcta. Obturador rápido que congela a acção. Flash incorporado. Carregamento fácil com a película quadrada. Agora V. tem duas máquinas instantâneas Polaroid de baixo preço por onde escolher! Porquê esperar mais?



Zip



Colorpack 80

Máquinas Fotográficas Instantâneas Polaroid

Representante: BELTRAO COELHO, LDA. — Lisboa/Porto

DI. ESPECTACULOS



"Matar ou não matar... eis a questão!": estreia marcada para esta noite

Estreia-se hoje num cinema da capital o filme «Matar ou não matar... eis a questão!» (Theatre of Blood, no original). Trata-se de uma comédia «macabra» realizada por Vincent Price e tendo como protagonista o próprio realizador.

A história: um actor clássico, de nome Edward Lionheart, regressa do túmulo para se vingar de nove críticos teatrais que nunca o premiam com o galardão de «melhor actor». Os críticos vão morrendo a osom de «normes» e «tadas shakespeareanas».

Para além de Price, os actores de «Matar ou não matar... eis a questão!» são Diana Rigg (a primeira parceira do protagonista e «Os vingadores»), Jack Hawkins, etc: um «cast» de bom nível.

Em Stratford o teatro é negócio

Os ingleses tendem a considerar Stratford arruinada pelo comércio. Mas para o padrão norte-americano esta nova cidade-mercado é um milagre de reservas inexploradas. Embora o maior negócio da cidade seja sempre o teatro.

A Royal Shakespeare Company (RSC) tem dois teatros, um aqui e o outro em Londres. Empreende digressões não só pela Grã-Bretanha como também por todo o mundo. A admirável produção de Peter Brook,

da peça «Sonho de Uma Noite de Verão», tem assentado arrais por todo o lado durante o ano em curso, desde o Japão aos Estados Unidos. No Verão desloca-se à Austrália.

Todos os anos, desde 1965, a RSC tem vendido mais de um milhão de bilhetes, que no ano passado renderam mais de um milhão de libras na bilheteira, cifra inigualada por qualquer outra companhia, em todo o mundo. Quase metade desses bilhetes foram vendidos aqui. Na

temporada de Março a Dezembro o teatro de Stratford vendeu em média 95,9 por cento do total dos bilhetes vendidos pela companhia e, na altura de maior entrada de turistas, essa percentagem eleva-se aos 100 por cento.

A novidade este ano é a peça «Ricardo II», na qual Richard Pasco e Ian Richardson, alternam de noite para noite, os seus papéis: um interpreta o papel de rei e o outro faz de Bolingroke. Isto tem por objectivo mostrar a interdependência dos caracteres que representam — «a subida de um ao poder depende da queda do outro». Ao mesmo tempo, obriga os actores que representam figuras secundárias a não autorizarem os seus papéis.

Este espectáculo tem sido um êxito, ao contrário do «Romeu e Julieta», apresentado como uma peça gótica, anti-romântica.

A 12 de Junho será representada a comédia «As You Like It», com Eileen Atkins. Em meados do Verão sobe à cena «Love's Labor's lost», seguindo-se-lhe no Outono «The Taming Of The Shrew».

Últimas representações da "Comédia Moscheta"

Terminou, no Domingo, as representações da «comédia Moscheta» de Angelo Beolco, o «Ruzante», que «Os Bonecreiros» têm estado a apresentar no salão dos Bombeiros Voluntários Lisboenses.

Devido à grande afluência de público e ao facto de muitas pessoas não terem conseguido lugar para assistirem ao que a crítica responsável considerou o melhor espectáculo em cena em

Lisboa, «Os Bonecreiros» adiarão por uma semana a «tournee» já programada que agora terá que ser iniciada impreterivelmente no dia 12 do corrente.

A «Comédia Moscheta» tem encenação de Mário Barradas e cenários de Christian Ratz. Colaboraram no espectáculo os actores Fernando Alves, José Gomes, Maria Emília Correia, Mário Jacques e Vicente Galfo.

"Amália Canta Portugal" no mercado do disco francês

Uma marca de discos lançou no mercado francês uma super-cassette com canções de Amália Rodrigues, a que foi dado o título geral, em português, «Amália Canta Portugal».

Desta «cassette» fazem parte,

entre outras, as canções «Fadinho da Tia Maria Benta», «Abana», «Malhão de São Simão», «Maria Rita Cara Bonita», «Rosinha da Serra de Arga», «Malmequer», «Bailarico Saloio» e «Tirana».

Saiu mais um número da revista "Celuloide"

Continua a publicar-se com regularidade a revista mensal de cinema CELULOIDE, fundada em Dezembro de 1957, já com uma obra de cultura cinematográfica reconhecida por nacionais e estrangeiros.

Tratando a sério os temas de cinema, impõe-se como uma das revistas da especialidade que, com mais firmeza e serie-

dade, trabalham em prol da cultura fílmica.

A revista é editada em Rio Maior, sob a direcção do crítico Fernando Duarte, director-adjunto do «Diário do Ribatejo» e também director do Festival Internacional do Filme Agrícola e de Temática Rural, que este ano se vai realizar em Santarém, pela terceira vez, no próximo mês de Novembro.

"Bailado em acção" no S. Carlos

O Círculo da Iniciação Coreográfica, fundada há 26 anos por Margarida de Abreu, promove, no dia 13, pelas 16 e 30, no Teatro Nacional de S. Carlos, o seu espectáculo anual «Bailado em Acção» no qual serão apresentadas as classes dos cursos particulares dessa professora. Colaboram, no espectáculo, alguns dos seus ex-alunos: Magda Cardoso, Jorge Trincinhas, Albino Morais e Maria Manuel Varela Cid que, hoje, são primeiras figuras no panorama do Ballet português.

Discos novos

O Coro da Universidade de Lisboa acaba de gravar um LP com temas populares, canções polifónicas e uma peça da autoria do seu maestro, Fernando Eldorado. O disco estará no mercado no próximo mês.

Será lançado amanhã, no auditório da Sasseti, o segundo trabalho de longa-duração de Sérgio Godinho.

Serão de Rui Ressurreição os arranjos do primeiro LP do grupo «Intróito», a gravar no próximo mês.

Valério Silva tem novo disco no mercado. Segundo nos informam, os arranjos de Jorge Palma estão muito bons.

Rita Olivais terminou, esta manhã, a gravação de mais um EP, com canções de sua autoria.

"Paz e amizade entre os povos" - tema do VIII Festival de Moscovo

Cada país pode apresentar uma longa-metragem e curtas-metragens com a duração de 40 minutos, no Oitavo Festival Internacional do Filme, cujo tema é «para o humanismo da cinematografia, para a paz e a amizade entre os povos», abre a 10 de Julho e termina a 23.

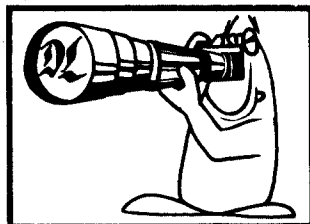
Integrados no festival serão projectados filmes infantis e juvenis.

"A Serpente" no T.U.P.: um espectáculo de criação colectiva

O Teatro Universitário do Porto vai comemorar, em Dezembro, os seus 25 anos de existência. Depois de Gil Vicente, Anrique da Mota, Shakespeare, Aristófanes, Thornton Wilder, Tennessee Williams, William S. Royan, Bueno Vallejo e outros, o T.U.P. está a preparar um espectáculo integrado nas modernas tendências do teatro.

Desde Novembro de 1972 que o encenador argentino David Amitin, a convite da Gulbenkian, dirige dois cursos naquele grupo de teatro estudantil.

Como resultado deste trabalho surgiu um espectáculo de criação colectiva, intitulado «A Serpente». Após seis meses de preparação intensa, o T.U.P. espera que, com o patrocínio do Ministério da Educação Nacional, da Fundação Gulbenkian e da Câmara Municipal do Porto, que acedeu em pôr à disposição do grupo o Palácio de Cristal, possa realizar uma obra de arte viva e actual.



"Perdido Por Cem" em San Sebastian

O realizador cinematográfico norte-americano Rouben Maoulian preside este ano ao júri do 21.º Festival de San Sebastian que se realiza de 15 a 24 de Setembro.

O ciclo retrospectivo do festival será dedicado a este realizador, entre cujas produções se destacam «Aplausos», «Rainha Cristina da Suécia» (com Greta Garbo), «A Feira das Vaidades» (primeiro filme a cores), e o seu último filme, rodado em 1957, «A Bela de Moscovos».

Para o júri foi também convidado o crítico espanhol Alfonso Sanchez.

Prevê-se a apresentação de «Perdido por cem» em San Sebastian.

No Porto

OS MODESTOS — O Grupo dos Modestos vai apresentar a noite do próximo dia 16, na sede de espectáculos, a peça «Retábulo do Flautista» do jovem autor catalão Jordi Teixidor. A representação está a cargo do Grupo Oliva e a encenação é de Artur Ramos, sendo responsável pelo cenário e figurinos Mário Alberto.

INSTITUTO FRANCÊS — No Instituto Francês será exibido hoje o filme «Port-Bouite» com Gerard Philipe e Dani Cerel.

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos

TEATRO Tel. 86 47 56

LAURA ALVES

UMA DIVERTIDA
COMÉDIA INGLESA

10 MESES NO CARTAZ

A CASA DOS
COMUNS

com Simone, Armando Cortez,
Fernanda Borsatti, Luís Alberto,
Alda Pinto e Alice Carla à frente
dum notável elenco, e a colaboração
de Dário Barros e Joaquim Rosa

Todas as noites: às 21.45 horas
SÁBADOS, 2 SESSÕES:
às 20.45 e 23 horas
Domingos, «matinéas» às 16 h.
à noite, às 21.45 h.
2.ª feira, descanso da C.ª

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

6.º MES

Grupo D M/ 18 anos
Uma divertida comédia com
IRÈNE e OCTAVIO

SEXO,
NUNCA
SOMOS
RITA
NICO.S.

No elenco:
Carlos Duarte, Carlos José Teixeira,
Victor de Sousa, Maria Laurent,
Mariano Franco, Fátima Miranda e Fernanda Franco

Todas as noites: 21.45 h.
4.ª feira, descanso da C.ª
SÁBADOS, 2 SESSÕES:
20.45 e 23 h.
DOMINGO
«Matinée» às 16 horas e à noite
às 21.45 h.

FEIRA POPULAR DE LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»
HOJE E TODAS AS NOITES A PARTIR DAS 19 H.

APRESENTA

A PAR DAS DIVERSÕES E DA FEIRA INTERNACIONAL DE AMOSTRAS, TODOS OS REQUINTES DE CONFORTO AO AR LIVRE

RESTAURANTES — RETIROS — ESPLANADAS —
CERVEJARIAS — CAFÉS — GELADOS — FARTURAS —
SUMOS — PASTELARIA E DOCES — VINHOS DE TODAS AS REGIÕES, SORTEIOS, etc., etc.

— Transportes fáceis, directos e assegurados —

BREVEAMENTE: «O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPÁ»
NO TEATRO VILLARET / um novo estilo de comédia
— M/ 14 anos

CRÍTICA DE TEATRO

«Retábulo do Flautista», de Jordi Teixidor. Tradução: Rui Lebre (colaboração de J. J. Santos). Música: «Tábano» e Carlos Berga. Encenação: Artur Ramos. Cenário e figurinos: Mário Alberto. Direcção de cena: Amílcar Ramadas. Direcção cenográfica e de montagem: Armando Marques. Pontos: M. Adelina Silva e José Filipe Gonçalves. Contra-regra: Luís Machado. Operação de luz: Casimiro Lemos. Electricista: Manuel P. da Silva. Operação de som: José da Silva Santos. Montagem: Alberto Pina, José Pinheiro, Luís Marques, David Deocleciano. Ensaio de canções: Pedro Faro. Intérpretes: José Mário Marques, Moisés Soares, Maria Pinto, Gustavo Pimenta, Arminda Sousa, António Tallas, Duarte Sousa, Joaquim M. dos Santos, José Domingos Resende, Sérgio Perestelo, José Ribeiro, António Marinho, Alfredo Pinho, Manuel Paiva, José Lino, António Pinho (Lopes), Alcino Silva, Fernando Cardinalli, Otilia Oliveira, Manuel Couto, Ernesto Mota, Ernesto Rodrigues, Joaquim Oliveira, Júlia Melo, Alice Marques, Antídio Paiva, Cidália Pinho. Músicos: Manuel L. Simão, Vieira Marques, Adão Pereira. Grupo de Teatro do Centro de Cultura e Recreio Oliva. Teatro Imperador (S. João da Madeira). 31/5/73.

O AUTOR — Jordi Teixidor nasceu em Barcelona em 1939 e permaneceu em França de 1942 a 1949, ano em que regressou à capital da Catalunha. Em 1963, colaborou na fundação do Grupo de Teatro Popular «El Camaleón». Em 1965, estreou as suas primeiras obras. Obteve com «El Retábulo do Flautista» o prémio J. M. Sagarra. Fez duas versões daquela peça que esteve em cena durante mais de um ano num teatro de Barcelona. O grupo «Tábano» apresentou «El Retábulo do Flautista» em Madrid numa única sessão. O encenador catalão da peça de Teixidor, Feliu Formosa explica o seu êxito nestes termos: «a peça tem uma característica que a distingue da maioria das peças teatrais escritas por dramaturgos catalães jovens: é uma obra sustentada numa experiência cénica de alguns anos, uma obra que não teria sido escrita se o autor não tivesse mantido um contacto contínuo com aqueles públicos que habitualmente não vão ao teatro. Esse contacto influuiu não apenas na redacção final da peça como também no processo, na elaboração do material dramático».

Por sua vez, Jauler Fuster, no prefácio da edição castelhana da peça, descreve assim a experiência do autor: «Trata-se de uma experiência enriquecida e ampliada à medida em que o grupo ia desenvolvendo o seu trabalho experimental, primeiro nos bairros mais afastados de Barcelona e depois em povoações e vilas de província».

São ainda do encenador Feliu Formosa as seguintes palavras: «A trajectória cénica de Teixidor explica que no «Retábulo» a aplicação de fórmulas de procedência claramente brechtiana não seja nunca mecânica. Por isso, o didactismo, a utilização de canções, a estrutura narrativa das cenas, a técnica de retábulo não foram objecto de uma

adopção mimética, mas de uma incorporação válida na procura de uma nova linguagem teatral e na conquista de um novo público. (1)

Foi esta a peça escolhida pelo Grupo de Teatro do Centro de Cultura e Recreio Oliva para apresentação ao Concurso de Teatro Amador. Rui Lebre, que a traduziu, começou a trabalhar no texto que foi obrigado a abandonar por motivos profissionais; seguidamente, Júlio Cardoso iniciou a encenação que, por razões de saúde, teve também de suspender; finalmente, Artur Ramos foi chamado para dirigir o espectáculo. Jordi Teixidor serviu-se de uma velha lenda germânica (creio) que conta a história de um jovem flautista a quem todos os animais seguem quando toca flauta. Assim eliminava as pragas de ratos que na Idade Média infestavam as cidades alemãs.

Na peça de Teixidor, a figura de Hans, o flautista, é mero pretexto dinamizador da acção mantendo-se marginal ao que há na peça de fundamental: a luta entre as várias facções em que se divide a comunidade atacada pelos ratos. Por isso, se compreende que nesta encenação, o narrador e Hans sejam interpretados pelo mesmo actor.

Artur Ramos criou, com Mário Alberto cuja colaboração me pareceu fundamental, um dispositivo que traduz precisamente os polos de tensão em que se jogam as situações da peça. Um praticável serve de «podium» para as cenas interpretadas pelas personagens de posição superior (autoridades e burgueses); à esquerda, uma guarita gradeada serve de prisão para o flautista; à direita, um pequeno estrado para os três músicos. No palco deambula o povo que reclama justiça. Um rato gigantesco onde estão incrustados planos simples de edificações representa simultaneamente a cidade e a ameaça que cai sobre ela.

Um narrador vai introduzindo a acção e várias personagens resumem sucessivamente o desenrolar de cada quadro. O texto passa da narração pura à interpretação teatral que é frequentemente cortada por canções que criticam a acção das personagens ou a distância.

O povo exige que as autoridades ajam no sentido de acabar com os ratos porque estes já não são apenas ratos, são autênticas ratasanas que comem tudo e começam mesmo a devorar as crianças. Assistimos, então, ao itinerário tortuoso seguido pelos responsáveis (burgomestres, vereadores, chefe da milícia, reverendo) para destruir a rataria mas de forma a que dessa destruição lhes advenha algum proveito.

A intervenção de Hans, o flautista, parece ir acabar com as dificuldades tanto mais que o burgomestre lhe dá o seu apoio: outras forças, no entanto, se levantam, e Hans é preso por bruxo. As ratas acabam por dominar a cidade e obrigam os seus habitantes a abandoná-la mas em vão porque a praga alastra por todo o Mundo (nessa altura os elementos que representam a cidade sobem e o rato fica em todo o seu esplendor a dominar o palco).

A cidade e os ratos

Conto a história que serve de suporte à peça de Teixidor por me parecer modelar como ponto de partida para uma lúcida análise de situações. O autor conseguiu a fusão entre a história (e não esqueçamos que o espectador não habitual encontra na lenda uma motivação que o prende), com os «incidentes» de percurso que funcionam como elementos significantes. No entanto, pode considerar-se que o espectáculo se joga como uma obra aberta permitindo várias leituras, como por exemplo, o do aparecimento do nazismo na Alemanha. Esta multiplicidade de leituras não destrói a força de alerta que o texto contém porque todas elas surgem subordinadas precisamente a esse objectivo.

Imagina-se facilmente as dificuldades de interpretação que este texto apresenta pela simplicidade linear (trata-se de um retábulo, não o esqueçamos) que o define. A essas dificuldades, que o encenador felizmente não tentou iludir, acresce o facto do Cine-Teatro de S. João da Madeira, além de bruto e feio, ser perfeitamente impróprio para o teatro. O arquitecto que o planeou e o capitalista que o pagou não pretenderam fazer uma casa de espectáculos mas sim um armazém para meter o maior número possível de pessoas. Por isso, a péssima acústica da sala prejudicou bastante o desempenho do espectáculo tanto mais que os amadores da Oliva não dispõem, como é natural, de uma técnica vocal que lhes permita vencer esse obstáculo. Mesmo assim, suponho que Artur Ramos não dispôs de tempo suficiente para trabalhar devidamente os actores cujo rendimento poderá vir a ser maior.

Depois destas observações, já posso dizer que este espectáculo de amadores (os actores da Oliva são mesmo operários com uma única excepção que não se nota, honra lhe seja) foi uma das coisas mais estimulantes que vi ultimamente e poderá contribuir para uma maior consciencialização (por todos nós) do que poderá ser um teatro popular verdadeiramente eficaz. Se o principal contributo pertence ao próprio texto — uma das mais belas coisas feitas em palcos nacionais — não há dúvida que seria insuficiente se não tivesse sido concretizado com a inteligência e o sentido teatral que o marcaram.

Não destacarei nomes de actores porque se trata de um espectáculo cuja principal virtude reside na sua força coral. Direi apenas que palco e sala se identificaram num todo admirável (a maior parte da assistência era também constituída por trabalhadores da Oliva) e que aqui se provou que se por vezes, lamentavelmente, o espectáculo é obrigado a colocar-se contra o espectador, só quando está com ele se cumpre inteiramente.

P. S. — Tive a sensação de que os intérpretes estavam fatigados na noite em que vi o espectáculo (tra-

balho, ensaios, alguns deles morando longe da vila) o que teria prejudicado o seu ritmo, pois este texto exige força e entusiasmo. Trata-se, sobretudo, da tensão própria de uma função feita para um iuri. Porque, logo a seguir, na sede do Centro Cultural, durante quase

duas horas, toda a «malta» cantou, riu, pulou, sob a batuta de um senhor espantoso chamado Joaquim Magalhães Santos, que além de ser um actor primoroso consegue ser um animador «de se lhe tirar o chapéu». Como é que hei-de dizer sem parecer demagógico: durante esse tempo tive a sensação de estar entre gente viva.

CARLOS PORTO

(1) Ver «El Retablo del Flautista». Col. Teatro, n.º 714. Ed. Escalicer.

CARLOS PORTO

AÇORES: A S.E.I.T. APOIA UM FILME

PONTA DELGADA, 7 — (L) — Chegaram a Santa Maria, vindos de Lisboa, os cineastas Jorge Cabral, Manuel Costa e Silva e José Teixeira Santos, que vêm aos Açores afim de colherem imagens das nossas ilhas, para um documentário cinematográfico realizado pela Telefilmouro, como o pLO DA Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

CRÍTICA DE MÚSICA MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Penderecki: do cântico amorfo ao capricho erótico

A Fundação Gulbenkian encomendou a Penderecki uma obra coral-sinfónica, que foi agora apresentada em primeira audição na presença do compositor. Trata-se do *Canticum Canticorum Salomonis*, baseado, como logo se deduz do título (bastwtraduzir), no *Cântico dos Cânticos* da Bíblia. Uma referência mais, portanto, na obra de Penderecki, às crenças religiosas do compositor.

A interpretação coube à Orquestra Gulbenkian, reforçada com elementos da Sinfónica da E. N. e da Filarmónica de Lisboa, ao excelente Conjunto Vocal da Rádio Neerlandesa (16 vezes) e ao conjunto *Les Percussions de Strasbourg*, que é um dos «fenómenos» mais aliciantes produzidos pela música contemporânea. Tudo sob a direcção — imagine-se! — do maestro Albert. Não posso avaliar, evidentemente, a extensão interpretativa do seu trabalho numa obra que eu desconhecia inteiramente, mas é-me legítimo calcular que exerceu com eficácia as funções de metrônomo, em termos de proporcionar a todos os intervenientes iguais oportunidades de darem as entradas a tempo. Se com esta omissão do mais que se deve pedir a um chefe de orquestra liquidou a música de Penderecki, como já liquidara na primeira parte — e de que maneira!

— dois dos concertos brandeburgueses de Bach, é ponto que fica em aberto até uma nova audição, noutras condições, da mesma obra.

Feita esta reserva, que pensar do *Cântico dos Cânticos* de Salomão/Penderecki? Diria que é uma obra fabricada com a mão de mestre, mas onde o compositor não sai dos limites da habilidade técnica de organizar um receituário de efeitos. Música sem conteúdo interior, portanto, mas de aparência sedutora. As já muito exploradas transferências de atmosfera de uns grupos de instrumentos para outros, ou destes para as vozes (à excepção talvez do «achado» das seis ocarinas prolongando ou confundindo-se com vozes humanas e instrumentais) não chegaram para estabelecer um clima, para criar no plano da música uma forte sugestão do poema em que se inspirou. Além disso, no domínio meramente técnico do tratamento das vozes, não se pode dizer que Penderecki tenha conseguido aproximar-se sequer da imaginação de um Xenakis («Nuits») ou de um Malec («Dodecameron»).

Antes do *Cântico dos Cânticos* dominara no concerto a presença fascinante do violoncelista Siegfried Palm. Do programa constava o concerto para violoncelo e orquestra do mesmo Penderecki, que ouvi pela primeira

vez em Royan, no Festival deste ano, e ao qual hei-de referir-me noutra oportunidade, embora pudesse repetir parcialmente a seu respeito o que acabo de dizer do *Cântico*. O entusiasmo suscitado no público pela «performance» de Siegfried Palm levou-o a conceder, em extra, o *Capricho para violoncelo* solo que Penderecki lhe dedicou: foi o momento musicalmente mais rico de todo o concerto. Esta obra será uma recriação, em novos moldes e fazendo uso de uma nova linguagem do capricho paganiânico, aplicado agora ao violoncelo. Visará mais o virtuosismo do que uma necessidade interna de expressão musical (como a que encontramos, por exemplo, nas suites para violoncelo solo de Bach). Terá, enfim, a mesma sedução pelos efeitos exteriores comuns às outras duas obras. Mas consegue extrair mais música de um só instrumento do que essas outras de toda uma massa coral e instrumental. Tocado por Siegfried Palm, o *capricho* de Penderecki é uma obra empolgante. O arco e as mãos do solista não poupam um centímetro quadrado do violoncelo. Todos os escaninhos deste, susceptíveis de produzir som, são percorridos. Estabelece-se uma relação entre o instrumentista e o instrumento que tem o seu quê de erótico.

CRUZEIROS INSULANA



n/m "FUNCHAL"

JÁ PENSOU QUE PODE GOZAR 8 DIAS PLENOS DE FELICIDADE VISITANDO 5 LUGARES DIFERENTES SEM FAZER E DESFAZER AS MALAS?



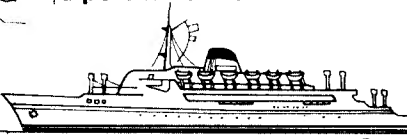
Pois é verdade...

Pode conhecer o misterioso encanto de MARROCO/ visitando CASABLANCA e em MARRAKECH os souks e a famosa praça Djemaa el fna com os seus encantadores de serpente, acrobatas e bailarinas...

a paradisíaca ilha sempre verde de S. MIGUEL nos AÇORES onde a natureza se mantém intacta e onde entre outras maravilhas podemos ver a majestosa LAGOA DAS SETE CIDADES com as suas águas divididas em cambiantes de azul e verde



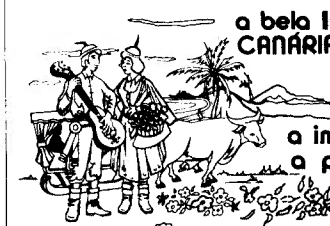
O luxuoso paquete FUNCHAL foi proporcionalmente remodelado para pensar no seu conforto.



VIAJE CONNOSCO QUE O HOTEL VIAJA CONSIGO

Próximas saídas de LISBOA:
19/6 regresso a 27/6 17/7 regresso a 25/7
3/7 " " 11/7 31/7 " " 8/8

Reserve desde já lugar no seu agente de viagens ou na
EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO
RUA AUGUSTA, 152 - LISBOA - 2 - TEL. 677101



a bela ILHA DE TENERIFE nas CANÁRIAS lugar internacional e muito em voga...

a incrível beleza da ILHA DA MADEIRA a pérola do Atlântico sempre florida e a cidade do FUNCHAL repleta de tipicismo e de tradições...

Tudo isto a preços excepcionais e sem a parte incómoda das viagens (as deslocações, as malas, a mudança de hotel) antes gozando o sol e o ar puro do Oceano aliado ao requinte da boa mesa, jogos e diversões, bronzendo-se na piscina e dormindo noite repousante no seu camarote com banho privativo, alcatifado e climatizado



O príncipe Filipe de Edimburgo visitou a nova fábrica em Corroios da Plessey Automática Eléctrica

-Assistiu a diversas fases de fabrico de estações telefónicas

Em cumprimento do esquema do programa da visita ao nosso País, o duque de Edimburgo esteve, ao fim da manhã, nas instalações da nova fábrica da Plessey Automática Eléctrica Portuguesa, em Corroios.

Aguardavam o príncipe Filipe, à entrada da «Fábrica da Princesa», os dr. Afonso Patrício Gouveia, administrador delegado da PAEP; eng.º Sebastião Murteira, administrador delegado adjunto; eng.º

Pedro Correia de Sampaio, administrador; dr. Alexandre Ribeiro da Cunha e dr. Armando Patrício, do Conselho Fiscal; eng.ºs Luis de Vasconcelos e Armando de Oliveira, respectivamente director geral da empresa e director interino da fábrica visitada; sr. Michael Darby, secretário geral; eng.º Rui Baptista e sr. Nigel Jackman, directores de serviço; e dr. Magalhães Cardoso, chefe das Relações Públicas da PAEP.

contos e uma área de ocupação de 4300 m2.

Em 1963 a Automática Eléctrica Portuguesa passou a fazer parte do complexo industrial internacional Plessey cuja dimensão comercial e tecnológica irá permitir-lhe uma mais rápida e acentuada expansão. Assim, em 1963 iniciou-se o fabrico de matrizes magnéticas

para memórias de computadores electrónicos destinados exclusivamente à exportação. E como corolário da viragem verificada nas suas estruturas administrativas, a empresa passa a empregar, já nesse ano, 1000 pessoas. Em 1968, o volume de negócios atinge os 260 000 contos e, em 1969, os trabalhadores são já em número de 3000.

UMA EMPRESA DECIDIDAMENTE VIRADA PARA O MERCADO EXTERNO

O ano de 1973 representa um carco de grande significação na vida da Plessey Automática Eléctrica Portuguesa.

Efectivamente, a empresa passa a ocupar 4300 empregados e uma área de 35 000 m2 com unidades fabris em Cabo Ruivo, Prior Velho e Corroios.

Em 1972 o volume de negócios é da ordem dos 600 000 contos dos quais 395 000 contos representam bens vendidos em Portugal sendo os principais clientes os Correios e Telecomunicações de Portugal (CTT), Telefones de Lisboa e Porto (TLP), todas as administrações dos CTT do Ultramar, as Forças Armadas e as maiores empresas privadas.

Do total da produção da PAEP, 34 por cento é destinada principalmente aos mercados estrangeiros: Argentina, Austrália, Borneo, Brasil, Canadá,

Colômbia, Grã-Bretanha, Hong-Kong, Irlanda, Líbano, Malásia, Malta, Papua, Nova-Guiné, República da África do Sul e outros países da África Austral, Singapura e Venezuela.

Por outro lado, as características altamente competitivas dos mercados internacionais em que a actividade da PAEP se insere tornam cada vez mais importante a qualidade da produção.

A agressividade da concorrência internacional obrigam, com efeito, a um permanente progresso no domínio do aperfeiçoamento tecnológico. Tem sido esta aliás, uma das preocupações básicas da PAEP ao manter na «Princesa» uma escola de formação e treino, semelhante à que vem funcionando na fábrica de Cabo Ruivo.

AS CARACTERÍSTICAS DA NOVA UNIDADE FABRIL VISITADA PELO DUQUE DE EDIMBURGO

A «Fábrica da Princesa», em Corroios, que o príncipe Filipe de Edimburgo percorreu demoradamente, e a quem foram prestadas detalhadas explicações sobre o seu funcionamento e capacidade de produção, é a mais moderna unidade do complexo da Plessey Automática Eléctrica, tendo sido inaugurada oficialmente no final do passado mês de Abril com a presença do Chefe do Estado e de outros membros do Governo.

Representa actualmente um investimento de 100 000 contos e uma área de produção de 10 000 m2.

Nesta moderna fábrica, como aliás acontece nas de Cabo Ruivo e Prior Velho, a PAEP produz toda a gama de material telefónico. No nosso País, 65 000 linhas do mais moderno sistema Crossbar, são da produção PAEP encontrando-se presentemente em instalação 12 000 e em fabrico 43 000.

Esta unidade, considerada uma das maiores e mais bem apetrechadas mundialmente, conta já com uma capacidade para produzir 550 000 telefo-

nes por ano sendo ainda um grande centro de fabricação de matrizes para alguns dos principais construtores internacionais de computadores, representando a sua produção cerca de 80 por cento das necessidades actuais do mercado europeu.

Do total de 4300 empregados que compõem o quadro de pessoal do complexo português da Plessey, 1300 trabalham na moderna unidade da Princesa sendo na sua quase totalidade recrutados na região circunvizinha de Corroios — Amora.

Não obstante a sua ainda recente existência, o historial da PAEP é profundamente impressionante. Constituída em 1945 com o nome de Automática Eléctrica Portuguesa, associada ao Grupo da Companhia Automática Telephone and Electric Co, de Liverpool, a sua evolução foi rápida, pois tendo começado a laboração em 1947, em instalações provisórias arrendadas com um quadro de 20 pessoas, já em 1956 empregava 450 trabalhadores, representando um volume de negócios de 22 400

A EXPOSIÇÃO DO DR. COTTA DIAS NA O.C.D.E.

O ministro das Finanças, dr. Cotta Dias apresentou ontem uma exposição ao Conselho de Ministros dos países membros da OCDE, cuja reunião tinha, entre os objectivos principais, a apreciação do problema da inflação e das políticas anti-inflacionistas.

Referindo-se a Portugal, o dr. Cotta Dias afirmou: «No caso do nosso País, que será também o de outros países membros em estágio semelhante de desenvolvimento socio-económico, a mencionada pressão inflacionária resulta da conjugação de factores de várias naturezas, o que mostra a impossibilidade de reduzir o processo a uma das formas mais correntemente apontadas, pelo menos para a grande maioria das economias mais industrializadas: a chamada «inflação por via da procura, que se relaciona com um excesso efectivo da procura global e da inflação por via dos custos, em

que se destacam as incidências do movimento ascensional dos

generalidade, pelo incremento da produtividade de trabalho».

A terminar a sua exposição, o ministro Cotta Dias frisou especialmente que, ao apresentar ao Conselho da OCDE as providências adoptadas em Portugal das medidas contra a inflação, tinha dois objectivos: fundamentava a atenção que o Governo português está a dar a problemas e apontava a necessidade de uma cooperação internacional realmente eficaz».

A reunião que está a decorrer em Paris, sob a presidência do ministro das Relações Exteriores de Espanha tem na sua agenda de trabalhos: problemas monetários internacionais a longo prazo, investimentos e comércio, organização nos sectores da política de cooperação e dos aspectos qualitativos do crescimento económico.

Suplemento do "Financial Times"

«Um dos poucos países no mundo com um regular declínio populacional. O declínio é agora de tal ordem que poderá afectar planos de desenvolvimento económico. Trabalhadores negros estão a ser trazidos de África.»

Tal é um dos aspectos focados

num suplemento acerca de Portugal publicado na segunda-feira pelo jornal «Financial Times», de forma a coincidir com as celebrações dos 600 anos da aliança luso-britânica e com a visita oficial do príncipe Filipe a Lisboa.

A homenagem a Afonso Costa

PORTO, 7 — E hoje à noite que se realiza no Teatro Carlos Alberto a anunciada sessão de homenagem à memória do dr. Afonso Costa, figura de relevo, como estadista, da República.

A sessão é organizada pela Comissão do Monumento a Afonso Costa, à

qual presidente o dr. Guedes Pinheiro.

Está indigitado para presidir à sessão o dr. Veiga Pires e estão inscritos como oradores os drs. Vasco da Gama Fernandes, Olívio França, José Alberto Rodrigues, Armando Bacelar, Rui Cerqueira e Oliveira Marques.

DIRECÇÃO GERAL DE VIAÇÃO

Pela Portaria n.º 399/73, dos Ministérios das Finanças e das Comunicações, são fixadas as taxas a cobrar pela Direcção-Geral de Viação, estabelecendo-se uma maior distinção entre estas taxas e as cobradas pela Direcção-Geral dos Transportes Terrestres. A nova tabela,

abrangendo 16 alíneas, divide-se em quatro grandes rubricas: **veículos** (matrículas, transmissões de propriedade, inspecções, homologações, outros assuntos), **homologação de condução** (instrução, escolas de condução), **condutores e expediente diverso**.

DI/NACIONAL

O PRÍNCIPE FILIPE DEIXA PORTUGAL AMANHÃ

mo, produtos químicos e da indústria de engenharia, que encham as listas dos actuais quadros de trocas comerciais. E mais, encontrariam um outro quadro impressionante, que é o das perspectivas para o futuro».

A findar, disse ter a certeza de que «bem atónitos» ficariam D. Fernando I e João de Gant, Duque de Lencastre, «ao ver-nos celebrar a sua obra, ao fim de tanto tempo, e porventura ainda mais atónitos ao descobrir quão raro foi, ao longo desses anos, existir qualquer motivo de sério desentendimento».

O Duque de Edimburgo visitará, de manhã, as instalações da Lisnave e da Plessey Automática Eléctrica Portuguesa, onde fora saudado pelos respectivos presidentes dos conselhos de administração, srs. José Manuel de Mello e dr. Afonso Patrício Gouveia. Após uma tarde livre, oferecerá à noite, no Palácio de Queluz, um banquete em honra do Chefe do Estado, Almirante Américo Thomáz. O re-

gresso do ilustre visitar te a Inglaterra está previsto para amanhã, após visitas a Braga e Guimarães, descolando o avião de Filipe, às 15 e 30, do Aeroporto das Pedras Rubras. Antes, será obsequiado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, com um almoço no Paço Ducal de Guimarães.

A ementa do almoço em Sintra

Foi a seguinte a ementa do almoço hoje oferecido pelo Chefe do Governo ao duque de Edimburgo, no Palácio da Vila, em Sintra: pudim de salmão do rio Minho com molho verde; pernas de vitela de Sintra douradas com molho trufado; toucinho do céu à moda do Algarve com molho caramelo; morangos de Alcobça ao natural e café de S. Tomé.

Quanto a vinhos, veja-mos: Branco Seco Especial José Maria da Fonseca, 1960; Tinto Garrafeira Particular Caves Aliança, 1948; Porto Vintage 1963 e Aguardente Carvalho, Ribeiro e Ferreira.

O prof. Eduardo Correia director da nova Faculdade de Economia de Coimbra

O prof. Eduardo Correia, catedrático da Faculdade de Direito foi nomeado director da nova Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, por despacho do ministro da Educação Nacional. A nova Faculdade, que concederá licenciaturas em Economia e Organização e Gestão de Empresas, entrará em funcionamento no próximo ano lectivo.

///

O prof. Eduardo Correia é catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra, onde se doutorou em 1945. Membro do conselho consultivo da Fundação Gulbenkian, foi chefe da delegação portuguesa a vários congressos e reuniões jurídicas internacionais e encarregado da Reforma do Direito Penal Português.

Foi relator-geral no VIII Congresso da Academia Internacional de Direito Comparado, realizado em Pescara, em 1970, estando nomeado para idênticas funções no próximo congresso, a efectuar, em 1974, em Santiago do Chile. Proferiu lições em várias universidades estrangeiras e é professor da Faculdade para o Ensino do Direito Comparado (Estrasburgo). Redactor da «Revue de Législation et de Jurisprudence», colaborador da «Revue de Science Criminelle et de Droit Pénal Comparé», tem diversos trabalhos publicados em publicações jurídicas estrangeiras. E autor de vários trabalhos sobre matérias da sua especialidade. Dirige um projecto de investigação sobre a evolução social e a evolução do Direito Penal e as suas consequências no plano do chamado «Direito Económico».

Actividades da Saúde Pública

O dr. Joaquim Rosa Paixão, que desempenha actualmente as funções de inspector-superior de Medicina da Direcção-Geral dos Hospitais, vai ser requisitado para chefiar um gabinete de apoio à Comissão Intermunicipal de Saúde, presidida secretário de Estado da Saúde.

Para lhe suceder no seu posto, foi designado o dr. José Manuel Sales Caldeira da Silva, membro da Comissão de Planeamento dos Recursos Humanos do conselho médico da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família e

da Comissão Permanente Intermunicipal.

CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA

Foram nomeados vogais suplentes do Conselho Nacional de Estatística o dr. José Francisco Graça Costa e o eng. Fernando de Moraes Taveira, como representantes, respectivamente, do Instituto Nacional de Estatística e do Ministério do Ultramar.

NO II COLÓQUIO DA CONTRUÇÃO CIVIL

O Director do Gabinete da Área de Sines criticou os empresários portugueses

O eng.º António Martins, director do Gabinete da área de Sines, levantou uma onda de mal-estar no colóquio sobre construção civil que tem estado a decorrer no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, ao criticar ásperamente a actividade dos construtores civis portugueses. O eng.º António Martins pôs em dúvida a eficiência das nossas empresas de construção e a certa altura acusou os construtores civis de «parar em MerceDES». O presidente do Sindicato dos Construtores Civis, sr. José do Espírito Santo Silva, pediu imediatamente palavra que lhe foi concedida três horas depois e respondeu em termos enérgicos ao eng.º António Martins declarando que o que estava em causa eram os problemas da construção civil e não «os haveres dos construtores civis».

O eng.º António Martins tem defendido com veemência a tese de que os construtores civis portugueses não estão preparados para as grandes responsabilidades desta actividade. As suas críticas foram muito directas e o construtor sr. J. Pimenta abandonou a sala, depois de ter pedido a palavra, deixando um representante em seu lugar. Quando o eng.º António Martins anunciou que ia dar a palavra ao sr. J. Pimenta, o representante deste levantou-se dizendo:

— O sr. Pimenta abandonou o colóquio por não concordar com o que se disse aqui acerca dos construtores civis.

O tom vivo em que decorreu a sessão foi o assunto de todas as conversas. O eng.º António Martins que presidia à discussão do tema II (Industrialização e Estrutura Empresarial) não voltará a presidir a qualquer sessão.

UM COLÓQUIO COM ELEVADA PERCENTAGEM DE PARTICIPAÇÃO

O colóquio da construção civil tem tido uma elevada percentagem de participação e os debates sucedem-se em todas as sessões. O eng.º Monteiro de Barros declarou ao «Diário de Lisboa».

— O interesse pelo colóquio excedeu a nossa expectativa e verifica-se que há uma grande carga de problemas dentro da actividade, os quais no entanto, estão ao alcance da maioria dos intervenientes na discussão.

Também o eng.º Mário de Azevedo, secretário-geral do colóquio nos declarou:

— Os debates são constantes em todas as sessões e sobre esse aspecto seria difícil conseguir melhor. Esperamos que as conclusões, que serão conhecidas amanhã, constituam um ponto de partida suficientemente significativo para encarmos novos rumos nesta actividade.

Como se sabe os temas em discussão são três: Mercado, Industrialização e Estrutura Empresarial e Aspectos Legais e Regulamentares.

O tema «Mercado» tem visado essencialmente os aspectos relacionados com a construção habitacional, pois as grandes empreitadas que se anunciam (auto-estradas, hospitais e porto de Sines) não parecem ao alcance das empresas nacionais, motivo pelo qual tem parecido elevado número de concertes estrangeiros.

Falando numa das sessões, o eng.º Adriano A. Amendoeira dos Santos afirmou: «No colóquio sobre política da habi-

tação realizado em 1969, parece ter-se concluído pela exigência de produzir 45 000 fogos anuais. Para esta tarefa e para todas as que envolvem a construção, teríamos uma 7.000 empresas inscritas nos grémios regionais... Ora tomando em conta os resultados segundo os quais uma firma média tem capacidade para realizar 126 a 206 fogos por ano, somos conduzidos a verificar que com um número de 220 a 360 empresas médias executaríamos que, para a habitação social apenas seriam mobilizados entre 3,1 e 5,1 por cento das empresas nacionais».

O eng.º Amendoeira dos Santos, que analisou amplamente o plano de habitação social posto em prática pela C.M. do Porto, propôs o uso de uma publicidade extensa do programa de habitação social a executar a médio (e se possível a longo prazo) para conhecimento do mercado em perspectiva, explicitado no espaço e no tempo e como condição essencial para as empresas pensarem em estruturas futuras. Sugeriu ainda, a abertura simultânea de uma série de concursos para construção tradicional de unidades residenciais com 100 a 200 fogos, proporcionando um prazo de consulta por 60 dias. Aquele técnico afirmou na sua intervenção que a capacidade de realização das empresas parece mais que suficiente para o cumprimento integral do plano de 45 000 fogos/ano havendo, no entanto que, para o efeito, tomar medidas de atracção a tal especialidade e adoptar disposições tendentes a uma menor dispersão dos executores.

Este ponto de vista — o da concentração — tem sido defendido com insistência nos vários debates do colóquio embora se afigure difícil progredir neste campo dado o sentido individualista dos empresários portugueses.

Na mesma secção, apresentou um trabalho o industrial sr. J. Pimenta o qual afirmou a certa altura: «Não existe, infelizmente para a Nação, escassez de procura de habitação e não há, por isso, uma crise de mercado na venda de fogos, principal actividade da construção civil particular». Aquele industrial referiu-se «a determinadas circunstâncias» que podem afectar o poder de compra de habitações» nomeadamente a alteração da lei 2 092 quanto à aquisição de habitações pelos beneficiários da Previdência e à portaria que condiciona toda a acção publicitária dos investimentos imobiliários, sujeitando-se à prévia autori-

zação da Inspeção-Geral de Crédito e Seguros». O sr. J. Pimenta perguntou a certa altura: «será mais pernicioso a publicidade da venda de imóveis do que a do tabaco?»

Aquele industrial criticou a legislação vigente e concluiu, assim, a sua intervenção: «Bem podemos dizer que o planeamento regional e urbano, como factor de expansão e regularizador do mercado, não surgirá efeito, se não for, criteriosa e rapidamente, revisto tudo quanto até à data se legislou».

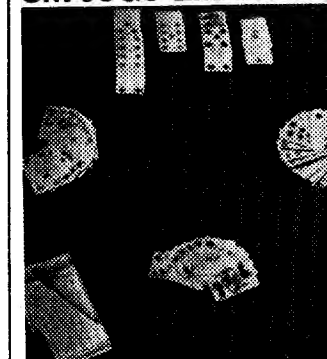
A INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS PRECISA DE SER ORGANIZADA

Na discussão do tema III (Aspectos Legais e Regulamentares) falando de «aspectos da organização da indústria de construção civil e obras públicas» o eng.º Joaquim da Silva Carvalho pediu para que os grémios tivessem poderes para limitar o exercício da indústria e afirmou: «A indústria da construção civil e obras públicas precisa de ser organizada». Disse que a disciplina na actual situação baseada na concessão de alvarás é inoperante, principalmente porque só cerca de 2500 empresas e empresários os obtiveram, havendo mais de 7500 sujeitas à limitação legal do valor das obras até 250 contos. Aquele técnico recomendou a criação urgente

Dupla nacionalidade

Foi concedido o estatuto geral de igualdade de direitos e deveres com os naturais portugueses consoante a Convenção de Brasília, aos cidadãos brasileiros sr. Cyro de Araújo França Junior e D. Elisa Maria Frugonli Moreira.

BRIDGE, UM JOGO EM MODA



De todos os jogos de salão, sem dúvida que o Bridge é aquele que mais admiradores tem. Mas, para muitos, é mais do que um passatempo. É uma verdadeira paixão. Sobre os segredos deste jogo, alguns especialistas dão interessantes opiniões, num curioso artigo publicado no número de Junho de Selecções do Reader's Digest. Adquirá hoje mesmo o seu exemplar.

de duas brigadas de fiscalização dependentes do ministério das Obras Públicas, com a participação dos grémios, para controle das disposições legais de regulamentação da indústria e execução de obras.

Os participantes no colóquio efectuaram hoje visitas de estudo e, à noite assistem a um concerto no Teatro Municipal de S. Luís.

Estagiários de advocacia

Continuação da pag. 1

Após a apresentação da primeira proposta, relativa à diminuição do tempo do estágio, decidiu-se a fusão das restantes numa só, e baseada nos seguintes pontos:

— Modalidades de organização do novo estágio.

— Meios de possibilitação de estágio a todos os licenciados que o queiram; problemas das incompatibilidades; da remuneração e o problema da incorporação militar depois do estágio.

— Estruturação da categoria de estagiário, sua presença nos tribunais e substituição das conferências por colóquios.

— A quem competirá a direcção do estágio: ao patrono? À Ordem? Ou à Ordem e ao patrono? E finalmente a representatividade dos estagiários nos órgãos da Ordem.

Para dar seguimento às propostas foi no final da reunião criada uma comissão de 17 estagiários que deverá apresentar as suas conclusões à próxima reunião geral de 4 de Julho.

Maior apoio financeiro e técnico do Banco de Fomento à Indústria da Construção

O lançamento imediato, pelo Banco de Fomento, de uma sondagem à indústria de construção portuguesa, para análise objectiva dos principais problemas que afectam o sector e posterior ajustamento de uma política de maior intervenção do Banco relativamente ao apoio financeiro e técnico a prestar ao desenvolvimento da mesma indústria. Foi esta manhã anunciado numa comunicação apresentada ao Colóquio pelo eng.º Silva Teixeira, técnico daquele estabelecimento de crédito.

O orador, vincando o firme propósito do BFN em auxiliar de forma mais ampla as actividades da construção no nosso País, acentuou que essa consulta, a efectuar em profundidade a determinada amostra de industriais, permitirá um diagnóstico real e detalhado do funcionamento do sector, esperando-se que os seus resultados, paralelamente com as conclusões do Colóquio, contribuam para melhor adequar as potencialidades de que dispõe o Banco à solução dos problemas existentes na indústria.

Enquadrrou esse pro-

jecto de actuação na política seguida pelo Banco no fomento das actividades económicas nacionais, destacando o esforço da instituição em matéria de promoção industrial, e referiu-se à atenção crescente dedicada ao ramo da construção civil e obras públicas, visando apoiar o respectivo desenvolvimento e reestruturação bem como incentivar o uso de técnicas de produção mais evoluídas. Manifestou a convicção de que é viável a melhoria significativa da actual conjuntura do sector, vencendo-se algumas carencias detectadas e que têm mostrado não estar a indústria a corresponder satisfatoriamente às solicitações de que é alvo, e declarou que o Banco se dispõe a auxiliar «as iniciativas que, por via reflexa, possam vir a desencadear um processo, a todos os títulos desejável, de adequada satisfação da procura, numa linha de melhoria rápida das condições sócio-económica da vida portuguesa».

Mencionou, depois, algumas actuações que o Banco se propõe desen-

Continua na pag. 15

Uma nova terra... Uma nova esperança...
Um novo sonho...



Max von Sydow
Liv Ullmann

A MELHOR ACTRIZ DO ANO
— New York film critics

os emigrantes

— THE EMIGRANTS —

"Um dos melhores 10 filmes do ano"

Arg. Jan Troell and Benat Forslund Bas. na novela de Vilhelm Moberg Prod. Bengt Forslund Real. Jan Troell

AMANHÃ

- Estreia às 21.45 no

CINEMA CASTIL

FEIRA DO LIVRO

A MAIOR LIVRARIA DE LISBOA,
ABERTA DAS 17 H. AS 24 H.,
ATÉ AO PRÓXIMO DIA 10.

DL/NACIONAL

DECRÉSCIMO DA POPULAÇÃO ACTIVA EM PORTUGAL

Entre os 10 e os 14 anos 90 mil crianças ganham a vida

O número de pessoas activas em Portugal metropolitano sofreu uma diminuição da ordem dos 5,2%, considerado o censo de 1970 comparativamente a 1960. Essa diminuição foi particularmente acentuada nos sectores de agricultura, silvicultura, caça e pesca, 31,7%; as indústrias extractivas, 57,9%; e a prestação de serviços à colectividade, 3,6%; se-

verificar que são mulheres 17,5% dos 987.000 profissionais da agricultura, silvicultura, caça e pesca; 3,8% dos 11.040 trabalhadores nas indústrias extractivas; 35,2% dos 731.260 pessoas a trabalhar nas indústrias transformadoras; 11,06% dos 15.900 profissionais de electricidade, gás e água; 1,1% dos 247.740 trabalhadores da construção; 26,3%

bre automóveis; 45,7% dos 480.480 profissionais que prestam serviços à colectividade e 30,8% das 119.520 pessoas que exercem profissões em actividades mal definidas.

Considerando a importância do papel desempenhado pela emigração da mão-de-obra portuguesa na década de 60-70, este desfalque tem de ter também em linha de conta a tendência de deslocação regional e estrutural, análise da qual resulta uma considerável redução de populações activas nos distritos do Nordeste e Este portugueses. Assim, verifica-se que a atracção de pessoas activas de outras regiões se tem movimentado no sentido de Lisboa, Porto, Braga, Aveiro, Viana do Castelo e Setúbal, devido ao seu desenvolvimento económico se processar nestes distritos de forma mais acelerada. Em 1960, estes seis distritos ocuparam 50,7% do total da população activa e até 1970 este número elevou-se a 57,6%.

Por sectores económicos verificamos que das décadas de 60 para 70 a agricultura, silvicultura, caça e pesca tiveram uma diminuição considerável da população activa (3,4%) em relação à década anterior (43,7%). Em compensação, a participação da indústria transformadora aumentou de 20,8% em 1960 para 23,3% em 1970, seguindo-se-lhe a prestação de serviços à colectividade com 5,3% (em 1960 — 5,1%), o comércio por grosso e a retalho, hotéis, bancos, seguros e operações sobre imóveis, com 2,8% (1960 — 8,1%).

A título de curiosidade referimos que 9 mil crianças entre os 0 e os 4 anos (idade escolar) — 55.360 das quais são rapazes — se encontram ocupadas numa actividade profissional; e que 40.980 pessoas com mais de 75 anos fazem ainda parte da população activa do País. Continuando a considerar a população activa por grupos etários, podemos verifi-



50 mil crianças trabalham nas mais diversas profissões

car que é entre a idade dos 35 e 39 anos (censo de 1970) que trabalha o maior número de homens (252.500) e entre os 5 e os 9 o maior número de mulheres (52.400); logo a seguir são as idades entre os

40 e os 44 anos que ocupam mais trabalhadores masculinos (248.320) enquanto que o período dos 20 aos 24 anos encontram-se em actividade profissional 44.960 mulheres.

Em terceiro e quarto lugares são os períodos entre os 5 e os 9 e os 30 e os 34 para os homens e os períodos entre 25 e os 29 e entre os 30 e os 34 para as mulheres.



Um grande número de menores trabalham na construção civil

gundo pudemos ler no boletim informativo da Câmara de Comércio Luso-Alemã.

Sempre apoiados nestes dados, num total de 3.143.940 pessoas activas em 1970, no país, apenas 26,3% são mulheres cabendo ainda ao homem a esmagadora maioria (pouco menos de três quartos) da ocupação dos postos de trabalho remunerado. Mesmo assim, podemos

dos profissionais de comércio por grosso e por retalho; 12,7% dos 146.420 trabalhadores de transportes, armazenagem e comunicações; 22,8% dos 50.900 empregados nos seguros, bancos e operações so-

No Plenário

Ligações com o Partido Comunista Português perdidas e retomadas ao longo de quase quarenta anos e auxílio à saída clandestina de quatro desertores do exército são os pontos fundamentais do libelo do Ministério Público contra um regente agrícola de 65 anos, preso na cadeia da Direcção-Geral de Segurança, em Caxias. António Manuel Bordalo e Seixas aguarda a marcação do seu julgamento no Plenário Criminal de Lisboa.

Bordalo e Seixas, que residia em Santarém, terá aderido às Juventudes Comunistas — organização hoje extinta e que dependia do P.C.P. — no ano de 1932. Sabe-se que por esse motivo foi detido uma primeira vez

Nos últimos dez anos, o arguido trabalhou com três «funcionários» (militantes clandestinos profissionais) do P.C.P. — segundo se diz num dos dezane artigos da acusação. Em 1971, poucos meses depois das saídas dos desertores, o contacto ter-se-ia novamente perdido.

Bordalo e Seixas tem como defensor o dr. Francisco Salgado Zenha.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Humberto Marques da Cruz — ARAZEDE

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Rodrigues de Sousa. Rua Cândido dos Reis, 25 — ALVITO

AFRODITE / ANTI-DUHRING

STAND 44

SECRETÁRIO DA AGRICULTURA EM SANTARÉM:

Fomentar a produção pecuária e restringir as importações

Com um colóquio sobre «Intensificação pecuária» iniciou-se esta manhã o programa de mais um dia da Feira do Ribatejo, prolongando-se durante a tarde. À noite, efectua-se a cerimónia da distribuição dos prémios dos Jogos Florais da Feira antecedida pela representação da peça «Dança da Morte em 12 Assaltos» levada ao certame pela Casa da Comédia.

Ontem, o secretário de Estado da Agricultura inaugurou as jornadas de «Produção Forrageira e Intensificação Pecuária», tendo afirmado durante a sessão de abertura que «o aspecto mais saliente do complexo problema pecuário nacional é a resposta do nosso sector produtivo, em quantidade insuficiente para as nossas necessidades, conduzindo às vultosas importações de produtos de origem animal que somos obrigados a efectuar, quer em termos de carne, sem dúvida a fracção mais saliente, quer em outros produtos, como peles, couros e conservas e derivados de carne. Por isso, dominamos a preocupação de as substituir, na medida do possível, anseio que dia a dia maior relevo assume, dada a situação do mercado internacional destes produtos.»

E a seguir: «As necessidades internas de produtos de origem animal são tão marcadas, que se têm vindo a tomar medidas incentivadoras com o objectivo de dinamizar a pecuária, quer dentro de esquemas essencialmente agrícolas quer com a colaboração dos



Sardinhas assadas também fazem parte do dia-a-dia da Feira

chamados agricultores sem terra, proporcionando para o efeito a concessão de facilidades de crédito e de subsídios ao circuito das carnes, concedidos na ponta final, isto é, aos animais apresentados ao abate, em função do peso e de outras suas características.»

A terminar, o secretário afirmou: «É necessário que os agricultores e os técnicos, em reflexão conjunta como esta que aqui irá fazer-se, se debruçam a tempo sobre problemas que podem trazer perspectivas novas ao meio agrícola, opções mais apropriadas às nossas características ecológi-

cas, soluções para o progresso de um sector que só é diminuído enquanto o engenho dos homens não domine as dificuldades do clima, vencer as contrariedades do meio. Este trabalho, por não ser viável senão com homens profissionalmente bem preparados, constitui autêntica tarefa de heróis.»

viagens apolo 73

8 DIAS EM LONDRES

VIAGEM EM AVIÃO ESPECIALMENTE FRETADO

Partidas todas as 5.ªs Feiras durante todo o ano.

PREÇOS A PARTIR DE **2.990,00**

Estadia com pequeno almoço. VISITA DA CIDADE ACOMPANHADA POR GUIA-INTERPRETE. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

UTILIZE O NOSSO SISTEMA DE CREDITO

Europeia

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

AV. DA LIBERDADE 253 - TEL. 531.61.21 - 1.ª SEC. 2





OS JERÔNIMOS E A SUCATA

Esta espécie de «cemitério» de carros fora de uso, com tudo o que tem de inestético, num terreno baldio pertencente à Junta Autónoma de Estradas, mesmo diante do Mosteiro dos Jerónimos, parece-nos uma «perversidade». É que quem olhe da Av. da Índia, pelo lado norte do Mosteiro, sente-se chocado: antes que os olhos encontrem o recorte de beleza barroca dos Jerónimos, têm de «aguentar» o espectáculo montão de sucata. E se a J.A.E. limpasse aquele local?

Poluição da Costa do Sol

Estão quase concluídos os emissários submarinos

«Os trabalhos de construção dos quatro emissários submarinos que farão a descarga dos esgotos longe da costa prosseguem em bom ritmo e devem ficar concluídos dentro do prazo previsto, ou seja, ainda este mês», afirmou o presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, Joaquim de Serra e Moura.

Os canais submarinos que estão prestes a entrar em funcionamento localizam-se respectivamente nas ribeiras do Jamor, da Jarda, da Lage, em S. Pedro do Estoril, e terão cer-

ca de um quilómetro de comprimento cada um, à excepção do último, que será de 200 metros. O empreendimento, uma vez concluído, deverá orçar em cerca de trinta mil contos e resolverá provisoriamente parte do problema da poluição das praias da Costa do Sol até 1975, ano em que deverá estar já em execução o projecto de uma conduta de esgotos alargada.

Este último projecto, que resolverá definitivamente aquilo que — segundo a Comissão Nacional do Ambiente — cons-

titui um dos principais problemas do estuário do Tejo, está ainda em fase de elaboração pelo eng.º Pedro Celestino da Costa e deverá importar em cerca de quinhentos mil contos.

Em relação ao empreendimento em curso, recorda-se que até Outubro do ano passado foram feitos concursos de adjudicação dos emissários submarinos, adaptação das redes existentes às novas condutas e aquisição de bombas e equipamento electromecânico.

Definidas em Angola as zonas infestadas pela tripanossomiase

LUANDA, (L.) — Por despacho do Governo-Geral, acabam de ser declaradas como zonas presentemente infestadas pela «Glossina morsitans» os seguintes postos administrativos, do distrito do Bié: Calucinga e Cassumbe, no concelho do Andulo; Lúbia, no concelho de Nharéa; Sachinemuna, no concelho de Cuemba. No distrito do Cuando Cubango, foram abrangidos os postos administrativos de Mavinga, Cutuilo e Luengue, da circunscrição de Mavinga, e Mucuso, da circunscrição do Mucico. No distrito do Cuanza Sul, o posto administrativo de Quissongo, concelho do Libolo; Sanga, do concelho de Santa Comba; Quibala, Cariange e Lonhe, do concelho da Quibala; Mussende, Maco e S. Lucas, do concelho de Mussende. No distrito de Malanje, o posto administrativo de Bembe e a freguesia

de Nossa Senhora da Conceição de Cangandala, do concelho de Cangandala; os postos administrativos de Cacuso, Pungo Andongo e Lombe, do concelho de Cacuso; os postos administrativos de Luquembo, Capunda e Quimbango, do concelho de Luquembo. No distrito do Moxico, os postos administrativos de Calunda, Lóvuá, Lumbala e Macondo, da circunscrição do Alto Zambeze.

São declaradas adjacentes às áreas infestadas por «Glossina morsitans» as seguintes áreas administrativas: posto administrativo de Dando, do concelho de Nharéa, no distrito do Bié; o posto administrativo do Dima, da circunscrição de Mavinga, no distrito do Cuando Cubango; os postos administrativos do Libolo e Cabuta, do concelho do Libolo, no distrito

do Cuanza Sul; o posto administrativo de Culamagá e a freguesia de S. Miguel de Caribó, do concelho de Cangandala; o posto administrativo de Dumba Cambango, do concelho de Nova Gaia; posto administrativo de Quirima, da circunscrição do mesmo nome, no distrito de Malanje.

No período de Janeiro a Novembro do ano passado apenas foram detectados em Angola cinco casos de tripanossomias, três dos quais foram mortais. Entretanto, a Missão de Combate às Tripanossomias, em conjunto com os Serviços de Saúde e Assistência de Angola e em colaboração com alguns países vizinhos, está a tentar debelar o mal nas áreas infestadas, no Estado de Angola e junto às fronteiras com os países interessados.

O CASO DO GRÊMIO DA IMPRENSA NÃO-DIÁRIA

A Direcção acusa o Conselho Geral de se encontrar na ilegalidade

Invocando a Lei de Imprensa, o sr. Gentil Marques, na qualidade de presidente da direcção do Grémio Nacional da Imprensa Não-Diária, solicita-nos a publicação do longo texto que a seguir se insere. Este é acompanhado de uma carta em que Gentil Marques diz serem «falsas e mal intencionadas» as informações em que se baseia uma notícia que publicámos, no dia 2 deste mês, com o título «Grémio Nacional da Imprensa Não-Diária — o Conselho Geral contra a Direcção». Acrescenta o signatário da carta que «a direcção do Grémio resolveu entregar este aborrecido assunto ao advogado dr. Henrique Formosinho de Sousa e Mello, que já tem instruções para actuar sempre que seja conveniente defender o órgão director, principalmente no que se refere aos superiores interesses da Organização Corporativa».

Aqui vai o texto:

«Pretendendo mais uma vez esclarecer os leitores do «Diário de Lisboa» acerca da atitude lamentável (e desprestigiante para a classe) assumida pelo Conselho Geral do Grémio Nacional da Imprensa Não Diária (que se encontra em situação irregular, conforme já temos sido forçados a demonstrar publicamente) voltamos a declarar:

1.º — Para além de não se poder reunir legalmente (pois falta-lhe «quorum» indispensável para isso) o Conselho Geral está a promover reuniões fora da sede do organismo, o que é duplamente ilegal;

2.º — Assim, não tem qualquer espécie de valor oficial a mencionada reunião de 1 de Maio de 1973 — que nem sequer sabemos onde foi e com quem foi — e, por consequência, o comunicado que o Conselho Geral enviou (apenas para alguns agremiados, pois os signatários não o receberam nas suas empresas) e a que o «Diário de Lisboa» se refere, transcrevendo-o parcialmente no seu número, do passado dia 2 de Junho de 1973, é absolutamente destituído de validade;

3.º — Aliás, desde Março de 1971 que o Conselho Geral do Grémio anda a cometer o erro grosseiro de se fazer esquecer da verdade, pois nesse mesmo mês (conforme Acta n.º 196, de 21 de Março de 1971), a Direcção comunicou oficialmente ao presidente do Conselho Geral que o mesmo se encontrava em situação de ilegalidade por falta de «quorum», porque metade dos membros eleitos não tinha tomado posse e alguns destes assistiam a reuniões e assinavam actas, o que era irregular. Por isso mesmo (segundo a citada Acta) o

Conselho fora impugnado por um grupo de sócios, através do advogado sr. dr. Evaristo Farelo que ficara fiel depositário do Livro de Tomadas de Posse e do Livro de Actas do Conselho Geral até ao poder entregar na Vara que viesse a ser competente do Tribunal de Trabalho;

4.º — Portanto, de modo algum, a Direcção pode infelizmente contar com a fiscalização de um Conselho Geral que se encontra em tal situação de ilegalidade. Há de apresentar as suas contas, sim, mas a uma Assembleia Geral extraordinária a convocar especialmente para tal efeito, dada a incapacidade do Conselho Geral.

5.º — Quanto ao recurso (que recurso?) posto pelo sr. O Charrua, director do jornal «Ribamar» ao Conselho Geral numa reunião de 19-3-73 (onde se teria efectuado esse encontro?) peca pelos mesmos defeitos já apontados anteriormente (ou seja, principalmente, a invalidade das decisões do Conselho Geral, na presente situação) e ainda porque a empresa do jornal «Ribamar» de Algés está sujeita a um processo disciplinar, ao abrigo do artigo 61.º dos actuais Estatutos do Grémio;

6.º — Incomoda-nos, de facto, voltar a debater o caso do processamento do caderno eleitoral para a nova Assembleia Geral eleitoral — pois dele já foi dado amplo conhecimento público. Não podemos, porém aceitar que o sr. presidente da Assembleia Geral acuse a Direcção de não se ter realizado essa assembleia na data inicialmente prevista, quando ele sabe precisamente que foi por sua culpa, e só por sua culpa, que a assembleia não se efectuou. Não respondeu ao ofício que a Direcção lhe enviou, lembrando o facto (e que ele recebeu, pois foi remetido com aviso de recepção) e só depois, perante mandato judicial é que apareceu alvoroçadamente no Grémio, no dia 30 de Abril, a marcar a assembleia eleitoral... para 20 de Outubro de 1973! (porque tão grande distância?);

7.º — Como é óbvio, desde o dia 21 de Março de 1971, em que foi reconhecida a situação de ilegalidade do Conselho Geral, a Direcção não mais teve possibilidade de participar os seus actos ou apresentar as suas contas;

8.º — Finalmente — e decerto pela falta de outros argumentos mais válidos — o comunicado do Conselho Geral nas partes que o «Diário de Lisboa» transcreveu — mistura e confunde os assuntos acerca da assembleia eleitoral impugnada (30 de Janeiro de 1970) de modo vergonhoso e ridículo.

Em primeiro lugar, o sr. Gentil Marques, actual presidente da Direcção, não apresentou qualquer lista sua, nessa altura. Quem apresentou a lista A foi a própria Direcção do Grémio, presidida então pelo dr. Rogério Peres Claro, o qual ficou muito surpreendido com a aprovação, à última hora, da chamada Lista B, pois estava convencido de que a lista da Direcção era a única, por promessa da chamada Oposição, depois de feitas certas concessões.

Por outro lado, a Direcção que se encontra presentemente em mandato, conserva-se somente porque a assembleia

eleitoral de 1970 foi impugnada (sentença do meretíssimo juiz da 6.ª Vara do Tribunal de Lisboa, com plena confirmação do Supremo Tribunal Administrativo, negando provimento ao recurso posteriormente apresentado pelos réus) e, por consequente, até agora, o mandato teve de manter-se, de acordo com as próprias disposições estatutárias, até à próxima assembleia eleitoral convocada, como já referimos, para 20 de Outubro de 1973.

De facto, e aí o comunicado (felizmente!) tem razão: compete à Direcção manter actualizada a lista dos sócios no pleno gozo dos seus direitos. Eis precisamente, o que a actual Direcção pretende, cumprindo à letra as normas estatutárias do Grémio, e de harmonia com os superiores interesses da Organização Corporativa.

E também para isso, no impedimento do sr. dr. Evaristo Farelo, que se encontra doente, a Direcção do Grémio resolveu entregar o caso à competência do ilustre advogado exm.º sr. dr. Henrique Formosinho de Sousa e Mello que a partir deste momento tem instruções para poder actuar sempre que se torna necessário e conveniente.

Este texto termina com os nomes (dactilografados) dos srs. Gentil Marques (presidente); Francisco Granadeiro (vice-presidente); Salvador Carvalho Santos (secretário); Gil Antunes (tesoureiro) e Vítor Amaro (vogal).

OUTRA CARTA DE GENTIL MARQUES

A publicação do texto acima dispensa-nos, naturalmente, de inserir uma outra carta que recebemos, igualmente assinada por Gentil Marques, e na qual se repetem os argumentos e as razões que informam o texto da direcção.

SOCIEDADE DE NEUROLOGIA

No salão nobre do Hospital Miguel Bombarda, a Sociedade Portuguesa de Neurologia e Psiquiatria efectua amanhã, às 22 horas, a sua sessão de Junho, durante a qual serão lidas as seguintes comunicações: «O sono e o sonho — experiência infantil», pelos dres. João dos Santos e Natália Caldas, e «O normal e o patológico no Adolescente», pelo dr. José Carlos Dias Cordeiro.

Telecomunicações internacionais

As taxas de aluguer a particulares de circuitos internacionais de telecomunicações fixadas em ouro, cujos valores se mantêm, sofreram alterações nos seus equivalentes em escudos em virtude das modificações cambiais verificadas, o que foi aprovado por despacho de 24 de Abril pondo do secretário de Estado das Comunicações e Transportes.

Os novos equivalentes em escudos das quotas-partes portuguesas daquelas taxas — parcela normalmente cobrada em Portugal —, por cada mês de aluguer, constam do «Diário do Governo» (3.ª série, n.º 132).

Inauguração de habitações

A empresa «Indústrias Pereira e Brito, S.A.R.L.», vai inaugurar, no próximo dia 8, pelas 16 e 30, o seu bloco social, do qual usufruirão todos os seus colaboradores.

Antes desta inauguração haverá uma pequena homenagem aos fundadores da empresa.

DL/ESTRANGEIRO

PELA PRIMEIRA VEZ A IMPUGNAÇÃO DE NIXON ABORDADA NO CONGRESSO

WASHINGTON, 7 (R) — A possibilidade do presidente Nixon ser impugnado foi abordada pela primeira vez no congresso por um «franco atirador» do próprio Partido Republicano, o congressista Paul McCloskey, mas a sua intervenção foi rapidamente neutralizada por um elemento fiel à administração, que invocou a falta de quorum.

De qualquer forma o antigo fuzileiro naval, eleito para a Câmara dos representantes pela Califórnia, declarou-se satisfeito pelo facto de ter pelo menos começado a debater-se o problema e manifestou-se convencido de que, a partir deste momento, a questão da impugnação continuará a ser debati-

da a todos os níveis pelo país fora.

McCloskey tinha anunciado previamente a sua intenção de falar durante uma hora sobre a possível participação do presidente Nixon no encobrimento do caso Watergate, mas mal tinha começado a falar quando o republicano Earl Landgrebe pediu uma verificação do quorum. Verificou-se que metade dos 435 membros da Câmara não estavam presentes e foi então apresentada uma moção no sentido da sessão ser suspensa. A maioria democrática opunha-se ao adiamento, mas o próprio McCloskey concordou em não ler o seu discurso e permitir o encerramento dos trabalhos desde que o texto

fosse incluído no diário das sessões.

Nos termos da Constituição, se a câmara dos representantes votar a favor da impugnação do presidente o processo de impugnação propriamente dito decorre no Senado, onde qualquer decisão terá de ser tomada por maioria de dois terços.

Embora nos bastidores se fale dessa hipótese, até agora nem os dirigentes democráticos nem os do Partido Republicano se mostraram inclinados a encorajar qualquer iniciativa de impugnação.

No final McCloskey disse aos jornalistas que não estava aborrecido pelo facto do debate ter terminado prematuramente.

«O discurso fala por si. Esta noite um homem impediu o debate, mas o debate vai continuar de uma ponta à outra do país. A minha intenção foi iniciá-lo e isso consegui» — declarou.

Entretanto o presidente passou ontem o dia num cruzeiro a bordo do seu iate «Sequoia» reunido com alguns dos seus mais íntimos colaboradores, depois de ter chamado o antigo secretário da Defesa, Melvin Laird, para a administração com o cargo de conselheiro para os assuntos internos, em substituição de John Ehrlichmann, que se demitiu devido ao escândalo de Watergate.

Os observadores pensam que a escolha de Laird, um político que durante 16 anos foi membro do Congresso, se destina a melhorar os contactos entre a Casa Branca e os congressistas que, no tempo de Ehrlichmann, eram mantidos à distância.

Simultaneamente o presidente nomeou o general Alexander Haig para o cargo de chefe do pessoal da Casa Branca, cargo que desempenhava interinamente, em substituição de Bob Haldeman, outro dos que se demitiram. O general anunciou que abandonava o serviço activo do Exército para desempenhar as suas novas funções, o que corta a sua

carreira militar mas, por outro lado, satisfaz os críticos que no Senado o acusaram de violar uma antiga tradição americana segundo a qual os militares no activo não devem ocupar cargos políticos.

O presidente também escolheu o advogado Leonard Garment para conselheiro jurídico da Casa Branca, o lugar que era ocupado por John Dean antes de ser demitido em consequência do caso Watergate.

Comissão para salvar o Mediterrâneo

BEIRUTE, 7 — (R.) — Uma conferência mundial destinada a impedir que o Mediterrâneo se venha a transformar num outro «Mar Morto» recomendou o estabelecimento de uma comissão de coordenação permanente para ajudar as cidades costeiras a porem em funcionamento medidas antipoluição.

Foi esta uma das resoluções adoptadas na sessão de encerramento da conferência de três dias, realizada em Beirute sob os auspícios da organização da defesa para o ambiente das Nações Unidas, e que teve a presença

de representantes de mais de 100 cidades árabes e europeias.

A tarefa da comissão será a de garantir uma ligação permanente entre as cidades mediterrânicas e de facilitar também a permuta de informações de carácter científico, ao mesmo tempo que terá a seu cargo projectar pesquisas científicas e uma acção conjunta antipoluição das cidades mediterrânicas.

A comissão elaborará também um código internacional para as cidades da bacia do Mediterrâneo com base nos regulamentos jurídicos e administrativos já existentes.

Embaixada da China ainda este mês em Espanha

MADRID, 7 — (EFE e ANI) — Os funcionários da missão diplomática da China chegam a Madrid em meados de Junho — anunciaram círculos oficiais.

A missão será inicialmente composta por onze pessoas, das quais cinco pertencem à carreira diplomática. Posteriormente chegará o embaixador, cujo nome ainda não foi tornado público.

Os componentes da missão chinesa ficarão temporariamente hospedados num hotel no centro da cidade, até encontrarem um edifício para a Embaixada. Foram reservados no hotel onze quartos, a partir do dia catorze, cinco deles com diárias mais elevadas do que os seis restantes, o que faz supor que os primeiros destinam-se aos diplomatas, enquanto os outros poderão ser ocupados por pessoal subalterno.

Brandt só em Israel

BONA, 6 (UPI-ANI). — Ruth Brandt, a esposa do chanceler alemão, não acompanhará o marido a Israel — anunciou o Governo de Bona.

Um informador declarou que a mulher do chanceler tinha cancelado os planos de viagem a Israel devido a uma infecção acompanhada de febre.

Os Governos da Espanha e da China decidiram estabelecer relações diplomáticas, ao nível de embaixadas, em nove de Março. No dia nove de Junho expira o prazo de três meses estipulado para a troca de embaixadores.

No intercâmbio de documentos, realizado em Paris, o Go-

verno espanhol reconheceu o Governo de Pequim como o único Governo legal da China, assim como a posição do Governo chinês segundo a qual a Formosa é uma província da China. Como consequência a Espanha decidiu suprimir a sua representação oficial em Taipé, antes de dez de Abril.

CALEIDOSCÓPIO

QUEDA DO DÓLAR — O senador Mike Mansfield, chefe dos democratas no Senado, declarou que o dólar está a caminhar para a sua terceira desvalorização em menos de dois anos. «O dólar foi desvalorizado duas vezes e posto a «flutuar» uma vez nos últimos vinte meses — afirmou Mansfield no Senado. Na realidade, o dólar está a caminhar para a terceira desvalorização. Parece-me que, desde Agosto de 1971, a desvalorização total do dólar cifrou-se em trinta por cento. Não podemos permitir que isto continue». (UPI e ANI).

«GÁS DE FOGO» — O ministério inglês da Defesa ordenou o fabrico de um gás químico novo, à base de dibenzoxazepina, o «CR», que provoca a sensação de ter a pele em fogo nos seres humanos. O «CR», baptizado pela imprensa britânica «gás de fogo», poderia ser utilizado no Ulster pelo

Exército para combater os tu multos. Os seus efeitos — dizem os especialistas — são mais intensos e prolongados do que os dos gases utilizados actualmente pelas forças da ordem. (FP).

OPERAÇÃO DELICADA — Um bebé de dez meses nascido com quatro braços, quatro pernas, três rins, duas bexigas, quatro ancas, duas bacias e o anus deformado, será operado para o mês que vem na clinica da Faculdade de Medicina da Universidade de Miami, na Florida. O doutor Marcus Rowe, chefe da clinica declarou que tinha esperança de poder tornar normal esta criança. Segundo o dr. Rowe não há senão 23 casos semelhantes nos anais da Medicina, segundo os arquivos, remontando ao século XVII. (FP).

CANDIDATO NEGRO À VICE-PRESIDÊNCIA? — O «mayor» eleito de Los Angeles, Tom Bradley, poderá ser um dos principais candidatos à nomeação pelo Partido Democrático para a vice-presidência nas eleições de 1976 — de acordo com Robert Strauss, presidente da Comissão Nacional do Partido. Quando tomar posse do cargo, em 1 de Julho, Bradley será o primeiro «mayor» negro de Los Angeles.

REVOLUÇÃO POPULAR — A relações egípcio-líbias degradam-se, por efeito da revolução popular lançada por Tripoli. Com efeito já não eram boas desde o ataque contra um centro cultural egípcio em Benghazi no mês passado — anuncia o jornal «L'Orient-Le Jour». A rádio e a televisão líbias convidam o povo egípcio a fazer também uma revolução popular. Vários egípcios trabalhando nos Serviços de Informação líbios foram despedidos e as comissões populares constituídas na Líbia proibem os jornais egípcios — diz «L'Orient-Le Jour», acrescentando que, inquieto com este estado de coisas, o presidente egípcio Sadat teria proposto ao coronel Moammar Gaddafi uma reunião no fim da semana, num local da fronteira entre os dois países. (FP).

Documento secreto para um Governo italiano de centro-esquerda

ROMA, 7 (R.) — O Partido Democrata Cristão, o mais poderoso na política italiana, inaugurou ontem um congresso nacional de cinco dias, que se espera que determine a forma e a composição do próximo Governo do país.

Quando se iniciou o congresso, no Palácio dos Desportos de Roma, círculos informativos anunciaram um acordo relativo a linhas mestras de orientação comum pelos dirigentes das várias facções que compõem o Partido.

O programa baseia-se num documento secreto apresentado por Amintore Fanfani aos seus colegas. Fanfani é o presidente do Senado italiano e conhecido como o «homem for-

te» do Partido Democrata Cristão.

O documento propõe uma forma de se chegar a uma maioria parlamentar e sugere um regresso a um Governo de coligação centro-esquerda, agrupando os democratas-cristãos e os socialistas.

O Governo centro-direita, que tem um ano, do actual primeiro-ministro Giulio Andreotti, deve resignar em breve segundo se espera. Esse Governo perdeu a maioria parlamentar devido a uma questão com o Partido Republicano, e os dirigentes Democratas cristãos encaram o Governo de Andreotti como um Governo sem utilidade que atingiu o seu limite.



GIL - OCULISTA, LDA.

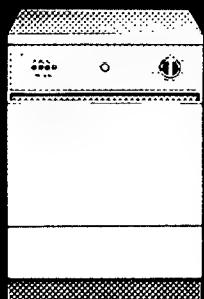
FUNDADA EM 1865
R. DA PRATA, 138-140 — LISBOA-2

Receituário Médico

Fornecedor de Caixas de Previdência
Aparelhos de Precisão

Máquina de lavar louça G 230

Distinguida pela sua apurada técnica de lavagem, fruto duma longa experiência.



- Programas universais
- 3 braços de aspersão rotativos
- Potente bomba de circulação
- Descalcificador de água de grande capacidade
- Secagem por condensação com aquecimento adicional
- Interior em aço inoxidável — exteriormente esmaltada

Miele



NOVOLAR

139 — Rua Ferreira Borges — 143
Telef. 687938 — Lisboa 3

Investigação policial à morte de George Getty filho do magnata

LOS ANGELES, 7 — (R) — George F. Getty, de 48 anos, filho do magnata do petróleo Paul Getty, faleceu ontem num hospital desta cidade e tanto a Polícia como o Gabinete do procurador distrital afirmaram

que a causa da morte estava a ser investigada.

Getty foi internado no hospital da Queen Of Los Angeles ontem, de manhã, e morreu à tarde. O Gabinete do procurador distrital ordenou que se procedesse hoje a uma autópsia e a Polícia comunicou que estava a investigar o caso.

Um funcionário do hospital disse que o óbito fora devido a «certo género de acidente», mas não especificou como ele corra.

Getty, que foi educado na Universidade de Princeton,

ocupou durante muitos anos, além de outros, o cargo de presidente e de administrador principal da Tidewater Oil Company, a empresa que ajudou o seu pai a tornar-se um dos homens mais ricos do mundo.

Filho da primeira das cinco mulheres do pai, o falecido deixa viúva, três filhos, três enteados e três irmãos mais novos.

Getty foi encontrado doente no quarto de dormir pela sua segunda mulher Jacqueline, com quem se casara em Maio de 1971.

Um informador da Getty Oil disse que não havia circunstâncias suspeitas rodeando a morte de Getty e que a autópsia pelo médico legista era apenas uma formalidade.

Acrescentou que Getty adoeceu às primeiras horas de ontem na sua residência e Bel-Air e morreu em consequência de uma hemorragia cerebral que tivera, a meio da tarde, no hospital.

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços técnicos da **FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO**. Pedidos aos escritórios: R. Conde de Redondo, 64, 2.º, dt.º Tel. 5 92 88. **ORÇAMENTOS GRÁTIS**

PARIS LONDRES
Viagem em autopullman
Salamanca, Victoria, Lourdes, Paris, Londres e Bordeus
16 dias — 9.600\$00
programa detalhado
Atlântica
Rua Capelo, 4-A, Lisboa
Tel. 36 92 81 (10 linhas)

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Baptista Pinto, R. da Misericórdia, 17-B — CAMPO MAIOR

DL/ESTRANGEIRO

PUGILATO NO PARLAMENTO

Suspensos dois ministros do Governo de Allende

SANTIAGO DO CHILE, 7 (F.P.) — Esta noite foram suspensos dois ministros chilenos por decisão da Câmara dos Deputados, depois de uma sessão tempestuosa que durou perto de sete horas.

Trata-se do ministro das Minas, Sérgio Bitar (esquerda cristã), e do ministro do Trabalho, Luis Figueiroa (comunista) que foram objecto de uma «acusação constitucional» lançada pelo Partido Democrata-Cristão (oposição centrada) e imediatamente apoiada pelo Partido Nacional (conservador), assim como por outros grupos da oposição.

A acusação foi aprovada por 78 votos, todos da oposição. Os

parlamentares da Unidade Popular (coligação governamental) deixaram a sala antes da votação aos gritos de «Chile sim, «yankees» não».

O caso deve passar amanhã ao Senado, que terá um prazo de 30 dias para se pronunciar. Se aprovar também a acusação feita contra os ministros Bitar e Figueiroa ambos serão «destituídos».

Desde que o presidente Allende subiu ao Poder, em Novembro de 1970, já foram acusados e destituídos pelo mesmo processo, três ministros. Outras oito acusações lançadas contra secretários de Estado, foram rejeitadas.

Acusações feitas contra os ministros Bitar e Figueiroa fundamentam-se nos «atentados às leis» que teriam provocado a greve parcial que afecta há mais de 40 dias a mina de cobre «El Teniente».

No entanto, um relatório do controle geral da República afirma que os ministros acusados «agiram no respeito absoluto pelas leis».

A sessão de ontem da Câmara dos Deputados que terminou com a «suspensão» dos dois ministros, decorreu no meio de al-

terações violentas, degenerando em pugilato geral.

Os ministros acusados assistiam à sessão a fim de se defenderem, mas as imprecações lançadas contra eles dos bancos da oposição impediam-nos de se fazerem ouvir. Foi então que Bitar e Figueiroa, assim como os outros deputados da coligação governamental, deixaram a sala antes da votação, no meio duma desordem geral, aos gritos de «Chile sim, «yankees» não».

Entretanto, as autoridades eclesiásticas chilenas exprimiram ontem a sua inquietação perante a situação económica e social que afecta actualmente o país.

Numa declaração publicada ontem, os bispos das províncias

centrais do Chile sublinham que «se pretende estabelecer uma divisão artificial dos chilenos em duas categorias ideológicas, que não correspondem à realidade».

Depois de referirem dificuldades tais como o abastecimento difícil da população, o documento sublinha a tendência para um estatismo absoluto na indústria sem uma participação adequada dos trabalhadores».

«O Chile, indicam os bispos, parece atingido pela guerra». A Igreja católica verifica com angústia a inflação que cresce de dia para dia e a crise económica que afecta o país».

Em conclusão na mina «El Teniente», cujos operários iniciaram ontem o 50.º dia de greve.

Boicotagem

BRUXELAS, 7 — (R) — Os Estados Unidos renovarão hoje o seu apelo para um maior esforço no campo da defesa por parte dos membros europeus da NATO durante uma sessão da comissão de planeamento de defesa (CPD) da aliança, que será boicotada pela Islândia.

ASSUNTO EXPORTAÇÃO

uma oportunidade para a sua empresa

Só 3 pessoas em cada 100 adivinham a resposta à



NOITE SEM FIM

DA OBRA DE

AGATHA CHRISTIE

HAYLEY MILLS \ HYWEL BENNET

BRITT EKLAND

GEORGE SANDERS PER OSCARSSON

Uma obra prima de suspense e também curiosamente... Uma história de amor

GRUPO D 18 ANOS

3.ª SEMANA NO

IMPÉRIO

FILMODA 3

de 15 a 19-9-1973



Vai realizar-se na F. I. L., no próximo mês de Setembro, a FILMODA 3 — SALÃO INTERNACIONAL DE VESTUÁRIO, CALÇADO E ADORNOS, único certame especializado da moda em Portugal. Esta iniciativa tem o apoio do FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO que tem vindo a fazer publicidade na imprensa estrangeira da especialidade e a organizar a vinda de várias missões comerciais. Como incentivo, ainda, a uma mais ampla participação neste Salão o F. F. E., subsidiará, parcialmente, o custo do aluguer de espaço a ocupar pelos expositores de produtos nacionais, de acordo com as condições previamente comunicadas aos inscritos. Por tudo isto e com base no êxito obtido pelas FILMODA anteriores, cujo número de visitantes profissionais tem aumentado de ano para ano, se prevê que a FILMODA 3 seja um autêntico ponto de encontro da moda. Pelo que representa como oportunidade de conhecer o que de mais moderno se concebe no seu ramo; pela aliciente perspectiva de negociações com os importadores e possíveis contactos com os industriais integrados no circuito, a FILMODA 3 é uma porta aberta à expansão da sua empresa. Exponha pois, senhor exportador, na FILMODA 3. Troque impressões, negocie, exporte! Para informações mais detalhadas, não hesite —

— contacte-nos! Existimos por si — para o ajudar a crescer



FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Av. 5 de Outubro, 101-3º - Telef. 767410/767520/767573
Delegação no Norte:
R. Gonçalves Crisóstomo, 128-1º Esq. - Tel. 380214 - Porto.
Inscrições: FIL - Feira Internacional de Lisboa
Praça das Indústrias - Lisboa 3

DL/GERAL

O COMBÓIO INTERROMPEU UMA VIAGEM PARA FRANÇA

Próximo do Outeiro da Cabeça, Caldas da Rainha, um comboio de mercadorias des-

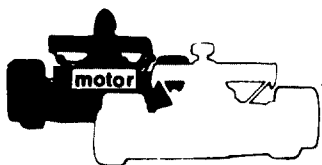
mantelou por completo um automóvel que momentos antes caíra à linha.

O carro, que se encontrava estacionado no Largo do Rato, em Lisboa, tinha sido utilizado

por três jovens que decidiram seguir para o lado de Torres Vedras. Porém, perto do Outeiro da Cabeça, uma curva apertada motivou que o carro se desviasse e caísse à linha.

Com ferimentos superficiais, pois tinham entretanto saltado para fora da viatura, foram transportados no mesmo comboio para as Caldas da Rainha onde receberam tratamento no Hospital Regional e foram entregues à G. N. R.

Segundo as autoridades, os três jovens, todos residentes em Lisboa, que se identificaram como tendo as profissões de montador electricista e canalizador, pretendiam atingir a fronteira para seguirem para França.



QUADROS

PERITAGEM — AMANHÃ 6.ª FEIRA

A SOC. DE LEILÕES AFRAFILHOS, LDA., consciente das dificuldades com que o possuidor de um quadro para venda por vezes depara para proceder à sua identificação, classificação e avaliação;

Seguindo os moldes em uso internacionalmente, obteve a colaboração de conhecido técnico de comprovada competência, consultor de grandes colecionadores particulares e dos mais importantes decoradores, galerias de arte e comerciantes deste ramo;

E assim criou uma secção de peritagem, que funciona TODAS AS 6.ª-FEIRAS, das 16 às 19 horas, na s/ sede, AV. D. LOULÉ, N.º 1-A.

CONDIÇÕES:

- 1—Peritagem e avaliação grátis, se o quadro observado ficar entregue à agência para venda em leilão, ou negociação particular;
- 2—Taxa de 2% sobre a avaliação se o mesmo não ficar entregue à agência;
- 3—Suplemento para deslocação se o quadro tiver que ser observado fora das n/ instalações;
- 4—Possível compra e imediato pagamento dos quadros apresentados, não cobrando também neste caso a taxa da avaliação.

COMUNICADO MUITO IMPORTANTE — Estamos já recebendo obras para o próximo leilão, pelo que recomendamos aos interessados, a sua entrega em breve prazo.

ACTIVIDADES DO CÍRCULO CULTURAL DE SETÚBAL

SETUBAL, 7 — No prosseguimento das suas actividades, o Círculo Cultural vai promover uma exposição de pintura e desenho, aberta a todos os temas e idades. Não haverá selecção nem competição. A entrega dos trabalhos a expor deverá ser efectuada na sede do Círculo, Avenida 5 de Outubro, 87, 2.º-D, nesta cidade, todas as quartas-feiras, das 19 às 20 horas.

Amanhã, sexta-feira, às 21 e 30, o Círculo leva a efeito mais uma sessão de cinema do ciclo «O Homem e a evolução». Será tratado o tema «A revolução neolítica», dirigido a sessão os arqueólogos Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares.

No que respeita a desporto, haverá no sábado, às 21 e 30, um colóquio, dirigido pelo professor António Sousa Santos, sobre o tema «Desporto e sociedade».

SEMANA DA CRIANÇA EM ALHANDRA

Por iniciativa da Associação de Promoção Social, em colaboração com as colectividades locais: Alhandra Sporting Club, Sociedade Euterpe Alhandrense, Clube Recreativo de Alhandra e Juventude Desportiva Alhandrense, tem estado a decorrer em Alhandra uma «Semana da Criança». O programa inclui exposições de livros, no Jardim de Infância; de fotografias, na Sociedade Euterpe; e de desenhos infantis, na Juventude Desportiva.

Ontem, houve uma mesa redonda, no Clube Recreativo, orientada pelo nosso prezado colaborador professor Calvet de Magalhães, director da Escola Preparatória Francisco Arruda, de Lisboa. Logo à noite, efectuar-se-á, no Teatro Salvador Marques, uma sessão de teatro infantil. Nos dias 9 e 10, realizar-se-ão provas desportivas.



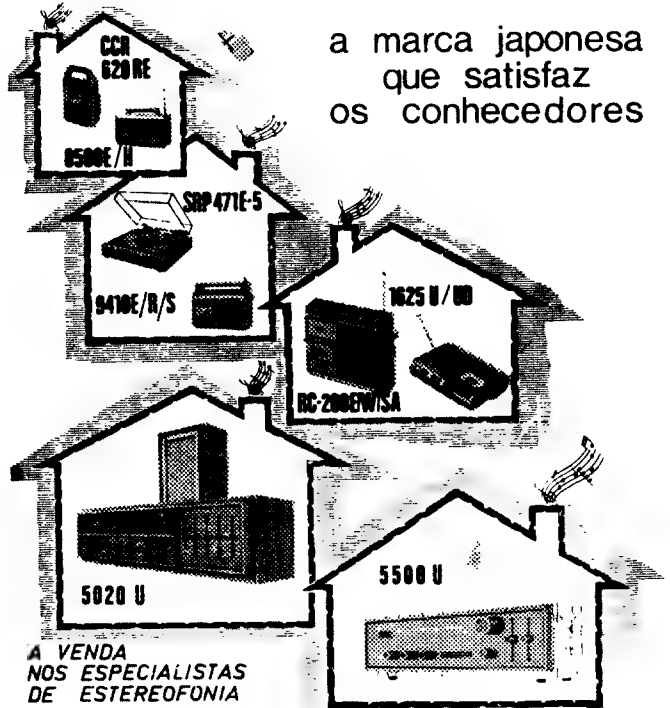
3

PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

Arroz «TREVO»
Arroz «MOÇAMBIQUE»
Especiarias «TREVO»

JVC NIVICO

a marca japonesa que satisfaz os conhecedores

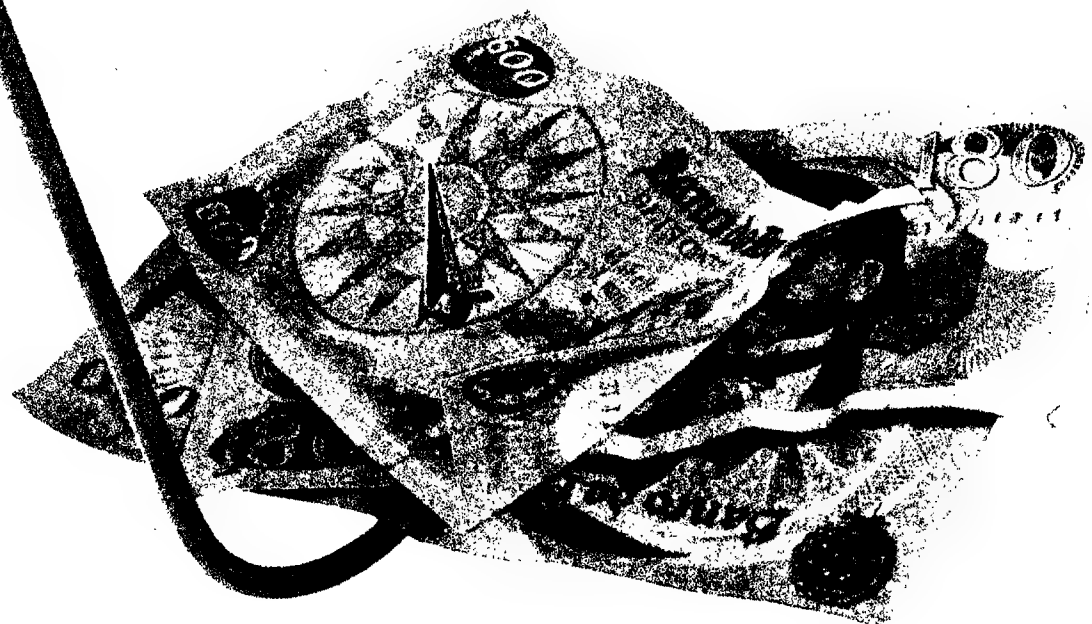


A VENDA NOS ESPECIALISTAS DE ESTEREOFONIA representantes exclusivos:

Soc. de Rep. SIDA-SUECA

RUA DE S. NICOLAU, 11-13 RUA DOS CORREIROS, 50-52 TEL. 211.11.11 LISBOA 2

a nossa isca



chama-se DINHEIRO!

Dinheiro mesmo. Dinheiro forte. Apesar da nossa política de baixos preços, que significa autêntica oferta de dinheiro, seleccionámos para venda as marcas mais reputadas, os modelos mais recentes, e as mais modernas inovações técnicas.

Venha v. mesmo comprovar que Qualidade e Gosto não custam mais

AVENIDA DA LIBERDADE, 131
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 124 B
RUA DE S. BENTO, 53-57
PRAÇA DE LONDRES, 7 A E 7-B
RUA D. ESTEFANIA, 193-D-E-F
RUA 1 DE MAIO, 146



Electrodomésticos - Móveis

Frigoríficos · Máquinas de lavar · Televisão · Hi-Fi · Cine-Foto · Candeeiros



NOVOS E USADOS

COMPRA E VENDA

RECAUCHUTAGEM

Alinhamento de direcções — Calibragem de rodas

Especializado em pneus de camion

AUTO MODELAR ALAMEDA, LDA.

Alameda das Linhas de Torres, 151-C

Telefs. 79 10 70 / 79 27 81

Importantes e oportunas afirmações do industrial João Pimenta sobre os problemas da construção civil

Cerca de trezentos participantes no II Colóquio Nacional da Indústria da Construção visitaram, hoje, ao princípio da tarde, em sessão de estudo, as instalações de J. Pimenta S.A.R.L., na sede-social em Queluz, e o Complexo Industrial de Talaíde. Acompanharam-nos várias individualidades de relevo, industriais e técnicos, em representação de vários sectores de actividades.

Os visitantes foram recebidos pelos membros do conselho de administração, gerência e directores dos diversos pelouros daquela importante empresa.

No decorrer do almoço, que foi servido em Queluz, o industrial João Pimenta proferiu as seguintes palavras:

«Senhores Congressistas
Meus caros colegas de trabalho
Meus amigos

Vão V. Exas. visitar as nossas instalações administrativas e comerciais e os nossos Estaleiros Industriais de Talaíde.

Desde já, estão V. Exas. convidados a visitar os nossos bairros em construção e a nossa fábrica Nova Cerâmica da Madalena Ld.ª, em Leiria.

Tudo o que V. Exas. vão observar integra-se num grupo de empresas que compõem unidades comerciais e industriais capazes de produzir mais de 2000 unidades habitacionais, anualmente, numa verdadeira cadeia de linhas de montagem que se inicia no estudo de projectos, na planificação e continua na execução, na própria decoração e, ainda, na administração dessas mesmas unidades habitacionais.

Neste preciso momento, administramos cerca de 8 mil unidades habitacionais que as empresas, de que faço parte, constroem.

As nossas explorações fabris e comerciais destinam-se, especialmente, aos seguintes sectores: cerâmica (azulejos e loiças sanitárias); extração, britagem e classificação de calcários; centrais de betão pronto e sua colocação e m obra; prefabricação de elementos de betão; fabricação de estruturas metálicas e de caixilharia de alumínio; fabricação de mobiliário (para aplicação própria e para abastecimento do mercado externo), além de empreendimentos de hotelaria e de turismo, etc.

Sabemos que existem empresas congêneres, bem apetrechadas, para as quais vão os nossos sinceros parabéns. Ao mesmo tempo, incentivamos, abrindo as nossas portas, aos que ainda não se dispuseram a entrar na industrialização da construção civil para que, se de algo os nossos conhecimentos lhes servirem, os utilizem sempre que o entenderem por conveniente.

Os nossos maiores agradecimentos, portanto, por se terem deslocado até nós.

Os Colóquios sobre Habitação e Indústria da Construção Civil trazem-nos ensinamentos, aproximam-nos como pessoas, mostram-nos realidades.

Nós, homens que nos integramos na Indústria da Construção Civil e Obras Públicas, precisamos de nos conhecer cada vez melhor, inteirarmo-nos das novas técnicas, para assim darmos continuidade e actualização à herança que nos foi legada por aqueles que construíram em Lisboa, Porto, Coimbra e outras cidades que para além da sua expressiva dimensão condensam uma beleza ímpar no Mundo. Essas cidades foram construídas por portugueses, todos empe-

nhados no mesmo espírito de servir o País como nós próprios estamos empenhados no dia de hoje.

O nosso Colóquio tem tido incentivos de alto interesse de molde a dar e a receber ensinamentos que permitam uma maior aceleração na execução rápida e no desenvolvimento da economia de que o País tem precisa.

Há a anotar, no entanto, com desagrado, o que ocorreu na sessão e debate do Tema II, no passado dia 5, em que se aludia à industrialização e estrutura empresarial, sob a presidência do Exm.º Director dos Serviços de Urbanização da Área de Sintra, sr. engenheiro António Martins Oliveira.

Penso eu que, no caso presente, estamos perante um dos factos consumados. Entretanto, ou porque houve má interpretação ou, porque naturalmente, toda a sala estava a transbordar de nervos, em especial eu próprio por causa das palavras proferidas pelo sr. eng.º António Martins, não me foi permitido discutir o tema.

Em toda a minha actividade profissional e industrial procurei aguardar o momento da minha intervenção, mas nunca consenti que, na minha presença, alguém tomasse o meu lugar, o que sucedeu.

Não me tendo sido autorizado sair da ordem dos trabalhos, outros porém transgrediram o preceito, constantemente, discutindo durante algum tempo assuntos estranhos. Quando tentei interferir, foi-me negado o uso da palavra. A ordem dos trabalhos continuou e continuou-se a não respeitar a ética dos princípios estabelecidos.

Ora o que eu visava esclarecer constava da agenda da sessão. Pretendia eu, especialmente, referir-me à falta de ordem com que os trabalhos haviam sido iniciados. Os industriais, que compunham o Colóquio neste caso interessados no Tema II, eram e são, independentemente da sua maior ou menor formação, pessoas de bem que capricham em obedecer a regras morais que a si próprio impuseram para respeitar no convívio com os outros. Eu, pessoalmente, e as empresas a que estou ligado não carecemos de desafios para nos industrializarmos.

A alusão a outros assuntos, que mereceram observação particular, um dos quais a comparação com os carros que cada indivíduo possui para o seu trabalho desgastante na actividade de todos os dias e a mesma equiparação com os organismos estatais, constituiu um atropelo grave. Não só a todas as ordens de trabalho como, principalmente, às mais elementares leis do civismo!...

Foram versados diversos outros assuntos, na aludida sessão, confesso que com pouco interesse. Se se trata de industrialização e estrutura empresarial, devo declarar, pelo lugar que me cabe, de que não é possível estruturar convenientemente uma empresa com planos de urbanização ou projectos de construção a demorarem de 3 meses a mais de 3 anos a serem aprovados e, em alguns casos, contra as determinações legais. Que nas aprovações seja, por vezes, dada prioridade aos negociantes de terrenos em detrimento de empresas industriais convenientemente organizadas. O que se deveria pôr em execução seria a criação de zonas de expansão de urbanização, devidamente planificadas pelas entidades oficiais, de molde a enquadra-

rem-se na verdadeira industrialização. Essas realizações que poderiam ser por empreitada, ou por venda de terrenos em hasta pública, mas em parcelas de terreno de dimensões de forma a que as empresas, para além do estaleiro geral, possam criar um estaleiro de obra. Que a essas empresas, tanto no campo da empreitada como no da construção particular, lhes sejam impostas por empreitadas gerais todas as infra-estruturas, englobando arruamentos, instalações para o ensino primário, médio e liceal, transportes, espaços verdes e todo o equipamento em nível condizente com a valorização do local e com o desenvolvimento do País.

Um dos temas, profundamente discutido, foi o dos salários dos operários. Afirmou-se que muitas vezes se verificava não haver concorrentes para a adjudicação das empreitadas que eram postas a concurso. Deu-se a entender mesmo que a essas empreitadas poderiam concorrer empresas estrangeiras que trariam consigo os bons operários portugueses emigrados.

Aqui encontramos-nos diante de dois paradoxos. A nossa empresa, que por ano, constrói propriedades particulares de largas centenas de milhares de contos, possui alvará de obras públicas apenas no valor de 10 mil contos embora conte com quadros técnicos e maquinaria especializada para um alvará superior a 50 mil contos. Contudo, têm sido em vão os seus esforços nesse sentido.

Porém, neste momento, solicitámos a elevação da classe dos nossos alvarás para:

I — Categoria — Construção Civil para subclasse B da 4.ª classe. Obras de valor superior a 50 mil contos.

I — Subcategoria — Edifícios da 1.ª Categoria. Construção Civil para a subclasse B da 4.ª classe. Obras de valor superior a 50 mil contos.

IV — Categoria — Vias de comunicação e Aerodromos, Subclasse B da 4.ª classe. Obras de valor superior a 50 mil contos.

III — Categoria — Pontes — Subclasse A da 4.ª classe. Obras até 50 mil contos.

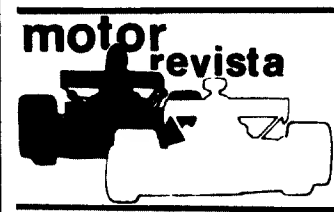
V — Categoria — Obras de urbanização para a 3.ª classe, obras de valor até 20 mil contos.

Esperamos que esta empresa, que trabalha para o engrandecimento de Portugal, Continental e Ultramarino, seja desta vez ouvida criteriosamente nas suas petições.

O outro paradoxo é o condicionamento rigoroso a que está sujeita a publicidade. Como poderá uma empresa fazer chegar ao conhecimento dos mais variados profissionais os salários que pretende pagar, se isto lhe é vedado através de anúncios?

Nós, as empresas J. Pimenta como certamente os mais diversos empresários, estamos empenhados em pagar os melhores salários e em proporcionar trabalho honesto ao País. Somos, numa grande parte, gente do povo, do povo que está com o Governo da Nação, que quer continuar a progredir, em paz, sem a interferência de estrangeiros em Portugal Continental, Insular e Ultramarino. Se há maneira de evitar a saída de divisas do País, uma é a da não intervenção de empresas estrangeiras na construção civil e obras públicas.

Resta-me agradecer o convívio, os ensinamentos, a cordialidade e dizer que estamos sempre à vossa inteira disposição».



O Banco de Fomento e a Indústria de Construção

Continuação da pag. 9

volver no sentido de se conseguir o indispensável ajustamento entre as actividades da construção e as solicitações que lhe são dirigidas. A propósito, aludi à situação existente nos campos da construção habitacional, escolar e de obras públicas, frisando que, no primeiro caso, a construção de fogos não tem acompanhado o ritmo desejável, para o que também contribuem razões alheias à indústria. Quanto aos outros dois casos, era de considerar o facto desfavorável de se repartirem por vários concorrentes empreitadas de montantes que não podem considerar-se excessivos ou de se registar reduzida competitividade por parte de empresas nacionais em concursos de grande envergadura abertos recentemente no mercado das obras públicas.

Por fim, o orador sublinhou que um banco de desenvolvimento não poderia ficar indiferente aos problemas que na sua expansão o sector defronta e tendia por força dos seus imperativos institucionais, a intervir técnica e financeiramente de maneira adequada ao encontro de soluções que permitam à indústria participar e responder às solicitações que se geram no próprio

mercado interno. Daí a sondagem que se vai realizar, para detecção e definição dos contornos das zonas onde a sua acção se afigure útil e eficaz, permitindo o conhecimento mais exacto dos problemas e das perspectivas de evolução que oferece o mercado. E, a concluir, observou que depende em parte dos resultados da consulta o êxito das iniciativas que o Banco de Fomento projecta desencadear com vista ao fortalecimento do sector nacional da construção.

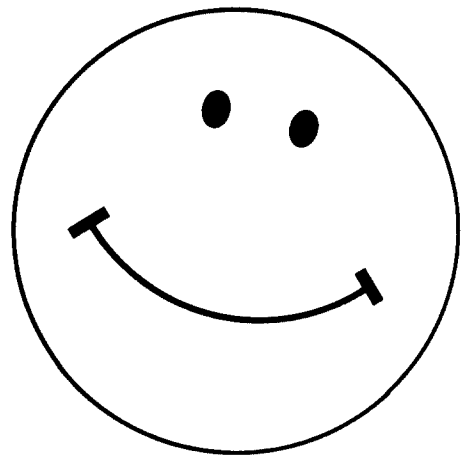
CONCURSO PARA JOVENS

Promovido pelo Museu Antoniano, de Bolonha, vai realizar-se o concurso internacional Forum dos Jovens, que este ano tem como tema a ecologia, focando especialmente os seguintes pontos: o homem e o ambiente; a utilização dos recursos naturais e a conservação da Natureza.

O concurso está aberto a todos os jovens com mais de 14 e menos de 20 anos, que poderão apresentar trabalhos nas respectivas línguas ou em inglês e italiano, dactilografados com três cópias e enviando-os, até 31 de Outubro, para o secretariado do concurso, com o seguinte endereço: Antoniano — «Forum dei Giovani» — Via Guinizzelli, 3 — 40125, Bolonha, Itália.

O programa do concurso pode ser consultado no Instituto Italiano de Cultura, Rua do Salitre, 146, em Lisboa, onde prestam todos os esclarecimentos.

NEGRITAS GIGANTE



o bom gigante

DL/DESPORTOS

Hipnotizador no futebol brasileiro

PORTO ALEGRE (Rio Grande do Sul), 6 — O Esporte Clube São José, de Porto Alegre, decidiu contratar um hipnotizador para preparar psicologicamente os seus jogadores, que no domingo defrontam, para o campeonato de futebol do Rio Grande do Sul, a equipa do Internacional de Porto Alegre, actual guia do torneio.

Nilson Dias, dirigente do São José, anunciou que a sugestão de se contratar um hipnotizador foi feita pelo guardião, Marcos, que há dois anos foi submetido a intenso tratamento psicoterápico à base de hipnotismo, depois de uma lesão quase o ter perdido para o futebol.

Modalidades

XADREZ: Fernando Silva e Joaquim Durão estão empatados ao fim da segunda partida do Campeonato Nacional de Xadrez, cuja finalíssima decorre em Coimbra. Durão havia ganhado a primeira partida mas onem Fernando Silva venceu, pelo que o empate de 1-1 torna ainda mais emocionante o duelo entre os dois mestres.

TÊNIS: A equipa de Tênis do Belenenses foi a Mérida derrotar rotundamente o Club Tênis Proserpina. Resultado final dos embates: 10-1.

BASQUETEBOLE: Vencendo o Cuf, no seu próprio recinto, 47-46, as meninas do Sporting classificaram-se para as meias finais da Taça de Portugal em Basquetebol Feminino. A vitória das jovens «leas» foi conseguida num cesto de Abília a

dois segundos do final. Além do Sporting participam nas meias-finais Académica, Algués-Académica ou Vilanovense.

ATLETISMO: Com vista aos campeonatos europeus de juniores em Atletismo a Federação pre-seleccionou seis atletas: Maria José Sobral, Conceição Vilhena, Helder de Jesus, António Maruta, Pedro Barahna e Bernardo Faria. Deste sexteto apenas Helder Jesus conseguiu ainda os mínimos para a competição europeia.

CICLISMO: A equipa «La Casera», que é orientada por Bahamontes, estará este ano, novamente, no nosso país para participar na Volta a Portugal. Os ciclistas espanhóis representarão as Caves Messias durante a competição velocipédica marcada para o mês de Agosto.

Benfica em Croix

O 17.º Torneio Internacional de Juvenis organizado em Croix (Norte da França) conta este ano com a participação dos brasileiros do Botafogo. O torneio disputa-se de 9 a 11 do corrente, estando inscritos clubes de dez nações.

Efectuado o sorteio foram constituídos os seguintes grupos: Grupo A: Botafogo (Brasil), Schalke 04 (Alemanha Ocidental), A. S. Nancy (França); Grupo B: A. C. Milan (Itália), Legia de Varsóvia (Polónia), F. C. Nantes (França); Grupo C: Glasgow Rangers (Escócia), Ajax de Amsterdão (Holanda), I. C. Croix (França); Grupo D: S. L. Benfica (Portugal), Dynamo de Kiev (U. R. S. S.), S. C. Anderlecht (Bélgica).

OCAÑA PRESTIGIADO

Ao ganhar pela terceira vez o «Dauphine-Libéré», o espanhol Luis Ocaña colocou-se no segundo lugar no troféu Superprestígio Pernod cuja classificação actual é a seguinte: 1.º Merckx, 260 pontos; 2.º Ocaña, 130; 3.º Maertens, 125; 4.º Goddefroot, 112; 5.º Verbeeck, 103; 6.º Poulidor, 85; 7.º Zoetemelk, 85; 8.º Thevenet, 70; 9.º R. Vlaemynck, 70 e 10.º Mattioda, 60.

ANDEBOL

O professor Machado da Costa é o novo treinador das equipas de andebol do Belenenses.

ALCOCHETE

Organizado pelo Grupo Académico Juvenil, vai iniciar-se no domingo a disputa do I Torneio da Juventude de Alcochete.

COVILHÃ

Com a presença do Secretário de Estado do Trabalho e Previdência, é inaugurado no próximo dia 8 o Pavilhão Gimnodesportivo da Covilhã.

PESCA DESPORTIVA

O Sporting de Alenquer organiza no próximo dia 17, na Vala de Marcães, um concurso de Pesca Desportiva em água doce.

DIA DO ANDEBOL

A Associação de Andebol de Lisboa marcou para 13 do corrente o «Dia do Andebol». Durante todo o dia, serão disputados no Pavilhão Gimnodesportivo da Ajuda.

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Classificações finais dos I Jogos Desportivos Nacionais da Caixa Geral de Depósitos em **FUTEBOL SALÃO:** 1.º Lisboa, 2.º Porto e 3.º Santarém. **VOLEIBOL:** 1.º Lisboa, 2.º Porto, 3.º Viana do Castelo e 4.º Évora. **TÊNIS DE MESA:** 1.º A. Santos (Lisboa), 2.º Leão (Porto) e 3.º Nogueira (Porto). **XADREZ:** 1.º Heliodoro Ferreira

REGISTO

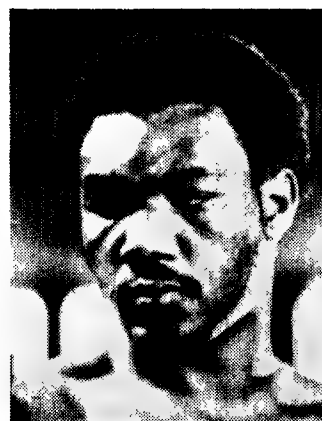
(Lisboa), 2.º Flório (Porto) e 3.º Sobral (Porto). **DAMAS:** 1.º Alcino Mesquita, 2.º A. Malhão e 3.º Eduardo Castelo (todos de Lisboa).

ATLETISMO, Lançamento do peso: 1.º Anastácio (Lisboa), 10,56, 2.º Cunha (Viana), 10,38 e 3.º Sousa (Porto), 9,78. **Lançamento do disco:** 1.º Fonseca (Lisboa), 26,32, 2.º

Gomes (Porto), 21,60 e 3.º Roque (Lisboa), 21,00. **Corrida de 200 M:** 1.º dr. Abdul (Lisboa), 24,04, 2.º Caiado (Lisboa), 27,02 e 3.º Faustino (Faro), 28,5. **Corrida de 1500 M:** 1.º Figueiredo (Lisboa), 4,39,1, 2.º Viana (Porto), 4,39,3 e 3.º Brás (Faro), 7,02.

GINÁSTICA

Termina hoje a II Semana de Ginástica, que desde o passado dia 4 tem vindo a ser disputada na sede do clube organizador: o Clube Atlético de Alvalade.



Foreman ao muro para variar

Gerge Forman campeão mundial de boxe da categoria de «pesados» porá pela primeira vez o seu título em jogo, num combate apurado para o primeiro dia de Setembro, em Tóquio. Frente ao negro norte-americano estarão porto-ri-

quenho Joe «King» Roman que vamos, na foto, à esquerda de Foreman.

Em ÁGUEDA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência Conde, Rua Vasco da Gama, 12.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 40 DE 10 DE JUNHO 73

Bondiazinho — 121 221 11x 1212; Brado Africano Desporto — 111 11x 111 1x12; Brado Africano Ronga — 111 x12 1x1 1xx2; Cidade 73 — 121 211 112 2x12; Domingo Alegre — 1x1 112 x11 211x; Passatempo — 121 1x1 112 1212; Revista Desportiva — 11x xxx 11x x112; Roteiro Sonoro — 111 x11 11x 1221; Terceiro Programa — 111 111 112 1x11; 20 Ponto D — x11 x1x 111 211x; O Alcoa — 121 111 121 111x; Beira Baixa — 111 111 111 x2x2; Boa Nova — 1xx 211 111 1212; Car-Jeal Saraiva — 1x1 111 11x 2111; Cavalgada do Ritmo — 111 111 111 x1x2; Comércio de Portimão — 1x1 111 111 1x12; Correio dos Açores — 1x1 xxx 1x1 111x; Correio de Coimbra — 111 211 111 x112; A Defesa — 121 x1x 1x1 2x12; Desportivo das Beiras — 111 2xx 111 x1x2; O Distrito de Setúbal — 11x x11 111 111x; Eco de Estremoz — 1x1 1x1 1x1 121x; Época — 1x1 21x 122 1x11; Estrela da Manhã — 111 x11 1x1 111x; Eu Sei Tudo — 1x1 x11 122 x112; Folha do Domingo — 111 21x 11x 2112; Imagens Piedenses — 1x1 11x 1x2 1x1x; Jornal das Aves — 1x1 x1x 1x1 x112; Jornal do Barreiro — 121 1x1 11x 21x2; O Jornal de Fel-

gueiras — 111 x11 111 2x1x; Açores — 1x1 2x1 111 1xxx; O Algarve — 1x1111 111 11x2; Auto Rádio — 111 1x1 11x x11x; Clube do Ar — 111 111 111 2112; O Comércio de Leixões — 1x1 11x 111 x11x; O Concelho de Estarreja — 121 1x1 122 1112; Correio do Minho — 111 x11 1x1 111x; Correio do Vouga — 111 x11 111 1111; As 10 espere por nós — 1x1 x1x 1xx x111; Diário do Alentejo — 1x1 111 111 x21x; Diário de Coimbra — 1x1 x11 111 111x; Diário do Minho — 111 x11 111 x11x; Diário do Porto — 111 111 12x 1112; Ecos de Cacia — 1x1 211 111 211x; Ecos do Desporto — 1x1 x11 1x1 x1x2; Estúdio 64 — 111 121 112 1x12; Dos Fracos não reza a história — 121 2x2 1x2 1x1; A Ilha — 111 x11 1x1 111x; Jornal da Graça — 111 111 111 1111; O Jornal da Lixa — 1x1 121 11x 2112; Jornal de Notícias — 111 21x 111 211x; Jornal de Santo Tirso — 111 1x1 1x1 x112; Jornal de Sintra — 111 11x 111 x11x; Jornal do Sul — 111 111 111 x112; Litoral — 111 2x1 111 111x; Manchete Desportiva — 111 211 121 111x; Maria da Fonte — 1x1 111 111 x11x; Notícias de Chaves — 121 111 111 x122;

Notícias de Felgueiras — 1x1 xx1 111 x112; Notícias de Gouveia — 1x1 111 121 1212; Notícias de Guimarães — 111 x11 1x1 211x; A Ordem — 111 1x1 112 1112; Peça que não maça — 1x1 211 121 2x11; Penalti — 111 x11 1x1 1112; Placard Desportivo — 111 111 111 x111; Placard Desportivo Açores — 111 1x1 11x 121x; Povo Algarvio — 121 111 111 1111; A Rabeca — 111 x11 111 2xx2; Rádio Alitude — 1x1 111 111 111x; Rádio Oceano — 1x1 211 1x1 11xx; Rádio Placard — 111 111 111 1111; Reconquista — 111 1x1 111 2111; Renovação — 1x1 211 111 111x; Repórter do Dia Angola — 111 x11 111 x11x; República — 111 x11 1x1 x111; Revista de Som — 121 x11 12x 2211; Ritmo e Amizade — 111 11x 1x1 xx1x; O Sorriso da hora do almoço — 111 11x 11x 1x1x; O Telégrafo — 1x1 x11 111 211x; O Templário — 1x1 111 111 2112; Terra Alta — 111 11x 112 12x2; A Voz Desportiva — 11x 211 11x 1211; A Voz Domingo — 1x1 x1x 1x1 2111; Voz de Lamego — 111 111 11x 2221; A Voz dos Ridículos — 111 111 111 2112; Mundo Desportivo — 1x1 x11 1x1 1xx1; Rádio Desporto — 111 121 112

2212; Notícias do Totobola — 111 2x1 111 2112; A Nossa Chave — 1x1 1xx 111 111x; O Nosso Palpite — 121 xx2 11x x1x2; Último Palpite — 11x 1x2 1xx 21x1; O Primeiro de Janeiro — 1x1 x11 1x2 2x1x; Programa sem nome — 112 x21 121 xx22; Quadrante Desportivo —

121 121 11x 1112; Quadrante Norte — 111 1x1 111 x11x; Resenha Desportiva — 1x1 x11 1x1 x1x2; Diário de Lisboa — 1x1 x11 1x1 1x2x; O Mensageiro — 111 111 1x1 x112; Notícias de Évora — 1x1 x11 1x1 111x; Voz do Casa Pia — 1x1 x11 111 1112; Rádio Sports

— 1x1 111 111 1112; Montra do Éxito — 111 1x1 11x 12xx; Só Rádio — 1x1 211 1xx 11x1; Música e Desporto — 111 222 12x 1111; Boletim Desportivo — 1xx 211 111 2112; Miscelânea Musical — 111 111 121 2xxx; Programa da Manhã — 111 2xx 112 x11x.

	R E S U M O			B O L A S			(a)
	1	X	2	1	X	2	
1. BELENENSES-BARREIRENSE	106	1	-	11	1	1	
2. SETÚBAL-SPORTING	55	39	13	6	4	2	
3. PORTO-UNIAO COIMBRA	100	6	1	10	1	1	
4. UNIAO TOMAR-BEIRA MAR	50	35	22	6	4	2	
5. FARENSE-BOAVISTA	76	24	7	8	3	1	
6. GUIMARAES-LEIXOES	81	20	6	9	2	1	
7. BENFICA-MONTIJO	106	1	-	11	1	1	
8. CUF-ATLÉTICO	67	28	12	8	3	1	
9. MARITIMO-SACAVENENSE	72	21	14	8	2	2	
10. ODIVELAS-TRAMAGAL	46	32	29	5	4	3	
11. AVES-FEIRENSE	71	20	16	8	2	2	
12. TIRSENSE-PENAFIEL	82	20	5	9	2	1	
13. ITÁLIA-BRASIL	22	40	45	2	5	5	

a) Nos termos do Art.º 109.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

A chave lógica será:
111 111 111 1112

EM ESPANHA

Os clubes de futebol profissional inscritos no Grémio dos Espectáculos

«Todos os clubes de futebol espanhóis serão obrigados a inscrever-se no Grémio dos Empresários dos respectivos

sindicatos provinciais, de acordo com as instruções fornecidas pelo presidente do Sindicato Nacional dos Espectáculos.

Os clubes devem, na altura devida, apresentar, perante o respectivo organismo, uma relação nominal e circunstancial de quantos futebolistas profissionais dispõe a equipa. Com essa norma, os clubes de futebol convertem-se legalmente em empresas e os futebolistas em trabalhadores por conta de outrem».

O teor deste telegrama, difundido pela EFE (a partir de Madrid) é oportuníssimo e tem interesse para os jogadores profissionais do futebol português, pois vem exactamente na hora em que, eleitos os seus representantes sindicais e regularizada a situação do Sindicato recentemente criado, podem constatar o avanço que a legislação para as relações laborais clubes-jogadores já leva noutros países, instigando-os a continuar a lutar pela consecução dos direitos e da regulamentação porque se batem.

Mas, o telegrama de Madrid é ainda mais explícito, dizendo que «os jogadores devem eleger os seus representantes para discutir com os empresários todos os assuntos, nomeadamente os contratos colectivos de trabalho».

Depois disso, pergunta-se: porque se espera em Portugal para regularizar definitivamente a actividade dos clubes com equipas profissionais de futebol ou outra modalidade, obrigando-os a agremiarem-se ou a inscreverem-se num dos gremios de espectáculos já existentes? Até porque isso vai permitir que o futebol profissional se moralize, deixe de ser considerado desporto pelos ingenuos e passe a ser encarado como de facto é um espectáculo de alto nível, praticado por profissionais, no pleno uso dos seus direitos e obrigações.

Os jogadores estão associados, as empresas devem sê-lo também. A reunião de Guimarães, no aniversário do Vitória, deu brado. Na altura pensou-se que estava lançada a estrutura para o Grémio das Empresas de Futebol, mas tudo ficou como dantes. O que é anómalo até porque amanhã, quando os jogadores impuserem a discussão de um contrato colectivo de trabalho, quem vai ser seu interlocutor para o discutir?

Complementarmente, na mesma ocasião, a agência espanhola distribuiu um serviço de imprensa onde se lê: «Os futebolistas e treinadores da primeira, segunda e terceira divisões do futebol italiano vão jogar nos próximos dias a evidência de que assistem a uma situação que se repete em Portugal».

BRASIL TRIUNFANTE

Sem qualquer problema, a nova selecção «canarinho» (de Mario Zagalo) venceu, em jogo particular, a representação da Tunísia por 4-1, com golos de Paulo Cesar (2), Valdomiro e Rivelino.

O Torriense derrotou por 3-1 uma formação do Vitória de Setúbal, no decorrer da festa de homenagem prestada a Alfredo.

Com toda a naturalidade, o Fluminense (desfalcado...) triunfou por 7-0 no confronto com o Benfica de Luanda.

Huddersfield e Vitória de Setúbal disputam a final do torneio dotado com o troféu «Lança Moireira». Resultados verificados nos confrontos de ontem: Barreirense, 0-0; (após a marcação de grandes penalidades para desempate: 5-6) e Huddersfield, 0-Benfica, 0 (depois de uma série de penalidades), também para encontrar um vencedor: 5-2).

Uma vez que se encontram pendentes diversos recursos de clubes, a Federação adiou para data oportuna o jogo final da terceira divisão, anteriormente previsto para domingo próximo.

A reservas do Oriental e do Belenenses defrontam-se esta noite (21 horas) no campo eng.º Carlos Salgueiro, em partida que conta para o inconsequente torneio promovido pela A.F.F.

Será mais tarde que habitualmente a hora de início do jogo Sporting-Vitória de Setúbal para a Taça de Portugal — os primeiros pontapes serão dados às 18 horas, para não colidirem com os jogos de competência (que se iniciam pelas 16 horas) na tarde de domingo, 17 do corrente.

Tranquilidade nos espíritos portistas. Manchester United informou Pavão, por telefonema, de que desistia de tentar a sua colaboração.

De Inglaterra chega a informação: Ronnie Allen será, a partir de 2 de Julho, o treinador da modestíssima equipa do Walsall, da terceira divisão da ilha.

Festa no Restelo: domingo no intervalo do jogo Belenenses-Barreirense, o dr. Silva Rocha receberá a Medalha de Mérito Desportivo. Honra ao talento e ao prestígio de um excepcional desportista.

Baltasar (Atlético) quase no Benfica: fala-se em 1200 contos a reverterem para o clube da Tapadinha.

A selecção de futebol da Alemanha Oriental bateu a da Finlândia por 5 a 1, em jogo realizado na cidade de Tampere a contar para o grupo 4 da zona europeia de qualificação para o Mundial de Munique.

A Checoslováquia venceu a Dinamarca por 6-0, resultado feito na segunda parte, num jogo de futebol da fase preliminar do Campeonato Mundial.

Em encontro também a contar para as eliminatórias do campeonato do mundo de futebol, grupo 5, a Polónia venceu a Inglaterra por 2-0. Os dois golos do desafio, a que assistiram 100 000 espectadores, foram marcados por Banas e por Lubanski. As equipas: Polónia: Tomaszewski; Rzesny; Gorgon; Bulzacki; Musial; Kraske; Cmiekiwicz e Dejna; Banas; Lubanski; Gadocha. Inglaterra: Shilton; Storey; Madeley; Moore e McFarland; Hughes, Ball e Bell; Peters; Chivers e Clarke.

Na classificação do grupo cinco, a Inglaterra e o País de Gales têm 3 pontos, de três jogos, enquanto a Polónia conta dois pontos, de dois jogos.

O Independiente (da Argentina) conquistou a Taça dos Libertadores da América, ao derrotar, na finalíssima e após prolongamento, o Colo-Colo (do Chile) por 2-1.

HÓQUEI EM PATINS

Carvalho (Oeiras) dez jogos suspenso

Na sua reunião de ontem, a direcção da Associação Portuguesa de Hóquei em Patins decidiu suspender por dez jogos o jogador Carvalho (Oeiras) por ter sido apanhado a jogar ilegalmente no jogo de ontem, disputado entre os dois clubes da cidade de Oeiras.

processo de inquérito em «falsas declarações», incidentes, falta de disciplina e de moralidade, entre outros motivos.

Carvalho, jogador de Oeiras, foi apanhado a jogar ilegalmente no jogo de ontem, disputado entre os dois clubes da cidade de Oeiras.

Merckx preocupado

Os dois maiores rivais do organismo português de ciclismo, o italiano Bottecchia e o belga Merckx, estão a preparar-se para a disputa de 100 km de estrada, em 17 de Junho, no circuito de Alameda, em Alameda, onde o campeão português de ciclismo, Agostinho da Silva, está a preparar-se para a disputa de 100 km de estrada, em 17 de Junho, no circuito de Alameda, em Alameda.

nos dois maiores rivais do organismo português de ciclismo, o italiano Bottecchia e o belga Merckx, estão a preparar-se para a disputa de 100 km de estrada, em 17 de Junho, no circuito de Alameda, em Alameda.

Após mais esta noite de prova a segunda classificação do torneio, Simão ainda só vai

VENDA AO PÚBLICO



motor revista

Marinho e Freitas : castigos diversos para "crimes" iguais

Todos quantos assistiram, domingo passado, ao embate Sporting-Belenenses, em Alvalade, deram pelo caso: a certa altura do jogo (segunda parte) o avançado Marinho foi derrubado em falta por um adversário, quando estava já internado na grande área contrária. O árbitro Adelino Antunes, por indicação do fiscal de linha Silva Zenha, apitou para assinalar o castigo contra os «azuis», ordenando a marcação de um livre. Num gesto rápido, Marinho veio junto à linha lateral e disse qualquer coisa para o fiscal Silva Zenha: o árbitro aproximou-se e mostrou-lhe o cartão amarelo, prosseguindo o encontro.

Ora, na bem recheada lista de castigos elaborada a noite passada pelo Conselho de Disciplina da Federação (a quem o eng.º Sousa Loureiro, da Comissão Central de Arbitros, não hesitou em atacar pela TV numa entrevista conduzida por Artur Agostinho, na passada 2.ª feira) no tal rol de castigos,

íamos a dizer, lá vem um jogo de suspensão a Marinho por atitude incorrecta para com a equipa de arbitragem».

A menos que Marinho, depois do calor do jogo, tenha proferido (no túnel de Alvalade ou nas cabinas) algum público «desabafo» contra o trio de arbitragem, fica sem se compreender bem o motivo do seu castigo. Ou prevaleceu e merecia logo ter sido expulso ou então o tímido árbitro lisboeta, receoso de uma assobiadela, contemporizou com a atitude do futebolista e fechou os olhos à afronta até chegar a hora de redigir o seu boletim.

Mas, cá estamos no tal beco sem saída: na mesma lista de penalidades aplicada pelo Conselho de Disciplina da Federação, reza-se que o belenenses Freitas (voluntário ou involuntário causador de um massacre em Escalide) é repreendido por escrito por uma falta absolutamente idêntica à de Marinho. Isto é: «por atitude incorrecta para com a equi-

pa de arbitragem»...

Os antecedentes dos jogadores são idênticos. A falta é paralela. Porquê, então, uma dualidade de critérios apreciativos?

São mais achegas para os tais incompreensíveis casos que dominam os bastidores do futebol, com especial predilecção pelo campo das arbitragens em que pontifica o eng.º Sousa Loureiro e os juizes por si escolhidos para os diferentes jogos oficiais. Acontecimentos que o tempo acaba por sepultar, é bem verdade, mas que ficam para sempre a latejar, como foi o caso da torrente de castigos dada a jogadores do União de Tomar sem nunca se ter chegado a saber o que os provocou...

Muita falta faz, neste bonito País, um Tribunal de Justiça Desportiva. Talvez ele substituisse, com muita vantagem, as vedações de arame farpado que os árbitros querem à sua volta, para um melhor sossego durante o trabalho.

NEVES DE SOUSA

Garanto-lhes que a CAL HIDRÁULICA ROCHEDO é quase cimento!



Desde a experimentação da CAL HIDRÁULICA ROCHEDO, mesmo o convencido

devido ao seu grande poder de resistência, os melhores especialistas da engenharia, como os engenheiros, já não concordam que a CAL HIDRÁULICA ROCHEDO, pelas suas características, não seja o índice de durabilidade e esta mesmo mesmo o índice das características que definem os melhores. Por isso você dirá também que a CAL HIDRÁULICA ROCHEDO

É mesmo o mesmo hidráulica

FABRICA DE CAL DE COIMBRA, LDA.

SEDE: FONTES - SOUSELAS - COIMBRA

Telex 91190

EXPOSIÇÕES

ARCO — Trabalhos de Ana Vieira (das 9 às 20 e 30) — Fecha aos sábados e domingos.

CASINO ESTORIL — Pinturas de Stella de Brito (das 15 às 3 h).

CENTRO — Pinturas de Ana Maria Botelho (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

DIÁRIO DE NOTÍCIAS — Trabalhos de Luis Lobato (das 10 às 12.30 e das 14.30 às 19 h).

DIPROVE — Pinturas de João Nascimento (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — Pinturas de Turner (dias úteis, das 15 às 20h, domingos das 10 às 17 h).

— Fecha às 2.ªs feiras.

GALERIA 111 — Esculturas de José Rodrigues (das 10 às 13 e das 15 às 19 h) — Fecha aos domingos.

GALERIA DINASTIA — Pinturas de Luis Jardim e Fernando Lemos (das 10 às 13 e das 15 às 17 h) — Fecha aos domingos.

GALERIA JUDITE DACRUZ — Trabalhos de Miguel Yeco (das 11 às 13 e das 15 às 19 h).

INTERIOR — Tapeçarias de Maria Velez (das 10 às 19 h) — Fecha aos domingos.

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA — «Para uma visão íctil», dedicada a cegos.

OPINIAO — Pintura de Moita de

Macedo (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

PALÁCIO FOZ — Pinturas de Vilma Rojas.

PAVILHÃO DOS CONGRESSOS DO ESTORIL — XVIII Salão da Primavera (das 11 às 13 e das 15 às 19 h).

PRISMA 73 — Pintura de Júlio Resende (das 15 às 20 h) — Fecha aos domingos.

QUADRANTE — Pinturas de Fausto Boavista e Eduardo Cruzeiro (das 10 às 13 e das 15 às 19 h) — Fecha aos domingos.

S. MAMEDE — Obras de António Areal (das 10 às 13 e das 15 às 19 h) — Fecha aos domingos.

NOVIDADES ABRIL/MAIO 73

CARTA-TESTAMENTO

Mário Sacramento

Paqueta contendo a «Carta-Testamento» deixada por Mário Sacramento, as «Peleiras de Oscar Lopes no Entero de Mário Sacramento» e «Algumas Opiniões» sobre o exemplar cidadão e homem de cultura que, no dizer de Oscar Lopes, «era, e continua a ser entre nós e através de nós, uma esperança consequente».

32 páginas / 35\$00

LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO

Miguel Franco

Este livro abre a nova colecção de teatro da Inova, dirigida por Egito Gonçalves. Inserido nas correntes actuais do teatro «político» português, Miguel Franco criou, com esta sua peça, uma das mais significativas obras nacionais tendo como fundo as invasões napoleónicas.

Colecção TEATRO PARA AS QUATRO ESTAÇÕES / 144 páginas / 75\$00

EXILADO e outros contos

Antunes de Silva

Uma selecção de contos do conhecido autor de SUJO. Não sendo um «regionalista» propriamente dito, o pano de fundo das suas narrativas é, de um modo geral, o seu Alentejo de origem.

Colecção DUAS HORAS DE LEITURA / n.º 18 / 15\$00

ANTOLOGIA DE PABLO NERUDA

Organização e tradução de José Bento

Neruda (Prémio Nobel 1971) pertence àqueles nomes que evocam o próprio tempo em que são vivos porque, de qualquer forma, se misturaram ao seu perfil. A eloquência e humanidade dos versos que produziu, de facto tocaram todas as latitudes e todas as longitudes, muito para além do seu Chile natal.

Colecção AS MAOS E OS FRUTOS / Ilustrado / 232 páginas / 120\$00

TEXTOS POLÉMICOS

Organização e prefácio de Zeferino Coelho

Cinco textos polémicos acerca da controvertida obra de António José Saraiva, MAIO E A CRISE DA CIVILIZAÇÃO BURGUESA. Textos de Daniel G. Paulo / Jofre Amaral Nogueira / José Pacheco Pereira / Mário Sottomayor Cardia / Zeferino Coelho

140 páginas / 40\$00

CARMEN e Outras Novelas

Prosper Mérimée

Este volume é composto por três novelas — CARMEN, A VÊNUS DE ILLE, MATEO FALCONE — que são verdadeiramente lírios cimos literários na produção deste «gravador de medalhas» como alguém chamou a Mérimée.

Colecção DUAS HORAS DE LEITURA / 96 páginas / 15\$00

TRINTA ANOS DE POESIA

Jorge de Sena

Antologia deste importante poesia que «vive de um atento, lúcido e permanente diálogo» que se estabelece ou irrompe entre o mundo objectivo e subjectivo (Fernando Guimarães) — organizada e prefaciada pelo próprio poeta e que é formada por poemas extraídos dos dez livros que publicou de 1942 a 1972.

Colecção COROA DA TERRA / 304 páginas / 125\$00

OS PECADOS DE PHILIP FLEMING

Irving Wallace

Do mesmo autor de O RELATÓRIO CHAPMAN, é uma penetrante novela dos aspectos menos públicos do casamento americano. Mulheres que destroem muitas vezes o muito que pretendiam dos seus homens. Homens que, por sua vez, arriscam tudo — família, carreira, segurança — na ansia de recuperar o que lhes foi subtraído pelas suas mulheres...

Colecção METAMORFOSES / 300 páginas / edição normal, 110\$00 / Encadernada, 200\$00

A OBRA AO NEGRO

Marguerite Yourcenar

Através da personagem Zenão, no tempo e nas preocupações por de Copérnico, Leonardo de Vinci e outros, o romance apreende o processo de dissolução de valores que caracteriza a passagem da Idade Média para a Idade Moderna. Zenão representa a vontade inquebrantável de alcançar a liberdade de espírito. Os contornos da sua poderosa personalidade são um grande escritor como Marguerite Yourcenar os poderia traçar, de forma que A OBRA AO NEGRO se torna, talvez, mais fascinante do que esse outro seu célebre livro MEMÓRIAS DE ADRIANO. — Marguerite Yourcenar foi galardoada com o Prémio Femina em 1968 e com o Prémio de Mônaco em 1972.

Colecção METAMORFOSES / 360 páginas / edição normal, 120\$00 / Encadernada, 200\$00



Editorial Inova s.a.r.l.
Porto

televisão

HOJE

1.º Programa (22.05)

Noite de teatro

«Leonor Teles»

2.º Programa (22.05)

«Encontro com o passado»

«A Pérsia-cidade de Istahan»

MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos Animados, Alvin Show

13.00 Vária

13.15 Por favor não comam os malme-ques

13.45 Telegiornal — 1.ª Edição

14.00 Um dia com o Padre Luis Barata

14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV

19.00 TV educativa, Educação musical (crianças)

19.30 Telegiornal — 2.ª edição

19.45 Sangue na estrada

20.05 Dimensão

20.55 Presença do passado

21.30 Telegiornal — 3.ª Edição

22.05 Noite de teatro

23.00 Museu de cinema

23.50 Telegiornal — 4.ª Edição

23.55 Meditação e Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Desenhos Animados, Alvin Show

20.45 Um dia com o padre Luis Barata

21.00 Por favor não comam os malme-ques

21.30 Telegiornal — 3.ª Edição

22.00 Foi-éxito na TV «Os Aldrabbões»

22.50 Encontro com o passado, «A Pérsia: a cidade de Istahan»

23.20 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos Animados, Abbot e Costello

13.00 Feminino singular

13.20 Os meus genros e eu

13.45 Telegiornal — 1.ª Edição

14.00 Conheça o Portugal desconhecido

14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV

19.00 TV educativa, Física Moderna

19.30 Telegiornal — 2.ª Edição

19.45 TV paco

20.15 Cartaz TV

20.30 Concerto

20.55 Cinemateca, O cinema cómico americano dos anos 20

21.30 Telegiornal — 3.ª Edição

22.05 Basquetebol Belenenses-Sporting

23.45 Telegiornal — 4.ª edição

23.50 Meditação e Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Desenhos Animados, Abbot e Costello

20.45 Vária

21.00 Os meus genros e eu

21.30 Telegiornal — 3.ª Edição

22.00 Canzonissima

22.45 Encontro com o mundo, Para-queidismo

23.30 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Combóios	32 6222

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	17º
PENHAS DOUR.	8º
COIMBRA	19º
PORTALEGRE	15º
LISBOA	20º
FARO	19º
FUNCHAL	18º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Fonte Boa

Máxima 26º

Penhas da Saúde

Mínima 4,8º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 15,5º
Atmosfera 21,5º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
9.12 3,3 m	2.36 1,2 m
21.33 3,5 m	14.51 1,4 m

Dia 8

10.04 3,3 m	3.43 1,3 m
22.37 3,4 m	16.02 1,5 m

Dia 9

11.18 3,3 m	4.49 1,3 m
23.41 3,4 m	17.10 1,5 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado tornando-se muito nublado durante a tarde em especial nas regiões do interior onde há possibilidade de aguaceiros e trovoadas dispersas; vento fraco ou moderado de Nordeste soprando em regime de norada durante a tarde na Faixa costeira ocidental para sul do Cabo Mondego.

AMANHÃ
NASCER ÀS 6.12
OCASO ÀS 21.00

DIA 7	DIA 15	DIA 23	DIA 30
-------	--------	--------	--------



EMISSIONA - 1.º Programa

16.00	Noticiário
16.05	Ao encontro da melodia
16.30	Convívio, programa da juventude
18.05	O convidado de hoje: George Fame
18.20	Espectáculo-teatro, por Figueiredo de Barros
18.40	Música portuguesa
19.10	Seleção da zarzuela «Las Musas Latinas»
20.00	Diário sonoro
20.30	23.º episódio do folhetim «Isla Garcia»
20.50	Melodias
21.00	Momento 73
21.20	Música, só música
21.50	Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa
22.10	Guitarradas pelo conjunto de António Chalhó
22.30	Ritmos de todo o mundo
23.05	De um dia para o outro, por Armando Correia
00.30	Diário sonoro
00.45	Escala na madrugada, por Julia Maria
02.00	Fecho

2.º Programa

16.00	Que quer ouvir, programa coordenado por Margarida Brandão
18.00	Música portuguesa, obras de Jolly Braga Santos
19.00	Quatro cantos, seis intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.00	Quatro cantos, seis intérpretes, por Maria Helena de Freitas
20.30	Quatro cantos, seis intérpretes, por Maria Helena de Freitas

21.00	Trechos de óperas de Mascagni
21.20	Tempo literário
21.45	A orquestra «Pro Arte» dir. por Charles MacKerras
22.00	Teatro de todos os tempos, pelo dr. Eurico Lisboa (filho)
23.00	Emissão em línguas estrangeiras
01.15	Fecho

Programa Estereofónico - MF 2

21.00	Música ligeira variada
22.00	Oratória de Vivaldi «Judite Trautante»
00.05	Sonata em lá maior, op. postuma (Schubert)
00.45	Quarteto n.º 15 (Darius Milhaud), pelo Quarteto Parrenin
01.00	Fecho

RÁDIO CLUBE - Onda Média

16.00	Noticiário
16.04	Programa CDC
18.02/21.00	Programa Movimento
21.00/24.00	Quadrante 2-9-0
21.03	Diálogo
21.08	Serão musical
21.30	Quando o telefone toca
22.03	Antiquário
22.30	Quando o telefone toca
23.05	Mensagens bíblicas
23.19	Grandes orquestras
23.30	PBX
02.00	A noite é nossa
06.00	Diário rural
07.00	Tá «má»

Modulação de Frequência

16.00	Noticiário
16.04	Programa CDC

18.02	O nosso programa
19.04	Vértice
21.02	Boa noite em FM
22.00	Programa à gô-gô
23.00	Noticiário — programa à gô-gô (cont.)
00.02	Em órbita — dois
01.01	Banda sonora Sonipol
02.00	Perspectiva
03.00	Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.05	Rádiorama
18.00	Hora do recreio
18.30	Terço e bênção
19.00	Jornal diário
19.30	Página 1
21.05	Meditando
21.08	Poesia e diálogo
21.15	Poente
21.30	Curso de língua alemã
21.45	Pentagrama
22.00	Quando o telefone toca
22.30	Esquema 13
23.05	A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 6.00 às 10.00 e das 22.00 às 2.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR

Das 12.00 às 14.00

RÁDIO GRACA

Das 14.00 às 19.30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO C-1
TODA A NOITE

ALCANTARA
Costa, Rua dos Lusíadas, 30
(Tel. 636704)

ALTO PINA
Iberia, Rua Barão de Sabrosa, 235 (Tel. 777277)

ALVALADE
Aeroporto, Av. ...
(Tel. 821973)

AMEIXEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo
Jorge, 1 às Galinheiras (Tel. 790969)

ARCO DO CEGO
S. Jorge, Avenida Rovisco
País, 32-A (Tel. 534027)

ARROIOS
Castro, Av. Almirante Reis,
78-A (Tel. 42829)

AVENIDA DA LIBERDADE
Liberal, 219 (ao Marquês de
Pombal) (Tel. 43641)

AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Av. Marques de
Tomar, 20 (Tel. 44995)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça do Norte,
11-A (Tel. 311216)

BAIXA
Silva Carvalho, Rua dos Fan-
queiros, 126 (Tel. 873875)

BENFICA
Santa Cruz, Av. Gomes Pe-
reira, 34-A (Tel. 704828)

CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide,
54-A (Tel. 68424)

CAMPO DE OURIQUE
Elma, R. Maria Pia, 358-A
(telefone 686176); Tagus,
Praceta da Rua Possidónio
da Silva, 162 (Tel. 669485)

LAPA
Mota Capitão, Rua de S.
Félix, 45-A (Tel. 660720)

LUMIAR
Matos Viegas, A. Rainha D.
Amélia (Quinta das Mouras)
(Tel. 794141)

PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapado-
res, 87 (Tel. 842725)

RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-
A (à Encosta do Restelo)
(Tel. 612248)

SANTO AMARO
Gomes, Rua da Junqueira,
326 (Tel. 638193)

S. BENTO
Feniz, Rua da Cruz dos
Poais, 52 (Tel. 678531)

S. MIGUEL
S. Miguel, Praça de Francis-
co de Moraes, 1 (Tel.
771469)

SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie,
15-A (Tel. 778439)

TURNO C-2
Até às 22 horas

ALCANTARA
Dilema, Rua Aliança Ope-
raria, 49-B (Tel. 636620);
Vieira da Rosa, Rua Prior do
Crato, 74 (Tel. 660187)

ALVALADE
Sanex, Avenida da Igreja,
31-C (Tel. 717505)

AREIRO
Algarve, Avenida de Roma,
7-B (Tel. 731478)

ARROIOS
Pancada, Rua Rebelo da Sil-
va, 9 (Tel. 43340)

AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque
Saldanha, 14 (Tel. 41845)

BAIRRO ALTO
Sanitas, Praça Luis de Cam-
ões, 24 (Telefone 322798)

BELEM
Bon Sucesso, Rua Bartolo-
meu Dias, 63-A (Tel. 611454)

CAMPO DE OURIQUE
Urbano de Freitas, Rua Sil-
va Carvalho, 5 (Tel. 662838);
Pinheiro, Rua de Campo de
Ourique, 133 (Tel. 686640)

CARNIDE

Ribeiro, Estrada da Luz,
199-A (Tel. 780969)

JANELAS VERDES
Reis Garrido, Rua das Jane-
las Verdes, 90 (Tel. 662327)

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77
(Tel. 790480)

MOURARIA
Silva, Calçada de Santo An-
dré, 16 (Tel. 862074)

OLIVAIS
Antunes Luso, Praça da Ci-
dade do Roso, lote 199 (Oli-
vais Sul) (Tel. 313610)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João do Nasci-
mento Costa, 16-A (Tels.
728395-720703)

RATO
Vicente de Jesus, Largo do
Rato, 3-C (Tel. 681947)

SETE RIOS
Laranjeiras, Rua Filipe da
Mata, 160 (telefone
761035)

SOCORRO
Silmar, Rua de S. Lázaro,
128 (Tel. 42829)

XABREGAS
Conceição, Calçada de D.
Gastão, 30 (Telefone
381279)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva,
81 (Tel. 212048)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribe-
iro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Pa-
trício Lopes, 4 (Tel. 2432039)

OEIRAS
Central, R. João Teixeira Si-
mões, 18 (Tel. 2430058)

PAREDE
Brandão, Av. da República,
77-C (Tel. 2471054)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Tel. 261186)

MONTE ESTORIL
Suica, Cruzeiro (Tel.
260097)

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G.
Guerra, 40 (Tel. 280170); No-
va, Est. de Alvide-Fontai-
nhas (Tel. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209
(Tel. 930019); Flama, R.
Elias Garcia, 78-B (Tel.
932485); Confiança, Av. D.
Nuno Álvares Pereira, 15-A
(Tel. 938149)

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gus-
mão, 9-A (Tel. 970523)

QUELUZ
Zeller, R. da República, 83
(Tel. 950045); Correia, L. do
Mercado, 3 (Tel. 950906)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missio-
nários, 2 (Tel. 2942181)

MEM MARTINS
Quimã, Est. de Mem Mar-
tins, 285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Tel. 980456)

SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salga-
do, 26 (Tel. 980832)

Colares
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da
Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos
Reis, 30 (Tel. 224020)

ALMADA
Central, R. de Olivença, 11
(Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174
(Tel. 234302)

BARREIRO

Normal, Av. Alfredo da Sil-
va, 116 (Tel. 2073035)

COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa
Esperança, 31-A (Tel.
274356)

MOITA
Silva Rocha, P. da Repúbli-
ca, 16 (Tel. 239029)

MONTEJO
Moderna, R. Buião Pato, 60
(Tel. 230156)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Tel.
229471)

SETÚBAL
Oliveira, L. da Misericórdia
(Tel. 22488)

SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 51
(Tel. 2218580)

PORTO

1.º TURNO

SUB-TURNO A

Alves da Silva, Av. da Bo-
vista, 1016, Azavedo (de),
Rua do Meiral, 503, Gomes
Ferreira, Rua Faria Guima-
rães, 449, Nau Victória, Rua
Nau Victória, 723, Ordem de
Trindade, Rua Her. e Mart.
Angola, s/n. Terreiro, Rua
da Reboleira, 21

SUB-TURNO B

Antas (da), Av. Fernão de
Magalhães, 1078, Ant. Porta
do Olival, C. Mártires da
Pátria, 122, Falcão, Rua de
Santo Ildefonso, 61, Ferrei-
ra, Praça D. Afonso V, 55-B,
Lousada, Largo do Campo
Lindo, 62

COIMBRA

TURNO F

Dias Ferreira, Rua do Brasil,
70 (Tel. 26046); Santa Cruz,
Rua das Padeiras, 94 (Tel.
23569); Higiene, Rua Fernan-
des Tomaz, 41 (Tel. 22634)

cinemas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)

15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45 2.ª Semana
(Grupo D 18 anos) Eastmancolor
Realização de Wals Hussen. A OBSES-
SÃO DE JOEL DELANEY, com Shirley
Mac Leine, Mariane Calone e Michael
Harden.

Estacionamento: Parque Castil

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.00-16.30-19.00 e 21.45
(Grupo B-10 anos)

A Alegria, a melodia, o luxo de Viena e
de Johann Strauss — 9.ª Semana
GRANDE VALSA c/ Harst Bucholz,
Mary Costa, Nigel Patrick, Yvonne
Michel e Rossano Brazzi

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana

Alfredo Landa (o Delicadinho) e Con-
chita Velasco em «EMPRESTA-MA...
POR QUINZE DIAS». Mais audácia
nunca se viu em fazer rir com um ma-
rido... a mulher... e o noivo dela...

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 e 21.45
(Grupo C 14 anos)

Technicolor. Realização de George
England. «GRANDE CABRIOLA» Jean-
Claude Kieley, Daniele Gaubert, Vito-
rio de Sica.

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)

Technicolor. Panavision. Um gran-
de filme de acção «O MEDO É A
CHAVE» com Barry Newman e Su-
sy Kendall.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos) Eastmancolor. «CA-
CADOR DE ESCÂNDALOS» com
Maurice Ronet, Josephine Chaplin
e Vittorio de Sica

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 9.ª Semana

Um filme de António Pedro Vascon-
celos «PERDIDO POR CEM» José
Cunha, Maria Leitão, Ana Maria Lu-
cas e Nuno Martins.

CINEMA LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D 18 anos) 3.ª Semana

Colorido. Oscar da Academia para
o melhor filme estrangeiro 1973.
«O CHARME DISCRETO DA BUR-
GUESIA». O filme de Luis Buñuel.
Snak-Bar, Pub-The Flag, o melhor
encontro gastronómico.

AVIZ (Tel. 47163)

15.30 e 21.45
19.ª Semana
«CONTINUARAM A CHAMAR-ME
TRINITA» «Frence Hill e Bud Spencer»

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 e 21.30
(Grupo D 18 anos) 2.ª Semana

Harley Mills - George Sanders «NOI-
TE SEM FIM». Baseado na obra de
Agatha Christie (Metro-Alameda)

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D 18 anos) 4.ª SEMANA

Eastmancolor «A MAO DE FERRO»
Realização de Cheng Chang Ho

POLITEAMA (Tel. 326303)
ESTREIA às 21.45
(Grupo B - 10 anos)

Colorscope «O DIABO BRANCO»
Steve Reeves
15.15 e 18.15
(Grupo C - 14 anos)

«VIVA SABATA»
Amanhã «Ciclo Terror à Meia-Noite»
As 00.30 «A MÁSCARA DO DEMO-
NIO» Sábado «O SINAL DE DRA-
CULA»

V.OX (Tel. 720808)
Hoje ESTREIA às 21.45
(Grupo D - 18 anos)

Colorido História de um dia de amor
«O ENCONTRO» Com Jean Simmons
e Leonard Whiting
Hoje às 15.15 e 18.30 últimas exibi-
ções do filme «AS SERVAS DE DRA-
CULA» Com Peter Cushing
(Grupo D - 18 anos)

EDEN (Tel. 320766)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) Eastmancolor.

Luigi Pistilli e Dagmar Lassander
em «NO GUME DO PÂNICO».

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos) Color, 8.ª Se-
mana! Um filme de Jan Kador.

«MULHER A DERIVA» c/ Rad Mar-
covic e Milena Dravic.

APOLLO 70 (Tel. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
(Grupo B 10 anos) 3.ª Semana

Technicolor. Um filme saudável co-
mo Vitamina! «JERRY EMFERMEIRO
SEM DIPLOMA» com Jerry Lewis
Hoje às 24.00
(Grupo D - 18 anos)
Clássicos da Meia Noite «EU SOU BOB
DYLAN» Com Bob Dylan

MUNDIAL (Tel. 538743)

15.15-18.30 e 21.45
2.ª Semana
Grupo D (18 anos) Eastmancolor.

«AMANTE INFIEL» c/ Stefania La-
drelli e Robin Phillips.

BERNA (Tel. 776098)
15.15 e 18.30 e 21.45
(Grupo B - 10 anos)

Technicolor «A história imortal de
SANSÃO E DALILA» com Hedy La-
marre e Hedy Lamarr

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 1.ª Semana

«MASCULINO FEMININO» Real-
ização de Jean-Luc Godard com
Marlene Jobert e Jean-Pierre L  aud.
Amanhã s  bado  s 00.30
(Grupo D - 18 anos)
Cinema fora de horas «MASCULINO
E FEMININO».

CINEARTE (Tel. 660446)
15.00 e 21.00
(Grupo B-10 anos)

Mais emotivo e espectacular que
nunca! «O SILENCIO DE TARZAN»
Yul Brynner e Jane Burkin em «RO-
MAN  CE DE UM LADRAO DE CA-
VALOS».

S. JORGE (Tel. 54153/54154)
Hoje  s 21.30 ESTREIA
(Grupo D - 18 anos)

«MATAR OU NÃO MATAR... EIS A
QUESTÃO» Com Vicent Price e
Diana Rigg
15.15 e 18.15 - últimas exibi  es de
«DESFORRA APACHE».

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)

«O LAMPIÃO» e em complemento
«MULHERES E RECRUTAS».

CASINO ESTORIL
17.00 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)

Panorama Technicolor «SEM
NOME DO POVO ITALIANO» Com
Vittorio Gassman, Ugo Tognazzi, Yvonne
Fornieux e Ely G  lleami

IMPERIAL (Tel. 321933)
15.00 e 21.00
(Grupo C - 14 anos)

Burt Lancaster em «JULIANA O PER-
SEGUIDO» e em complemento «O
INIMIGO PÚBLICO»
(Metropolitano) Arroios-P. China.

RESTELO (Tel. 610375)
21.30
(Grupo C-14 anos)

Bruce Lee cada musculo do seu
corpo arma mortal! «O INVENCIVEL»

cinemas

LISBOA/Teatros

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Sexo, Nunca! Somos Brit  -
nicos»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pr   menino e pr   menina»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«C   vamos pagando e rindo»

LAURA ALVES
21.45 (14 anos)
«A Cama dos Comuns»

GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«Fuenteovejuna»

B. V. L.
R. Camilo Castelo Branco
21.45 (18 anos)
«Os boneceiros — A Co-
média Moscheta»

CASA DA COMEDIA
22.00 (18 anos)
«A Dança da morte em 12
assaltos»

MONUMENTAL
21.30 (18 anos)
«Misericórdia»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
19.00 (10 anos)
«Ele Era Invencível»

PARIS
21.00 (14 anos)
«O Invencível»

RESTELO
21.30 (14 anos)
«O Invencível»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«O Silêncio de Tarzan»

JARDIM CINEMA
21.30 (14 anos)
«Corrida contra o destino»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«A espera de julgamento»

PROMOTORA
21.00 (14 anos)
«As brancas montanhas da
morte»

SACAVÉM
S. José
21.00 (18 anos)
«O Cântico da navalha»

MAYER
21.00 (18 anos)
«O Bandido bem amado»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«Duas rainhas»

OEIRAS
Oeiras-cine
21.00 (10 anos)
«Continental Circus»

PAREDE
Royal-cine
21.15 (18 anos)
«Morrer de amar»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (14 anos)
«Em nome do povo italiano»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«O Vampiro negro»

DL/NACIONAL



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEF. 1363
LISBOA - PORTUGAL

Calendário de exames do ensino técnico

Está já fixado o calendário das provas escritas dos exames do ensino técnico, sujeitas a ponto único:

CURSO DE FORMAÇÃO — 1.ª CHAMADA — Junho, 25, Português (Formação Feminina) e Português (Geral de Comércio e Esteno-Dactilógrafo). Junho, 27 — Francês (Geral de Comércio). Junho 29 — Inglês (Geral de Comércio), 2.ª chamada — Julho, 4 —

Português (Formação Feminina) e Português (Geral de Comércio e Esteno-Dactilógrafo). Julho, 5 — Francês (Geral de Comércio). Julho, 6 — Inglês (Geral de Comércio). Todas as provas começarão às 10 horas.

APTIDÃO PROFISSIONAL DO CURSO GERAL DE COMÉRCIO — Julho 26 — 1.ª prova, às 9 horas, e Julho, 27 — 2.ª prova, também às 9 horas.

Por determinação superior foi marcada para o próximo dia 11 de Junho a data de encerramento das actividades lectivas daquele ensino.

IF AN HAMBURGER FORÇA E FRAQUEZAS DA MEDICINA E DO HOMEM

O poder e a fragilidade do ser humano perante os extraordinários progressos das ciências da vida

um «best-seller» em todo o mundo

MORÆS
editores

ARTUR PORTELA
FILHO

A FUNDA

2.ª EDIÇÃO DO
1.º VOLUME

MORÆS
editores

PEARL S. BUCK

(Prémio Nobel da Literatura)

Acaba de sair a 1.ª edição de:

A DEUSA PERMANECE

(publicada nos E.U.A. em 1.ª edição em 1972)

1 vol. br. de 259 pp 40\$00

Outros títulos à venda:

- Vento do Oriente. Vento do Ocidente ... 30\$00
- A Mãe ... 35\$00
- O Exílio (Col. Minerva de Bolso) ... 15\$00
- Altivez ... 40\$00
- Carta de Pequim ... 30\$00
- Casamento ... 35\$00
- Catorze histórias ... 35\$00
- A Família Liang ... 50\$00
- Mulheres ... 45\$00
- A Promessa ... 40\$00
- Eterno Amor. Vozes Misteriosas ... 60\$00
- O Diabo não Dorme (Col. Catavento) ... 15\$00
- Como Eu Vejo a China ... 40\$00
- As Kennedys ... 40\$00

NA FEIRA DO LIVRO — PAVILHÃO N.º 15

EDITORIAL MINERVA

RUA LUZ SORIANO, 31-33

LISBOA - 2

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESCRITORES

Os primeiros corpos gerentes tomam posse na próxima quarta-feira

A figura de um grande poeta José Gomes Ferreira, foi escolhido pelos escritores portugueses para primeiro presidente da sua Associação, na assembleia geral que ontem à noite se efectuou na Casa da Imprensa, obtendo 109 votos num total de 114 listas entradas nas urnas.

A lista apresentada obteve a seguinte votação: Sophia de Mello Breyner, presidente da Assembleia Geral, 105 votos, Alexandre Babo, vice-presidente, 105 votos, E. M. de Melo e Castro e Fernando Assis Pacheco, ambos vogais efectivos, receberam 104 e 106 votos, respectivamente; Eduardo Prado Coelho, e Maria Isabel Barreno vogais suplentes — 106 votos; na Direcção, José Gomes Ferreira, presidente, teve 109 votos; Manuel Ferreira, vice-presidente, 106; os vogais efectivos serão Casimiro de Brito e José Saramago, ambos com 105 votos, Maria Velho da Costa e Rogério Fernandes, com 107, e Pedro Tâmen com 106 votos; quanto aos vogais suplentes, receberam 105 votos Alvaro Guerra, Gastão Cruz e Nuno Júdice, 106 votos Isabel da Nóbrega e Maria Amélia Neto, 107 Maria Alberta Menêres e António Modesto Navarro; Faure da Rosa recebeu 108 votos para o cargo de presidente do Conselho Fiscal; dentro deste, João Rui de Sousa e Mário Ventura foram eleitos vogais efectivos por 106 votos; Armando Silva Carvalho (107) e Vasco Miranda (105) serão os suplentes. Houve quatro listas anuladas.

A mesa desta assembleia geral, presidida pelo prof. Rodrigues Lapa, coadjuvado por João José Cochofel e António Quadros designou como escrutinadores António Augusto Sales e Alberto Ferreira. Ao abrir a sessão, o prof. Rodrigues Lapa, depois de se congratular pela entrada em funcionamento da Associação, referiu a precaridade e as vicissitudes passadas e presentes da situação do escritor português, cuja independência face aos poderes político e económico não deixou de sublinhar. No final da sua breve alocução, o presidente da mesa apelou para a unidade dos escritores em defesa da sua «eminente dignidade». Logo em seguida se iniciou o período de intervenções antes da ordem do dia — votação da quota e da joia dos sócios e eleição dos corpos gerentes — que iriam mostrar a presença de um pequeno grupo discordante o que levaria ao abandono da sala de Orlando Vitorino e Domingos Monteiro, pelo menos.

As primeiras intervenções, conduzindo a propostas que ultrapassavam a ordem de trabalhos legalmente estabelecida, couberam a Armando Rodrigues e a Domingos Monteiro: o primeiro viria a propor a eleição de uma comissão instaladora (e não de uma direcção) por apenas seis meses, findos os quais se realizariam as eleições marcadas para ontem; o segundo proporia, pura e simplesmente, o adiamento da assembleia geral, alegando falta de publicidade, desconhecimento, por parte dos sócios, dos estatutos do organismo — publicados, no entanto, em dois jornais da tarde — e a ausência à reunião de muitos escritores. Estas intervenções e as que lhes foram dadas em resposta ou em esclarecimento de incorrecções, suscitaram as palmas de dois diferentes sectores da assembleia que, apesar disso, não tiveram expressão correspondente nos votos. A favor da proposta de Domingos Monteiro manifestou-se Orlando Vitorino, seu subscritor. Defendendo a de Armando Rodrigues manifestaram-se, fazendo-lhe algumas correcções, os sócios Sousa Tavares e Vasco

da Gama Fernandes. Intervieram ainda, com diferente opinião, Manuel Ferreira, Alexandre Babo, José Carlos Vasconcellos e José Saramago, nomeadamente.

Além dos presentes, outros escritores se fizeram representar por procuração, exercendo assim o seu direito de voto. Entre eles estavam-se, por exemplo, Ferreira de Castro, Fernando Namora, Mário Dionísio, Vergílio Ferreira, Fiamma Hasse de Pais Brandão, Maria Lamas, Maria Judite de Carvalho, Eduardo Prado Coelho, Bernardo Santareno, etc.

Foi ainda aceite uma proposta que instituiu uma joia de admissão de 250\$00 e uma quota mínima mensal de 50\$00. Durante a reunião a assembleia foi também informada da instituição do «Prémio de Poesia» Adolfo Casais Monteiro (30 contos) que será atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores.

Aumenta em Moçambique a produção de chá

LOURENÇO MARQUES. (L) Segundo o Boletim Anual do Grémio dos Plantadores de Chá do Distrito da Zambézia, registou-se em 1972 o «record» de produção, ou sejam 18 678 206 toneladas, o que representa um aumento de mais de duas mil toneladas em relação ao ano anterior.

A Inglaterra continua a ser a grande importadora; os Estados Unidos aumentaram para perto de duas mil toneladas a sua importação; nas importações da África do Sul houve uma quebra, o que traduz o incremento da cultura do chá naquele país.

Para a Metrópole foram vendidas 25 740 toneladas, o que não chega sequer a dez por cento da produção de uma das grandes firmas chazeiras do Gurue. Mesmo com pouca propensão para o chá, os metropolitanos compraram a Moçambique, em 1972, mais trinta toneladas que no ano anterior.

Em Moçambique, manifesta-se nítida subida no consumo do chá, pois consumiram-se no ano findo, 889 toneladas, contra 651 em 1971.

Os preços médios obtidos na bolsa de Londres em 1972 foram de 22\$37/ quilo, contra 24\$99 em 97. Em conclusão, o valor do chá zambesiano situa-se muito próximo dos 400 000 contos, o que significa precioso caudal de divisas carreadas para Moçambique.

A cerveja para ser boa não necessita ser estrangeira

A notícia que transcreve nos surgiu recentemente na secção «Pequenas Notícias» do Jornal Português de Economia e Finanças:

«Duas fábricas de cerveja adquiriram o direito de cada uma delas produzir cerveja de conhecidas marcas estrangeiras. A cerveja portuguesa é tão boa como as melhores cervejas estrangeiras. Para quê, nestas condições, adquirir «know how» que nós já temos? Porque pagar ao estrangeiro para fazer o que no nosso País já fazemos tão bem?»

Assumiu as funções de governador do Banco Nacional Ultramarino, o dr. João Dias Rosas, que estava a desempenhar o lugar de vice-governador do Banco de Portugal. O antigo membro do Governo foi nomeado para o novo cargo por decisão do Conselho de Ministros, mediante propostas dos titulares das pastas das Finanças e do Ultramar.

INCÊNDIO NUM PALÁCIO

Ficou quase totalmente destruído o antigo palácio do conde de Samodães, na Rua do Sol, no Porto, em consequência de um incêndio que, por motivos desconhecidos, ali se manifestou durante a noite passada. O imóvel, onde durante alguns anos funcionou a Escola Comercial de Oliveira Martins, é propriedade do eng.º Jerónimo Portela Júnior e encontrava-se devoluto e bastante arruinado.

NOTAS VÁRIAS

COMANDO ALIADO DO ATLÂNTICO

Chega ao fim da tarde de hoje a Lisboa o Rear Admiral Richard D. Nauman, consultor médico do Supremo Comando Aliado do Atlântico, que se desloca a Portugal com o objectivo de visitar os serviços clínicos do Comando da Área Ibero-Atlântica, em Oeiras. Regressa a Norfolk, nos Estados Unidos, no sábado.

GOVERNADOR DO B.N.U.

Assumiu as funções de governador do Banco Nacional Ultramarino, o dr. João Dias Rosas, que estava a desempenhar o lugar de vice-governador do Banco de Portugal. O antigo membro do Governo foi nomeado para o novo cargo por decisão do Conselho de Ministros, mediante propostas dos titulares das pastas das Finanças e do Ultramar.

INCÊNDIO NUM PALÁCIO

Ficou quase totalmente destruído o antigo palácio do conde de Samodães, na Rua do Sol, no Porto, em consequência de um incêndio que, por motivos desconhecidos, ali se manifestou durante a noite passada. O imóvel, onde durante alguns anos funcionou a Escola Comercial de Oliveira Martins, é propriedade do eng.º Jerónimo Portela Júnior e encontrava-se devoluto e bastante arruinado.

viagens IT

PARA AS SUAS FÉRIAS OU VIAGENS DE NEGÓCIOS



Partidas de avião, durante todo o ano, de Lisboa, Porto, Faro, Funchal.

VIAGENS DIÁRIAS (diárias)
VIAGENS DE FIM DE SEMANA
(4 dias) partidas semanais.



OS NOSSOS PROGRAMAS
ABRANGEM OS MAIS VARIADOS DESTINOS E ITINERÁRIOS, PARA QUALQUER CIDADE DO MUNDO.

Acomodação em bons Hotéis, com pequeno almoço, VISITAS DE CIDADE.

PEÇA-NOS BROCHURA INFORMATIVA

PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa, Estoril, Porto, Faro, Funchal, Madeira

MADEIRA-73

Descanse o espírito e o corpo passando 8 ou 15 dias na «PÉROLA DO ATLÂNTICO»

Tudo incluído

Junho e Setembro
Consulte e Reserve na



Av. António Augusto de Aguiar, 88-C

Telef. 42185 LISBOA

DIALOGOS CONFIDENCIAIS



Gaspar Simões.....
Fernando Pessoa.....

SUPLEMENTO LITERÁRIO



Folhetim-artístico

de José-Augusto França

EQUÍVOCOS OU PINTURAS FRANCESAS DO SÉCULO XIX

Uma exposição voluntariamente, programaticamente, metodologicamente «equivoca» esta que François Mathey apresentou no seu museu de Artes Decorativas de Paris. Exposição de duplo (ou plúriplo...) sentido — «aequus vox», vozes iguais para coisas diferentes, ou um quadro figurando o que é e o que nele vê quem o vai vendo, através do tempo, e das ideologias. Ou seja, da História da Arte.

Da História da Arte que é questão de reconstituição, de interpretação e de pontos de interrogação sucessivamente culturais.

Mostrando de A (Adler, Jules) a Z (Ziem, Felix-François-Georges-Philibert) 142 quadros, e lamentando não mostrar muitos outros, também de A (Agache) a Y (Yon), especificando até 42 obras que não foi possível obter, a exposição reconstitui «le Salon» — pintura de história e de género após retrato, paisagem e natureza-morta, mais os três primeiros do que as duas últimas, por definição espectacular e estética, na medida em que estas (Huet, Harpignies, Diaz de la Peña ou «Le bouquet de la Mariée» de Desavary) estão afinal certas com o seu tempo artístico, ou se limitam a prolongar a escola de Barbizon (Harpignies, último sobrevivente, morreu só em 1916) ou a repetir um formulário florístico do século XVII viável ainda no romantismo, como o prova o «Bouquet» de Delacroix, sem data mas provavelmente anterior a 55. No romantismo, cuja pintura de paisagem, representada por Huet, mantinha em 61 significantes que, afinal, Barbizon assumia sem grande alteração ideológica. De resto, Co-

rot está presente, tal como Millet e Rousseau, e Géricault, e David e Ingres, e Courbet também, dentro da cronologia da arte do seu tempo. E daquela história que vai ser outra, como é o caso de «Mme. Gaudibert» de Monet, em 68, realista e já manetiano, fugindo às lições ecléticas do bom Gleyre — representado, aliás, no neoclassicismo requentado ainda possível no Salon de 43.

O jogo de tempo histórico que a exposição nos propõe cria um equívoco mais suplementar ao programa: acrescenta-lhe, mais exactamente, uma ambiguidade que é outra função da história da arte, interior e fatal, apelando para outra categoria cultural.

Ao nível do equívoco, em, por assim dizer, boa etimologia histórica, são as composições da «pintura de história» ou «de género» (em graus diversos de anedota) e «o retrato» (ainda outro grau, em processo de individualização) que especialmente contam. Trata-se, aliás, de especializações convergentes no imaginário burguês da época devidamente considerada — digamos do 2.º Império e da 3.ª República. De resto, se Winterhalter falta no conjunto (oh! a imperatriz Eugénia entre crinolinas...) não falta lá o Bonnat («Sur fond caca, sur fond caca», dizia a canção que o catálogo se esquece de citar... e temos um apropriado retrato do cardeal Lavigier, de 88).

Neste domínio, o vencedor é, sem dúvida, Carolus-Duran,

«Caraculus», diziam os seus detractores — e o mal é que ele o sabia... A sua «Dama da Luva», que é a esposa do artista, em 69, tem a recolhida dignidade que convinha à sociedade francesa de depois da crinolina e à beira de Sedan. A duquesa de Palmela e a rainha Maria Pia que Caraculus foi retratar a Portugal e a peso de

ouro são as únicas equivalentes portuguesas possíveis; na medida, até, que são retratos solitários na mediocridade lusitana do género.

Um Delaunay, um Jacquemart são gordamente burgueses, mas J. E. Blanche retrata interiormente sua mãe — enquanto Regnault propõe a imagem equestre, heróica, passio-

nal e algo desesperada de Prim, que será assassinado dois anos depois. Clairin, em vez de gentil mademoiselle que nos dá, melhor faria em dar-nos a Sarah Bernhardt, divinamente recostada entre almofadas, sanefas, tapetes e plumas...

A história interior dos lares vem depois, e são jovens mães

loso que há anos vi em Bordéus, o «Rolla» de Musset que, à luz lívida da madrugada, olha o corpo nu e adormecido da bela Marion, antes de se matar, dentro em pouco, daí a instantes... Hélas, um corpete e uma saia de baixo caídos no tapete, a conselho pérfido de Degas, fizeram recusar o quadro, por indecência, no Salon de 78! De Gervex ainda, uma lição de anatomia, apreciada nove anos depois, com a sua sábia e sabida gravidade própria do caso e da Universidade. Mas há ainda, como «quadro dentro de quadro» ou «exposição dentro de exposição», uma vista do Salon de 1911, por Grün, e são estátuas gesticulando e artistas cumprimentando e «amateurs» apreciando e damas sorrindo — oh Tout-Paris, que a arte servia, no momento mesmo, exacto, em que, no alto de Montmartre, se estilhaçava a sua imagem, em composições cubistas...

Aí o equívoco demonstrado na exposição, numa pintura deixando de ser o que se supunha que eternamente seria. A enorme composição de Grün, que nos acolhe à entrada, é uma «mise-en-scène» — e uma «mise-en-question». Ou uma «mise-à-mort»... Para o historiador de hoje um desafio... Desafio que 40 quadros «de História» sustentam.

Não tanto (a sua cronologia tem, como vimos, outro sentido) David ou Ingres, ou Guérin ou Girodet — mas, bem entendido, Bouguereau: uma história de Zenobia e uma imagem da Virgem Consolatrix, gelidas figuras oleográficas (a primeira valeu-lhe o Prix de Roma em 50), que melhor seriam substituídas por não sei que cascata de nus planturosos ao gosto da 3.ª República, que lhe deram celebridade. E Cabanel, e Cormon, e J. P. Laurens — todos eles professores obrigatórios dos bolseiros portugueses em Paris. E ainda faltaram o Benjamin-Constant e o Yvon que a exposição não pôde obter, como não alcançou o Puvis de Chavannes carco a Ontúvio Carneiro; nem o Troyon ou a Rosa Bonheur (embora tivesse o mais discreto Brascassat) que teriam feito a felicidade póstuma do pobre Anuncição, ido tarde de mais a Paris, em 67. A «Excomunhão de Robert le Pieux» de Laurens tem, de resto, salvo erro de memória, uma réplica arrecadada no Museu de Arte Contemporânea de Lisboa.

Mas há também o Marat de Baudry (oh! David...) e a Vénus do amável Amaury-Duval (oh! Ingres...) — e já esta greve ou bandeiras rubras alçadas, de Adler (oh! Delacroix...).

... E sobretudo Delaroche vendo (aliás Cromwell) o cadáver do rei Carlos II, ou espreitando os filhos de Eduardo prisioneiro (não, não estava, afinal...); Girodet enterrando Atala; Scheffer contemplando Santo Agostinho; Neuville figurando os últimos cartuxos de Saint-Privat com o boche metralhando em 70; ou Detaille imaginando que os soldados em bivaque sonham cargas heróicas contra o boche, de Luvinha, sempre, de 70; Luminais pondo a boiar os príncipes martirizados de Jumièges; Rochegrosse encenando a matança de Andrômaca — tudo composições de um museu imaginário que o Larousse da minha infância reproduzia...

A exposição mos deu agora. Não tarde, mas a tempo. A tempo de história de arte, necessariamente equivocada...



Bonnat: «Cardinal Lavigier».

NOVIDADES LITERÁRIAS

Colecção Figuras de Todos Os Tempos

VIDA E OBRA DE EÇA DE QUEIRÓS
João Gaspar Simões

2.ª edição

Nova edição, refundida e acrescentada com um índice onomástico de toda a obra do escritor e com um quadro dos jornais, revistas e outras publicações onde a obra de Eça de Queirós foi publicada

Volume ilustrado
175\$00

Colecção Autores Universais
Série Monumental

OS PÓNEIS SELVAGENS
Michel Déon

A luta desesperada de homens e de ideias contra a fatalidade dramática do seu tempo

100\$00

Colecção Autores Universais
Série Monumental
FURIOSO

Voldemar Lestienne

Uma cavalgada alegre, uma epopeia fulgurante nos caminhos secretos de uma história de sonho
95\$00

EDIÇÕES DA

LIVRARIA BERTRAND

ÚLTIMOS DIAS

Hoje, às 21.45 h.
e só até Domingo

«Os Bonecreiros»
representam

«A COMÉDIA MOSCHETA»

B. V. Lisbonenses — R. C. Castelo Branco
Subs. Mont. F. Gulbenkian Grupo D

DOMINGO,
MATINHEO ÀS 16 H

A C. P. INFORMA: TRABALHOS DE RENOVACÃO DA VIA

Por terem terminado os trabalhos de renovação da via entre OVAR e GAIA, previne-se o Público de que foram restabelecidas, em todo o trajecto, as seguintes circulações.

SENTIDO ASCENDENTE:

Comboio n.º 303 — entre Pampilhosa e Porto (Campanhã);

Comboio n.º 911 — entre Aveiro e Porto (São Bento);

Comboio n.º 913 — entre Ovar e Porto (São Bento);

SENTIDO DESCENDENTE:

Comboio n.º 906 — entre Porto (São Bento) e Ovar.

CAIXA CENTRAL DE SEGURANÇA SOCIAL DOS TRABALHADORES MIGRANTES

ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE AMPLIAÇÃO

No dia 18 de Junho, pelas 15.00 horas, realiza-se na sede da C.C.S.S.T.M., o concurso supra. O depósito provisório é de 30.000\$00 e será efectuada na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, mediante guia a passar pelo próprio concorrente.

O Programa do Concurso, Caderno de Encargos e o projecto encontram-se patentes na Secretaria da Caixa todos os dias úteis das 9.00 às 12.30 horas e das 14.00 às 17.30 horas.

Lisboa, 6 de Junho de 1973

A DIRECÇÃO

com filhinhas enlaçadas e de laçarotes na penumbra do «boudoir», à hora do «thé», um canto do palco das Variétés (ah! Degas...), uma pastorinha com sua cabra, uma instalação de calvário bretão (oh! Courbet de Ornans...), uma colheita de batatas, um «loto» de Chaplin (oh! Charadin...), uma gostosa cena de massagem, de Debat-Ponsan, em 83, outra, pior, de odaliscas, de Dinot, em 97, o dia enlutado de Todos-os-Santos, de Friant (mas com um «bouquet» que Vuillard gostaria de ter pintado), árabes mortos de sede por Fromentin, um menino pálido em leito de hospital, de Geoffroy, um escravo-cão, na Roma de Gerôme, Léon, escravas romanas prometidas à gula do conquistador gaulês, de Jamin, um feliz nascimento de Lecomte, na doce penumbra de uma alcova, em 92, uma lição de piano, de Muenier, penumbrosa também, Manessier, bem entendido, tão histórico quanto desejável — e sobretudo este Gervex fabu-

MONÓLOGO 5

Senti percorrer pelo corpo uma manhã, depois uma tarde, e logo a seguir uma noite. Todo o tempo que antecedeu e formou alguns anos. Neles ficaram coisas, conhecimentos, situações, angústias, pessoas em que não ousei penetrar, muito embora tenha no sangue esta necessidade de tudo compreender, de tudo jogar, de tudo fazer realidade-prática, de tudo viver.

Daí a surpresa que me causou quando há tempos li num livro de Alain esta bela frase que acabou por me absorver, obrigando-me a longas meditações: «On ne nous a rien promis».

E verdade e é falso: no fundo dir-se-ia que tudo nos prometeram. Por isso mesmo, existimos neste impasse estranho que não conhece barreiras ou, quando as há, nos impele para o abismo que se abre permanentemente na nossa frente, no fundo do qual procuramos obstinadamente o Absoluto.

Nada nos prometeram, mas tudo nos deram. Ensina-ram-nos que fomos nascidos de dois seres, que temos uma vida para viver. Mais tarde vieram os professores e disseram-nos da existência duma infinidade de coisas, fizeram-nos conhecer duma cultura, deram-nos livros no interior dos quais uma opção se nos punha a cada passo. No fundo, portanto, muito nos prometeram. Impossível, então, ignorar a existência duma quantidade de coisas que nos foram abrindo o caminho, mas que, em muitos casos, nos colocaram num impasse estranho onde o vazio rodeado duma infinidade de coisas nos levou a concluir que afinal Alain tinha razão: nada nos prometeram. Em face duma vida não existe nenhuma promessa. Uma vida, diz-se, é

relativa. Mas, ainda assim, porque não jogar tudo na relatividade de uma vida? O importante é a vida em si mesma com ou sem promessas.

Esta é a atitude do jovem: ele tem na sua frente uma vida para viver. Ora, uma vida, não está antes nem depois, ela é qualquer coisa que passa... Daqui o desgosto que muitos põem nas suas realizações, o desencanto dum passo dado, a necessidade de nada fazer crescer. Tudo nos deram, afinal. E foi este tudo que nos projectou para o nada: vemos-nos com tudo e sem nada...

Mas como fazer desaparecer duma vida o choro duma criança, a fome, o analfabetismo, as guerras, as noites cobertas de dores mas também os momentos felizes, a contemplação duma cidade bela, o riso franco do vizinho, a luta que a cada passo se nos depara, a ideia bem arquitectada, o conselho no momento preciso?

Contudo, ainda assim, se nada nos prometeram estamos disponíveis para tudo conquistar. E o velho ditado: se nada se tem a perder... Daí a necessidade duma luta permanentemente em prol da conquista que não nos prometeram, mas que temos direito pelo simples facto de nada nos terem prometido.

Se uma vida é a conquista de um ser; um ser é promessa permanente. E nele que temos

obrigação de nos jogar. Um ser em descoberta é um ser jogado. Qualquer que seja a liberdade que lhe emprega deve merecer da nossa parte respeito. Cada um joga-se na liberdade que lhe serve, que se ajusta à sua passagem.

Mesmo aqueles que escolhem não fazer nada, estão a empreender jogar em qualquer coisa.

Todavia, qualquer que seja a forma de empreendimento, não podemos esquecer a nossa quota parte de culpabilidade dum todo. E assim se criam os momentos verdadeiramente desesperantes.

Portanto nada nos prometeram, mas tudo nos deram. Qualquer promessa é objecto de reciprocidade: se eu estou vivo, se eu tenho diante de mim uma vida, não estou só. Admitindo que uma vida é uma passagem inútil, sem qualquer promessa, não nos podemos esquecer que enquanto vida ela é já de si mesma uma promessa.

Ora qualquer vida busca até ao amago da angústia um Absoluto. Mas se nada nos prometeram que representa afinal esta luta pelo Absoluto? Tudo e nada. Precisamente porque todo o Absoluto não é mais que a concretização duma promessa. Mas se nada nos prometeram?

Eis o impasse amargo do Homem: nada lhe prometeram, mas tudo lhe deram. Existe diante dele uma linha recta que principiou um dia, que avança lentamente, mas que ele não sabe até aonde o vai levar. Alguns dizem até à morte... mas esses não podem merecer a nossa simpatia. Temos uma vida para viver, somos objectos que por ela passam, susceptíveis de todos os dias encontrar a morte em cada movimento violentamente atacado, em cada ideia ou esforço abortado, em cada realização parada no tempo, consumida pelas noites e pelo álcool que nos devoram as mais legítimas aspirações.

A existência da morte não pode justificar a não existência duma vida. Todos sabemos que morremos diariamente e isso não nos impede de todos os dias retomarmos cada dia com o mesmo entusiasmo. E bem mais doloroso morrer quando nos matam no interior das nossas lutas... quando alguém se queda e salta o muro da vida.

Estamos aqui. Achamo-nos no meio dum vazio translúcido que, por o ser, tudo nos oferece. Existimos no meio dos outros, fazemos parte de todos e não fazemos parte de ninguém. E esta latente posição de existirmos para ninguém que nos leva a tudo recusar; mas uma recusa implica por si só uma aceitação. O nihilismo não serve o indivíduo, mas pode apesar de tudo projectá-lo para os outros. E se não nos prometeram nada, deram-nos, pelo menos, a possibilidade de tudo oferecer: oferecemos precisamente aquilo que não temos. E quem oferece aquilo que não tem, fá-lo desinteressadamente.

E evidente que a todas as vidas foi dada uma promessa, mas o teor dessa promessa é diferente segundo as classes sociais.

Não há dúvida que tudo nos prometeram, mas a maior dádiva foi o existirmos lado a lado com os outros. Uma vida só poderá conquistar o que não lhe foi prometido se souber penetrar livremente em cada um e em nenhum em particular. Uma vida é sempre o empreendimento singular por uma liberdade. E se eu admito este princípio básico, sou levado a admitir que Alain tinha efectivamente razão...



A QUADRATURA DO CÍRCULO

O «Suplemento Literário», depois de atenciosa reflexão, concluiu ser seu indeclinável dever reproduzir uma importante passagem do relatório da gerência de 1969 do Círculo Eça de Queirós, lastimando não lhe caber o mérito da preciosa descoberta, mas agradecendo ao semanário «Expresso» essa contribuição para o enriquecimento da bibliografia queirosiana conhecida, tanto mais que hoje se completam (desprezando os bissextos) 72 anos, 9 meses e 21 dias sobre a morte do grande romancista, data que nos cumpre comemorar, uma vez que não se repetirá.

Embora correndo o risco de insultar a inteligência do leitor, que por si mesmo o viria a descobrir, o «Suplemento Literário» tem a certeza de que o ilustre escritor, se vivo fosse, estaria agora a escrever um novo romance, intitulado «O Círculo Eça de Queirós».

Segue o texto:

O ano de 1969 veio causar grande perturbação na vida do Círculo, que se concretiza, para conhecimento dos prezados consócios, pelos motivos seguintes. Em Novembro de 1969, a cozinheira Joaquina Serra, que prestava serviço com agrado de todos os associados, devido a doença do marido, despediu-se, e por casualidade, a ajudante Maria Amélia despediu-se também, ficando, no entanto, a trabalhar até Fevereiro de 1970. Esta, Maria Amélia, informou que conhecia uma senhora D. Maria Pereira da Costa Dinares, que gostava de vir substituir a cozinheira efectiva Joaquina Maria da Graça Serra, se, em vez dos 1300\$00 que esta auferia, lhe pagassem 1800\$00 por mês. O gerente Manuel Antunes das Neves, já bastante doente nessa altura, confiou nas indicações que a Dinares lhe prestou e admitiu-a ao serviço. Foi uma verdadeira calamidade que caiu sobre o Círculo. Esta criatura, que não sabia nada de cozinha não podia ficar no Círculo. Por duas vezes houve necessidade de ir buscar a casa a antiga cozinheira; se tal não se tivesse feito, havia um grande escândalo no Círculo. Depois de várias peripécias, a Maria Pereira Dinares veio pedir encarecidamente a

dois directores que a deixassem ficar no Círculo, como ajudante de cozinha, em substituição da Maria Amélia, que deixaria o Círculo no fim de Fevereiro, passando a auferir 1000\$00 em vez de 1800\$00 como tinha sido contratada. Tanto pediu, invocando a falta de dinheiro por uma filha ir casar e um filho ir para a África, como soldado, que os dois directores consentiram, sendo por sua vez ludibriados. Resumindo, a Maria Pereira, logo que abandonou o Círculo, foi ao sindicato, declarando que o Círculo lhe tinha baixado o ordenado de 1800\$00 para 1000\$00, o que não podia fazer. De seguida, apareceu no Círculo para que lhe pagassem a diferença dos meses em dívida (cerca de 7000\$00), pois, de contrário, não entregava as chaves em seu poder, e para que lhe passassem um documento de bom comportamento. O director tesoureiro declarou que não pagava, e só pagaria qualquer importância se tal fosse obrigado pelo Tribunal do Trabalho, se a ele fosse compelido a comparecer. Não quis a Maria Pereira receber o vencimento do mês em curso a que tinha direito, e disse que ia recorrer ao Tribunal do Trabalho.

Foi mentir para o sindicato, querendo extorquir ao Círculo o

que lhe não era devido, pois não foi o Círculo que lhe baixou o ordenado mas ela quem pediu intensamente pela falta que lhe fazia o dinheiro. O sindicato fiou-se no que a Maria Dinares lhe foi contar e não procurou indagar o que havia de verdadeiro nas palavras da Dinares. Em 29 de Novembro de 1971, foi o Círculo intimado a comparecer na 2.ª Vara da 2.ª Secção do Tribunal do Trabalho, em virtude de não ter havido conciliação das partes em litígio. O Círculo como réu (uma vergonha).

Presentes no Tribunal, não chegou a haver julgamento, por o dr. delegado, depois de estudar o processo, entender que havia um acordo: fixou 1800\$00, a pagar pelo Círculo, e tudo acabaria se as partes concordassem. Ambas as partes concordaram. O que a Maria Dinares desejava era receber aquela quantia.

Em 1972 foram pagas ao Tribunal as despesas judiciais e ao procurador do advogado senhor Henrique Leria Fernandes, em 25 de Março, o saldo respectivo das despesas judiciais.

O que se deixa mencionado, e que vem de 1969 e durou até 1972, preocupou por tal forma a direcção do Círculo, e principalmente o director tesoureiro (que tem sido desde a criação do Círculo o organizador das suas contas e relatórios), que impediu que os relatórios pudessem ter sido feitos e a eles tivesse sido dada a atenção que queriam. É testemunha do que fica narrado o advogado e nosso prezado consócio senhor dr. Hugo de Lacerda Castelo Branco.

A C. P. informa:

LISBOA-PARIS AUTO-EXPRESSO

De 3 de Junho a 29 de Setembro, no sentido Lisboa-Paris e no sentido Paris-Lisboa os Srs. Passageiros poderão fazer-se acompanhar dos seus automóveis, nas suas deslocações entre as duas capitais.

MARCAÇÃO DE LUGARES

Na estação de Lisboa (Santa Apolónia), emitem-se os títulos de transporte, efectua-se a marcação de lugares e prestam-se informações acerca das formalidades necessárias.

ENTREGA DOS AUTOMÓVEIS PARA EXPEDIÇÃO

A entrega dos automóveis pelos passageiros efectua-se:
— na estação de Lisboa (Santa Apolónia), ao lado da Avenida Infante D. Henrique, junto ao posto da Shell, entre as 15 e as 18 horas da véspera ou entre as 9 e as 10-30 horas do próprio dia do seguimento desejado;
— na estação Paris (Austerlitz) Voyageurs, 7 Boulevard de l'Hôpital diariamente das 14 às 19-30 horas.

ENCAMINHAMENTO

O encaminhamento entre Lisboa e Irun faz-se, em qualquer dos sentidos, pelo comboio Rápido, e entre Irun e Paris por um comboio de mercadorias de marcha acelerada.

RECEPÇÃO DOS AUTOMÓVEIS À CHEGADA

Os passageiros retomam o seu automóvel no dia seguinte ao da partida.

— Em Paris (Austerlitz) Voyageurs, 7 Boulevard de l'Hôpital: a partir das 6-45 horas;
— Em Lisboa (Santa Apolónia), depois da chegada do comboio n.º 1004 (12-45 horas).

FORMALIDADES ADUANEIRAS EM LISBOA (SANTA APOLÓNIA)

Efectuam-se:
à partida: no acto da recepção do automóvel;
à chegada: no acto do levantamento do automóvel.

PREÇOS

De Lisboa (Santa Apolónia) a Paris (Austerlitz) ou vice-versa, em escudos:

	Ida	Ida e Volta (a)
— Automóveis de comprimento até 3,81 m	1 812\$00	2 778\$00
— Automóveis de comprimento entre 3,81 m e 4,42 m	2 104\$00	3 225\$00
— Automóveis de comprimento superior a 4,42 m	2 961\$50	4 527\$50

a) Importante: Quando o automóvel for acompanhado por mais de duas pessoas e a viagem de volta for efectuada no prazo máximo de 2 meses depois da viagem de ida, são concedidas, sobre o preço de transporte de ida e volta do automóvel, mediante a apresentação dos correspondentes bilhetes, as seguintes reduções:

- 20% quando o carro for acompanhado por 3 pessoas;
- 40% quando o carro for acompanhado por 4 pessoas;
- 60% quando o carro for acompanhado por 5 ou mais pessoas.

Nestes preços não estão incluídas quaisquer despesas por formalidades aduaneiras, quer de entrada quer das bagagens ou objectos que nele se transportem, bem como direitos que, por qualquer motivo, sejam devidos.



**criámos
e desenvolvemos
uma profissão
de vanguarda:**

**consultor
de segurança Império**



**Este homem
é um Consultor de Segurança Império.**

Na vida moderna pensar em segurança é um dever social — para si próprio, para a família, para a empresa.

Mas pensar em segurança obriga à utilização de conhecimentos técnicos, à interpretação de leis, a raciocinar em termos económicos e fiscais.

Gerir os seus interesses da forma mais adequada de acordo com as necessidades de futuro é, de facto, tarefa que necessita do apoio de especialistas.

Tal como na electrónica, na saúde ou em finanças existem especialistas para o assistir, a Império criou e está desenvolvendo uma profissão de vanguarda:

Consultor de Segurança.

Um profissional especializado para lhe aconselhar um plano global de segurança à sua medida.

Um homem que tem a apoiá-lo a organização que a Império representa no espaço português.

Um homem seguro para lhe falar de segurança.

Comece com uma entrevista confidencial.

O Consultor de Segurança Império é um profissional rigorosamente preparado.

Está apto a estudar, a conhecer o seu problema, a aconselhar.

A Império orgulha-se dos seus homens.



ÀO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

COVINA—Companhia Vidreira Nacional, S. A. R. L.

SANTA IRIA DA AZOIA

Avisam-se os Senhores Accionistas de que o dividendo referente ao exercício de 1972 está a pagamento, a partir do próximo dia 11 do corrente no Banco Português do Atlântico em Lisboa, Porto, Figueira da Foz e Marinha Grande. Dividendo por acção: 60\$00, cativo de impostos.

Santa Iria da Azoia, 8 de Junho de 1973

Pel'O Conselho de Administração
Lúcio Thomé Fêiteira

Trespassa-se

LOJA NA RUA
BRAAMCAMP, LO-
CAL DE GRANDE
MOVIMENTO. RES-
POSTA A ESTE JOR-
NAL AO N.º 827.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é ven-
dido por António Quadros, Pe-
nalva do Castelo — BEIRA-AL-
TA

SISTEMAS SIMPLIFICADOS E ECONÓMICOS DE CONTABILIDADE



Por decalque manual ou mecânico apoiados em calculadora electrónica ou máquina de contabilidade, com planificação, esquematização adequada e manual de instruções.

Modelos desde 1.995\$00

Condições especiais para os srs. contabilistas

Peça-nos esclarecimentos grátis e condições de agência

EFICEX KIENZLE

LISBOA Av. 1.ª de XXI 44, tel. 22 17 24 / 22 17 25
PORTO Praça 1.ª de Fevereiro 50, 2.º, tel. 306 90

OPINIÕES CRÍTICAS

OS PUTOS ALTINO M. DO TOJAL

Dezoitos contos precedidos por um curto prefácio de Urbano Tavares Rodrigues.

«Estórias» que decorrem em ambientes vários, mas sobretudo rurais, e descrevem situações diversificadas. Um denominador quase comum: as crianças (os putos), através das quais, em alguns casos, o autor nos propõe a sua visão crítica do Mundo. Em todas as histórias, aparecem em filigrama dois níveis de vivências: o universal (o contexto social em que o autor situa as personagens); o particular (as do próprio autor). Jornalista, Altino Tojal traz-nos reflexos da sua experiência mas, ao mesmo tempo, ultrapassa-a: as suas «estórias», são, quase sempre, mais do que a reelaboração do material recolhido no quotidiano. A intrusão do fantástico do real, que Tojal utiliza por vezes e sempre com a medida necessária, provoca uma ruptura que, sem eliminar a capacidade de análise desse real, confere a alguns dos seus contos uma carga poética pouco vulgar na nossa literatura.

Leitor de Gorki e de Soeiro Pereira Gomes, Tojal parte desse conhecimento para assumir uma óptica diferente mais igualmente eficaz. Em certos

contos, o tom é de sátira pura: por exemplo, «O Gancho», instantâneo da redacção de um jornal com a entrada de um novo aprendiz — caricatura implacável mas infelizmente exacta. Esse ambiente, aliás, surge, mas de forma marginal, logo no primeiro conto («O Campo de Judite»). Esta primeira «estória» é, de resto, uma síntese magistral de um mundo terrível e cruel: o de uma região fronteiriça quase totalmente abandonada pelos seus habitantes que procuram na emigração outras possibilidades de vida. Entre aqueles que ficaram, existe Judite, uma pobre menina orfã de mãe e cujo pai era conhecido pela sua inesgotável fome de pão. Convenceram Judite de que o pai há-de regressar num avião carregado de pão, e sempre que Judite ouve um aparelho apressa-se a retirar as pedras do campo onde aquele deve pousar, pedras que para lá são atiradas propositadamente pelo povo cuja crueldade tem óbvias motivações.

Quando o reporter em férias regressa ao jornal, o chefe de redacção pede-lhe um artigo sobre o que viu: não, é claro, sobre a autêntica realidade do País, sintetizada na história de

Judite, mas sobre a falsa realidade de um hotel para turistas cuja publicidade interessava ao jornal.

Embora, por vezes, o autor não fuja à anedota (é o caso de duas ou três «estórias» curtas incluídas no volume), de uma maneira geral, a capacidade de síntese que demonstra é utilizada na criação de personagens certamente caracterizadas cuja autenticidade é mais eficiente por não ser demagógica. Aliás, um estudo da linguagem usada por Altino Tojal não poderia deixar de reflectir a riqueza de uma prosa cujos sinais contribuem decisivamente para essa riqueza.

Apropriando-se da realidade pela imaginação, como disse, Altino Tojal prova, no entanto, estar constantemente atento às coordenadas sociais e históricas dessa realidade. Por isso, a leitura de «Os Putos» (e sobretudo de algumas das suas páginas como «A Bomba», «Sempre a considerá-lo», «O Comboio das 22», «Sardinhas e Lua», «Matraquilhos») constitui, ao mesmo tempo, um prazer e uma aprendizagem: ambivalência que não é muito fácil de encontrar.

CARLOS PORTO



TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES, SARL

SEDE: EDIFÍCIO 25 — AEROPORTO DE LISBOA

CAPITAL REALIZADO: 800.000 CONTOS

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

- | | | | | |
|-----|-----------------|-----------------|-----|-------------------------------|
| 1.º | Escalão de ESC. | 50.000.000\$00, | 4 % | — 1955/75 |
| 2.º | » | » | » | 50.000.000\$00, 4 % — 1955/75 |
| 3.ª | Emissão | » | » | 35.000.000\$00, 4 % — 1956/76 |
| 4.º | » | » | » | 80.000.000\$00, 4 % — 1958/78 |

No dia 8 de Junho, pelas 15 horas, proceder-se-á na sua Sede Social ao rateio de:

2.062	obrigações do 1.º Escalão
2.022	» » 2.º »
1.360	» da 3.ª Emissão
2.930	» » 4.ª »

no valor nominal de ESC. 1.000\$00 cada uma.

Estas obrigações serão amortizadas a partir do próximo dia 1 de Julho de 1973, conforme consta dos respectivos quadros de amortização.

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

○ Director dos Serviços de Finanças
Ferreira Filipe

Sotavento na rota do Sol



a partir de 3 de Junho
com paragem
também em LOULÉ

Caminhos de Ferro Portugueses

AS OBRAS LITERÁRIAS DE FERNANDO LOPES GRAÇA

Vai Edições Cosmos iniciar a publicação das Obras Literárias de Fernando Lopes Graça, a qual abrirá com um volume de inéditos sob o título «Disto e Daquilo». Por causa desta iniciativa, também para ela, mas sobretudo por causa de Fernando Lopes Graça, escreveu João de Freitas Branco um artigo que o «Suplemento Literário» se honra de divulgar nas suas páginas. Temos provado discretamente, mas com exuberância (a contradição só é aparente) que não aderimos a promoções publicitárias: razão mais para nos sentirmos à vontade nisto que só aparentemente o é.

Não sei que possa eu escrever que não esteja dito e redito. Os méritos de Fernando Lopes Graça como artista músico que principalmente é? A clareza e a elegância do prosador? A firmeza, a rectidão, a coerência do homem de carácter, a sua independência, quotidianamente reconquistada? Nada eu teria a acrescentar se os textos literários de Lopes Graça coligidos como, pode dizer-se, «opera omnia» se destinassem exclusivamente a leitores seus compatriotas e pertencentes à sua geração, quando muito à que veio logo a seguir.

Porque não será esse o caso, atrevo-me a oferecer ajuda a futuros interessados no entendimento de quanto significam essas páginas em relações com a sua circunstância. O admitir que esta possa estar tão esquecida dentro do tempo não excessivamente dilatado mostra que o meu incorrigível optimismo iguala o desejo que sinto de concorrer para a utilidade da edição.

Em 1910 Fernando Lopes Graça era um menino de três para quatro anos. Em 1926 abeira-se da maioridade, na Segunda Guerra Mundial tendia para os quarenta, em 1968 sentia ainda frescas as privadas comemorações do sexagésimo aniversário natalício.

Nas suas coordenadas temporais, que poderá apontar-se como caracterizante do artista-intelectual genérico, na mesma pátria dos Domingos Sequeira e Bontempo, dos Garrett, Camilo e Pessoa?

Na pressuposição duma atitude aberta como hoje costuma dizer-se, e dum natural desejo de saber e dum pendor para a experiência, para a interrogação, para o desafio,

para a aventura, no mais sadio e generoso sentido da palavra, o jovem artista português dessa idade não demorou muito a desenganar-se de que persistindo em tudo isso pudesse vir a ser, oficial ou oficiosamente apoiado, estimulado, reconhecido.

Que vê o nosso artista como linha, não digo de menor resistência, mas de trânsito possível, sem demasiado risco de ir parar sabe-se lá onde, sob a acusação de perigoso, de subversivo?

Se não renunciar de todo à informação que o interessa, o trajecto viável será o de ouvir (ou ler, ou ver) e, na melhor parte, calar. Não dizer o que sente ou pensa, mas semi dizer. Não ir até onde de outro modo iria, nas suas surtidas de homem de artes e letras, nos voos espontâneos e da imaginação, no pronunciar da sua criatividade.

Indesejados os seus propósitos, apenas toleradas as suas actividades, e sempre na condição de não atingirem graus incomodativamente perturbadores de mediocridades sisudas, para onde seguirá ele se, não sendo por hipótese um herói, for porém rijo o bastante para se não vender a nenhum oportunismo?

Sem ter ao seu alcance o exercício digno da profissão, em tratamento que lhe dê para viver, ele tem de se entregar a ocupações que lhe não interessam e, mais grave do que isso, vai perdendo impulso para o trabalho nas que lhe interessam e, mais grave do que isso, vai perdendo impulso para o trabalho nas que lhe interessam.

Objectar-se-á com a lição da história, segundo a qual as adversidades podem actuar como acicates do poder criador, desde que este exista. Ao que redarguo eu

que a boa resposta se tonifica no desafio, mas desde que este não seja do tamanho que asfixie quem poderia responder.

As letras da poesia, do ensaio, do conto, quase mesmo as do romance e da novela conseguem vingar aqui e acolá. Certas expressões de artes visuais penso momentaneamente na gravura beneficiam de especificidade favorável. Em relação ao mesmo período, o que talvez ninguém possa articular é meiadúzia de nomes de expoentes das artes de espectáculo, desde actores, encenadores e autores teatrais a realizadores cinematográficos, desde coreógrafos e bailarinos a intérpretes musicais e compositores, que, adentro das fronteiras, tenham logrado superar aquela barreira de anticultura.

Autores a criar para a gaveta, intérpretes a representar, ou a bailar, ou a cantar, ou a tanger para rodas de amigos e familiares e para cadeiras vazias, sem contratos, sem palcos, sem ensejos



João de Freitas Branco

de constante intercâmbio com públicos, em vez de perpetuamente conduzidos e reconduzidos a todas as áreas populosas do seu país, para elevação mental dos seus patrícios, não admira que se lhes reduzisse as capacidades de trabalho, as apetências de produção criadora ou re criadora, de pesquisa, de sujeição ao erro e de luta pela superação dela, para recomençar depois, com igual ou maior empenho.

Em vez disto, o arre-

medo de profissionalismo e a preguiça aborrecida, a enganar-se em piadas de fazerem rir do próprio conformismo ou derrotismo da própria desgraça. E seria possível diferente atitude?

Possível, sim, porém na dependência de improbabilíssimo concurso, num mesmo indivíduo, de condições raras cada uma de per si. A condição da inflexível força de vontade e a do indeteriorável apego ao trabalho, ambas viradas ao serviço comunitário. A condição da coragem moral e física, a da inteligência, a da esclarecedora transmissão de ideias e de conhecimentos, a do alto nível cultural.

Juntemos-lhe a honestidade, abonada por situações daquelas que não ludibriam, e, finalmente, a disposição para comunicar através da música, e espero comece a desenhar-se, destacando-se do mau alinhavo do meu pobre verbo, o excepcional caso Fernando Lopes Graça. De-

contar-nos que alvoroços, que entusiasmos, que meditações e correlações têm despertado e desenvolvido desde os seus primeiros aparecimentos, seriam testemunhos de um dos mais interessantes, porque mais autênticos processos de propagação sócio-cultural que entre nós se têm dado.

Indispensável saber, pelos seus livros, os seus artigos as suas conferências, as suas críticas, o que Fernando Lopes Graça entende importante e oportuno divulgar, o que pensa deste ou daquele autor ou intérprete, duma determinada estética, das virtudes ou desvirtudes de certo empreendimento. Conta-se que ele desmistifique à nascença as falácias do obscurantismo, as ardeiras dos parlamentos de pseudocultura.

Atribuições de gama larga, mais ainda do que a indicada no título de um dos seus livros, *Tália, Euterpe e Terpsicore*. Atestá-lo-ão os volumes cuja publicação «Disto e Daquilo» inaugura. Mas é, evidentemente, na zona musical que se adensam as norteadores contribuições de Fernando Lopes Graça.

Lemas do seu pensamento inculcam-se na arrumação de ideias dos que, onde quer que em Portugal se esboçem movimentos, individuais ou instavelmente colectivos, de interesse real pelas coisas de cultura. Ainda hoje, quantas vezes oiço algumas dessas lições repetidas, com a mesma convicção, por pessoas que eu sei terem-nas aprendido com Fernando Lopes Graça. Por exemplo, o universalismo da floração a implicar a firmeza nacional das raízes; ou o moderno entendido como o actual, quer ele dê pelo nome de Pierre Boulez quer pelo de Guillaume de Machault.

Discutíveis, os pontos de vista, as concatenações e as induções, os juízos condenatórios, formuladores de reservas ou, mais raro, incondicionalmente encomiásticas?

Está claro que sim. E cabe parafrasear Bernard Shaw quando o acusaram de não ser perfeitamente imparcial,



Fernando Lopes Graça, segundo a des

perguntando: mas quem é Fernando Lopes Graça, para poder dar-se ao luxo da indiscutibilidade? Será ele o observador de Laplace?

Já que vei ao lume a clássica imagem vegetal das raízes e flores sirva-mo-nos dela. O solo onde implanta a cultura de Fernando Lopes Graça é nacional e, se não estou em erro, muito camiliano, como se vê pela excelência do seu vernáculo de prosador. Aquilo que o activa, o aduba, o enriquece por nutrição, afigura-se-me, na maior parte, francês de origem, ou francês de passagem veicular.

A antese, porém, universaliza-se pela estatua mental, moral e exegética a que a elevam a consciência deontológica, uma vontade de antes quebrar do que torcer, o já referido amor ao trabalho, a natural impulsão do artista. A propósito desta, seja-me lícito aventar que na censura de cerebralismo menos inspirado que aplicado, dirigida ao miúdo tomarense que estudava piano, e no enaltecimento da sentida intuição do mano, terá residido talvez, não digo a mais grave, mas a primeira injustiça cometida, à sombra da música, para com o futuro autor do «Canto de Amor e de Morte».

Natureza propensa à atitude racionalista (e por aí se lhe devem muitos dos seus maiores serviços de escritor e professor), quanto mais e melhor a tenho conhecido mais e melhor tenho



escultura de Fernando Fernan-

podido compreender a sua aversão ao falso racionalismo da «machine à penser» e o per-meável que também é aquilo que só por sim- como se «racionaliza», com magna ofensa à razão.

Discutíveis, pois, alguns ângulos de visão, estas ou aquelas correlações, conclusões, sentenças. Discutíveis, mas quase nada discutidos, por, afigura-se-me a mim três motivos principais.

Primeiro porque, nos hábitos musicais (e não só musicais portugueses, a discussão se reduz a pouquíssimo. Segundo porque, no caso de Lopes Graça, o que haveria a discutir nunca parece gritante. E, terceiro, porque, consequentemente, todos os possíveis opositores honestos, mesmo aqueles de quem poderiam esperar-se as mais direitas investidas contra o esquerdismo do alvo, têm compreendido que até lhes ficaria mal, na circunstância adversa em que sempre se tem encontrado, disparar sobre ele por causas de somenos importância. Objectar ao que ele pensa do compositor Johannes Brahms enquanto na quase totalidade do País não há vida musical que dê a conhecer nem Brahms nem Mozart, Beethoven ou Debussy; nem Frei Manuel Cardoso nem Kurt Weill, Leal Moreira, Béla Bartók ou Francisco António de Almeida; nem Rudolf Serkin nem Mstislav Rostropovitch, Sequeira Costa ou Henry Szeryng, sem

falar de conjuntos orquestrais e outros, portugueses ou estrangeiros? Gastar tempo e espaço a argumentar contra displicências em torno dum **Parsifal** (aliás pedagogicamente salutares) enquanto os indivíduos e as instituições particulares capazes de realmente desenvolver a cultura musical, educando em larga escala através da arte, continuam sem apoio suficiente, antes se sentido votados à sistemática exclusão do dos privilegiados?

Não — os dissidentes sérios de Fernando Lopes Graça não têm considerado moral discuti-lo como natural seria — e como ele mesmo estimaria útil, penso eu — se outro fosse o clima circundante. Quanto aos não honestos, esses têm procedido como sempre: ou pela calada, com avisos de espião, segredados na segurança dos gabinetes, ou sob a aparência da coragem desassombrada, mas a coberto duma situação que lhes anula os riscos físicos da contenda, com polémicas das quais vós, leitores, ides encontrar, nalgumas páginas destes volumes, as componentes ripostantes ou atacantes assoboradas pelo combativo sentido de humor de Lopes Graça.

Da posição de praticamente indiscutido pelos que mais valem, jamais abusou o autor das «Reflexões sobre a Música», da «Introdução à Música Moderna» e de «A Música Portuguesa e os seus Problemas». Nunca pretendeu impor dogmaticamente fosse o que fosse; e vejo-o aborrecer cada vez mais as generalizações palavrosas, os rótulos inamovíveis, os preconceitos cilindrados da experiência vivida. Estou a ouvi-lo, ainda sob a visível emoção causada por **The Rake's Progress**, no fim da apresentação da ópera: «andam aí a dizer, pelos corredores, que isto é artificial, é neoclássico, e não sei que mais. Isto o que é, é muito bom».

Do pouco que acabo de escrever ousa esperar que se esboce ao menos, sob o nome de Fernando Lopes Graça, a figura dum artista intelectual, único, inconfundível e insubstituível na sua individualidade, mentor de portugueses ansiosos de se cultivarem, de serem capazes de pensar, e sentir, e decidir por eles mesmos. Figura a quem presto a minha rendida homenagem e o meu agradecimento como um dos beneficiários que sou da sua obra de esclarecimento e estímulo.

Homenagem e agradecimento que formulo também como gesto legítima defesa, já que as palavras **artista** e **intelectual** continuam a servir, injectadas de sentidos pejorativos, para o revigoreamento da força bruta, do primarismo mental, do arrivismo sem vergonha. Como se qualquer nação pudesse desprezar por princípio que lhes produz a fruição da beleza e quem lhe cultiva a inteligência por amor à verdade, independentemente de conveniências interesseiras, quantas vezes contra aquilo que maiores vantagens lhe traria.

Não muito preocupado ficarei ao assinar estas linhas redigidas em cima da hora da impressão. Porque, se de todo ele falhar no dirigir a atenção dos leitores para a envergadura do artista intelectual Fernando Lopes Graça, aí está a sua prosa a falar por si. A falar de tal sorte que, se também me não tiver sido dado tracejar suficientemente a sua circunstância histórica, nem por isso os leitores felizes de a não terem vivido, e porventura afortunados até ao ponto de nunca virem a conhecer algo de semelhante, deixarão de colher nestas **Obras Completas** alimento tão rico e vário quanto informativo e revitalizador para o seu espírito.

JOÃO DE FREITAS
BRANCO

FICHAS NA MESA

3,1: (Tchecov fez outras fichas). As nossas fichas, em geral, querem estar em cima da actualidade; mas nem sempre, nem de toda. Há actualidades não actuais e, pelo contrário, o actual pode ser de outra era. Um exemplo: num curto lapso de tempo, os lisboetas (e os cinéfilos de outras cidades?, permito-me duvidar) viram dois filmes, melhor, duas peças de Tchecov, veiculadas pelo cinema. Uma de produção britânica («Três irmãs»), outra soviética («Tio Vania»), ambas de certo modo talvez falhadas como cinema (exceptuando a banda sonora do filme soviético, excepcional) e quicá igualmente como teatro no caso inglês, mas se falhanços, mesmo assim como interesse ímpar. Mas a actualidade reside num outro ponto, em Tchecov. Na sua visão aguda, dolorosa, já no seu tempo esclarecida pelo entendimento sociológico da vida, aquele que alicerçou a espantosa criação de uma vasta galeria de personagens, de comportamentos, de ambientes, de verdade implícita.

Tchecov era sociólogo não só pela intuição. E pouco conhecida a autoria de um relatório de 500 páginas sobre a ilha de Sakhalin, só 80 anos mais tarde traduzido em francês (Éditeurs français réunis, 1972). O livro relata com segura moderna os sofrimentos dos prisioneiros, dos homens fora de lei pela lei, o atroz sistema penitenciário. Curioso episódio da vida do autor de «O Cereja», em suma não tão episódico...

Parte em condições anormais: «Conduzi-me com ligeireza terrível», conta ele, «não tendo outros papéis além do passaporte, nada mais... Vou pôr o pé na ilha de Sakhalin sem uma única carta de recomendação e vão talvez pedir-me que volte para donde

vim». Dois meses e meio de uma viagem pouco turística, talvez para nada. Estradas impraticáveis, dormidas miseráveis ou nenhuma, Tchecov não pára de tossir e sofre os primeiros indícios da doença fatal. Finalmente Sakhalin, ao largo da Sibéria. «Em volta o mar, no meio o inferno». O governador autoriza o escritor a ver tudo, excepto falar aos presos políticos. Tchecov fica três meses. Trabalha com uma minúcia espantosa, faz imprimir fichas, segundo um modelo que inventou, faz o recenseamento de todos os prisioneiros. Quase só, preenche dez mil fichas. Estabelece estatísticas sobre a parca agricultura, sobre a pesca, observa o clima, recolhe dados relativos ao nível de instrução, à criminalidade, estuda as medidas penais, as tentativas de evasão, debruça-se cientificamente sobre os vários fenómenos patológicos, estabelece o índice de mortalidade, mas igualmente os metros quadrados para cada prisioneiro nas celas. Além disso, como se não chegasse, eis um tímido esboço etnográfico sobre as duas raças locais. As fichas, os diagramas e as estatísticas são apenas meios para encontrar o humano; mas não nos enganemos, o admirável contista foge à literatura a sete pés. Quer apenas dados operatórios, por agora. Encontra muitas vezes não criminosos mas «gente usada pela vida, modesta, triste». Enfim, Tchecov reconheceu os seus.

Com ironia melancólica, o autor fala do hipotético interesse do livro, talvez um século mais tarde. Quem diria: já estamos perto da data prevista.

Moralidade: há actualidades que não são de uma época nem só de um lugar.

3,2: (Sementes para mitologia). Com instinto, infelizmente, seguro, o público cinematográfico de Lisboa soube rejeitar, nos últimos tempos, vários filmes de qualidade ou de índole cultural. Assim, passaram à maneira de meteoritos, nos ecrãs, apesar de alguns gritos dos críticos — e outros calados — «a não perder», os filmes inspirados nas

peças de Tchecov (vide 3,1), os «Clowns» de Fellini, etc. Ou os responsáveis das salas, impacientes, não aguentam uma primeira semana mais fruste de bilheteira? Deste modo se cria a mitologia dos filmes malditos para a futura glória de qualquer quinzena especial.

3,3: (No País do Gin-Tonic). As narrativas de José Viale Moutinho («No País das Lágrimas») e os textos de Mário-Henriques Leiria («Contos do Gin-Tonic») são primos; isto quer dizer que são da mesma família, embora não muito tradicional. Vejamos: escrita descongelada, imaginação em movimento, jogo absurdo do real, riso surrealizante (mas haverá outro hoje?), e por fim, o mosqueteiro Kafka, algumas dezenas de anos depois, ligeiramente latinizado, passou por aqui e frutificou. Ambos os autores são jornalistas, um cosmopolita regressado por acidente a Lisboa, outro do Porto, à espera do seu acidente, para sair para o mundo (porque, para sair, tem de se sair sempre de algum lado); nenhum tem da literatura uma ideia bem certa, o que é bom em princípio — mas não chega; felizmente ambos escrevem com prazer e pelo prazer, idem para chatear os outros, sem regularidade burocrática, carecidos

das regras preconcebidas. Mas também eles são diferentes um do outro, os primos. O de Lisboa (M.-H.L.) com mais calo, com mais cinismo descontrado e desprezo amável. O do Porto (J.V.M.) mais esforçado, mais cuidadoso, mais intelectual, talvez até mais coisas para dizer que o outro, coisas que o outro já esqueceu ou faz por esquecer. O de Lisboa despreocupado, o do Porto um tanto nervoso para parecer o mesmo. Viale Moutinho tem talento para vender e ainda não sabe como o esconder, se esconder e não vender.

No entanto, ambos raivosamente reconhecidos ao País em lágrimas misturadas com gin-tonic, ambos ligados a uma nação e ao mundo cujos feitos fornecem a matéria da angústia operatória e da pós-angústia, isto é, da pilhéria lírica; que o futuro incerto, oxalá, não lhes crie a moleja de cidadãos-escretores.

3,4: (La Moscheta). Quando alguém que, digamos, faz teatro, vê os espectáculos dos outros, está sempre, apesar de toda a amizade e boa-fé, em perigo de julgá-los através do seu prisma, isto é, da sua teoria e prática. E, em geral, um mau crítico, um péssimo espectador, e até sofre com isso. Bom. Vi

o espectáculo dos Bonecreiros — vide o título — e esqueci que também fabrico teatro. (Outro, claro. Cada um fabrica outro, visto ser sempre um outro, embora para ser outro seja preciso arriscar-se a sê-lo.) Bom. Vi o espectáculo. Tornei-me espectador. Voltei à infância das coisas. Parece elogio. E.

3,5: (Fichas Pessoais). O professor de Literatura Comparada da Universidade de Yale, René Wellek, co-autor (com Werner Austin) da «Teoria da Literatura» que tanta influência teve nas universidades portuguesas pela ordenação do fenómeno literário, está em Lisboa. Pode-se-lhe dizer, discretamente, bom dia, em várias línguas. Até em português.

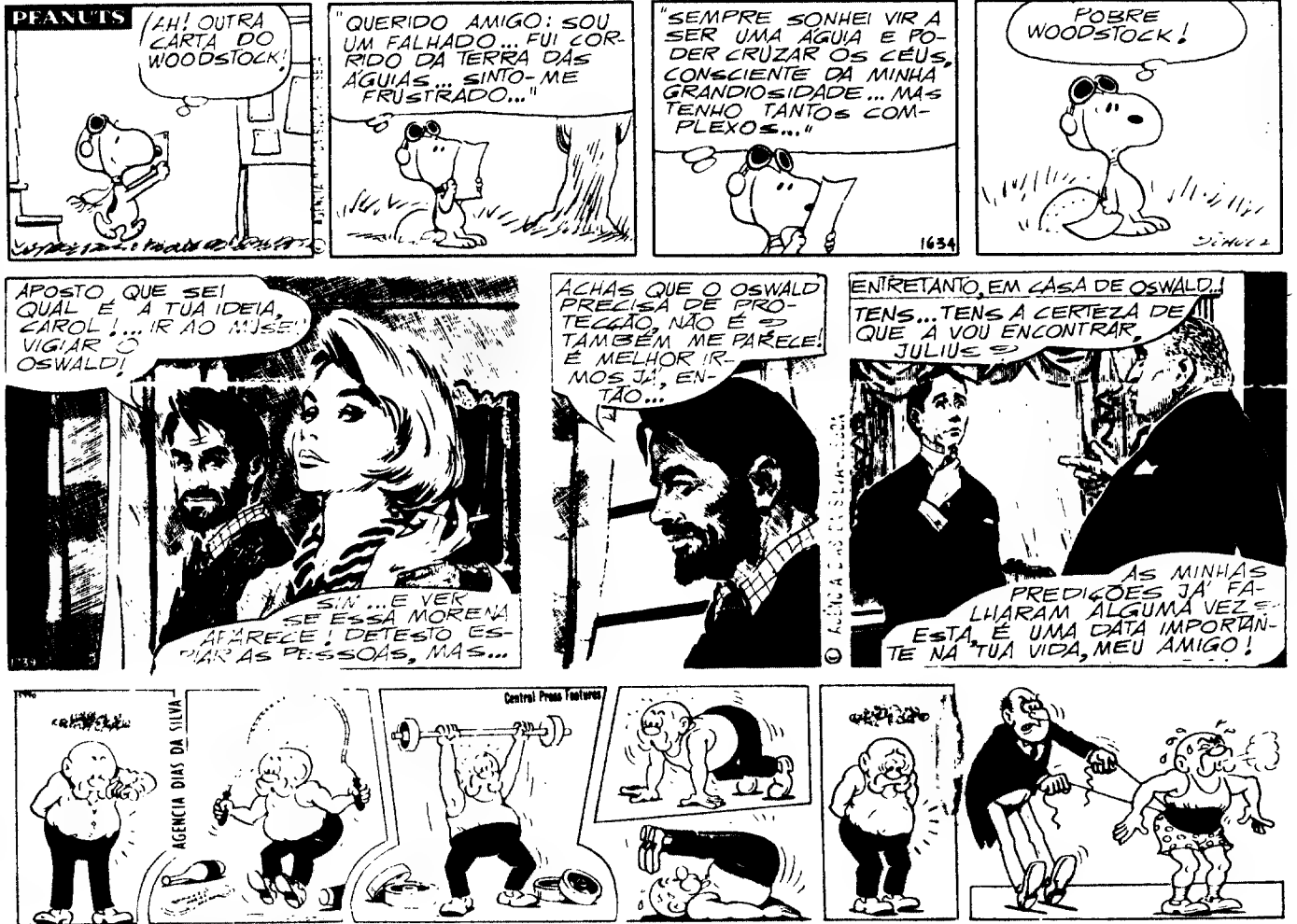
Pelo contrário, com quem já não poderemos falar, é com o escritor e jornalista português Costa Barreto, cuja obra é mais co-

nhecida, segundo o seu voto, do que ele próprio: fundou e dirigiu, durante mais de duas décadas, com tolerância exigente mas sem compromissos inúteis, o Suplemento «Cultura e Arte» do «Comércio do Porto», do qual nasceram aliás importantes antologias sob o nome genérico «Estrada Larga», procuradas como sumários de alguns temas da cultura portuguesa. Falta-me a frase para rematar o vazio repentino.

JORGE LISTOPAD



O tempo e o gosto de viver



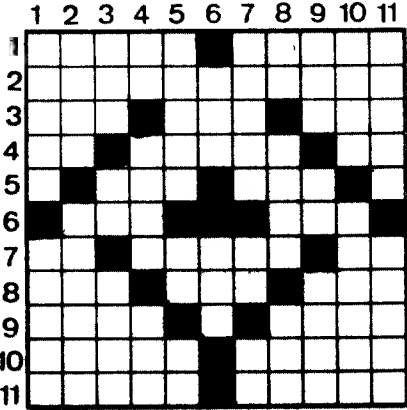
PROBLEMAS DE PALAVRAS

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10450

HORIZONTAIS:

- 1 Asno. Engulo (pop)
- 2 Afrouxaremos.
- 3 Chefe etíope. Eia! Suspiros
- 4 Reis. Transgressão dum precepto legal. Preposição e artigo definido.
- 5 Bicho que aparece no queijo e na carne de porco mal curtida. Genro de Maomé.
- 6 Nome de homem. De mios
- 7 Pronome pessoal. Idoso. Laço
- 8 Vazia. Recusa. Empunhei
- 9 Refeição da noite. Acrescentar.
- 10 Descerrais. Deusa grega, da sabedoria e da inteligência, filha de Zeus.
- 11 Campo cultivado. Rebentos



VERTICAIS:

- 1 Entrada de um porto. Rapa-rigas
- 2 Artigo indefinido (pl). Acolhe
- 3 Freguesia do concelho de Penafiel. Ouro (s.q.) Encole-riza
- 4 Troça. Duzentos e quatro em romano. Oásis.
- 5 Sobrecarrega. Neon (s.q. e inv.) Apelido
- 6 Agência. Telegráfica de Imprensa. Pátria
- 7 Unidade de peso do nosso sistema métrico. Associação ou confraria cristã na Índia. Prata (s.)
- 8 Nota musical. Armadura para a cabeça. Prendo.
- 9 Gosta muito de. Segundo. Ave palmípede.
- 10 Triturava. Educação.
- 11 Restos mortais. Entonteces.

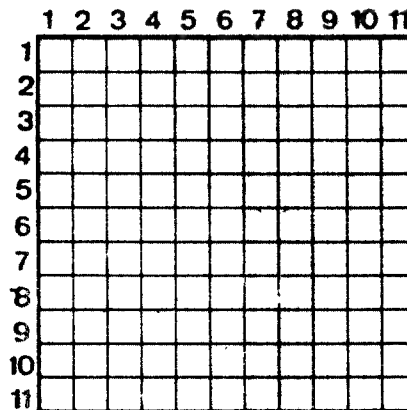
Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO ne e inscreva.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6607

HORIZONTAIS:

- 1 Praia. Planta gramínea de cujo grão se obtém a farinha para o fabrico de pão
- 2 O mesmo que esgana. Persistir.
- 3 Gosta muito de. Troçar. Nome de letra.
- 4 Gálio (s.q.). Sopro
- 5 Igual. Ofereces.
- 6 Palmatoada. Acolá.
- 7 Figura que simboliza o povo americano. Solitários
- 8 Anual. Apre!
- 9 Libras esterlinas. Organi-
- 10 Aparência. Rio de França. Sufixo que designa estado.
- 11 O mesmo que bonzo. Trans-



VERTICAIS:

- 1 Ameiga. Divisões de uma casa
- 2 P.lha. Suprimira
- 3 Eia! Terreno plantado de árvores frutíferas.
- 4 Prata (s.q.) Forma apocópica e proclítica de vale. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico
- 5 Pátria. Chefe etíope. Abreviatura de Santíssimo Sacramento
- 6 Idem. Artigo definido. Ouro (s.q.)
- 7 Possuir. Concedes. O mesmo que três
- 8 Reis. Desgraça. Arara.
- 9 Sufixo que designa pequenez. Cesto ou saco tecido de esparto
- 10 Tartamuda. Notcu.
- 11 Rozara. Campo semeados de cereais

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10449

HORIZONTAIS:

- 1 Gravi. Elas
- 2 O CIUME. Iro
- 3 Sa. Ata. Anda.
- 4 TEM. Orças.
- 5 Adis. Atue
- 6 Oro. Dam. Se
- 7 Armão. Ce
- 8 Lv. Aro. Mapa.
- 9 Has. Sarar.
- 10 Oleo. Decora.
- 11 Sãs. Ne. Asas.

VERTICAIS:

- 1 Gosta. OLHOS
- 2 Aedo. Vala
- 3 AC. Mira. Ses.
- 4 Via. Sora
- 5 Auto. Mia
- 6 Imã. Adão. DE
- 7 Olão. SE.
- 8 Arum. Maça.
- 9 LANCE. Caros.
- 10 Arda. Separa.
- 11 Soasse. Aras.

Provérbo: O CIUME TEM OLHOS DE LINCE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6606

HORIZONTAIS:

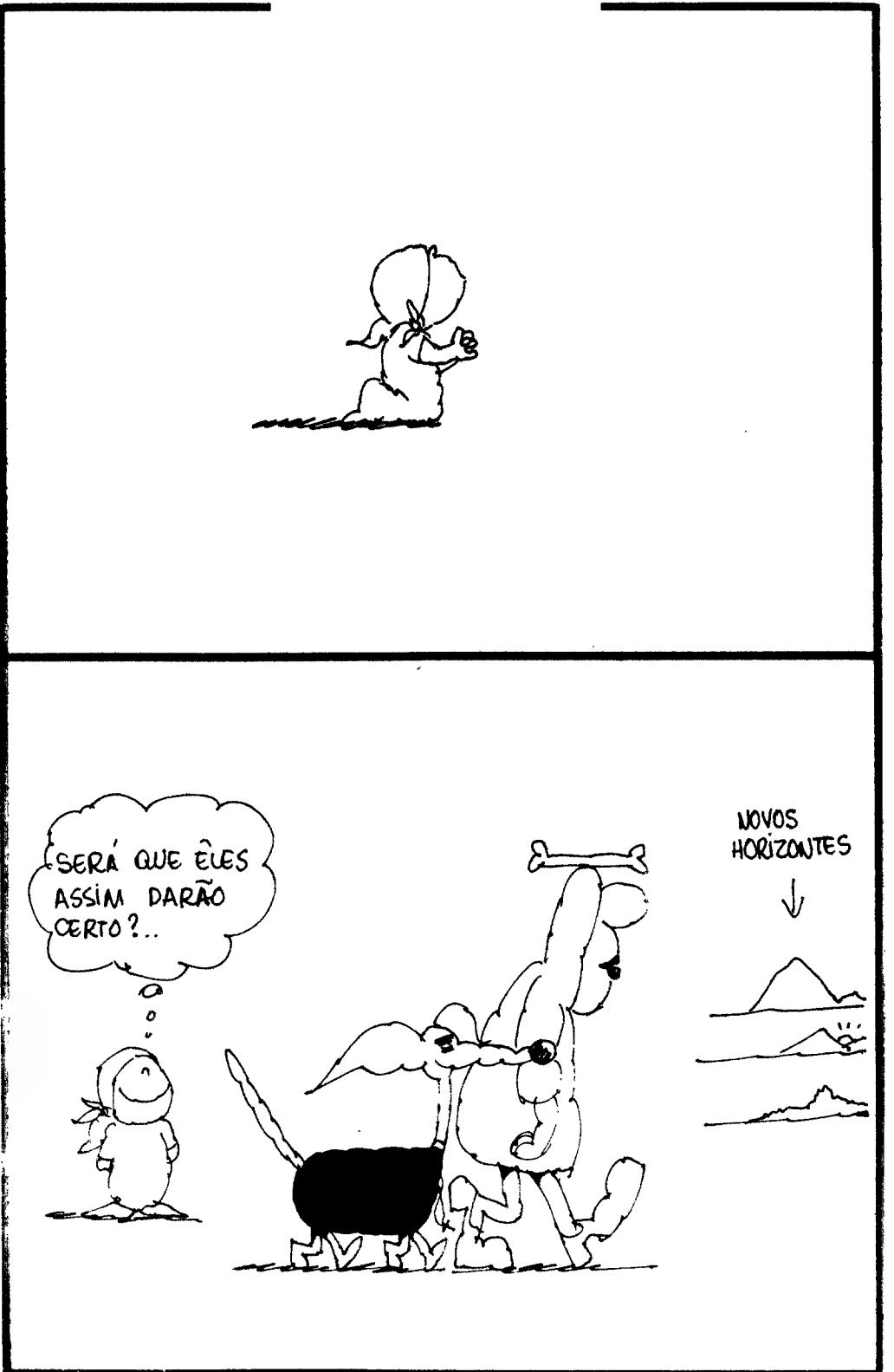
1. Hugo
2. Am. Se. Oro
3. Aras.
4. Amas.
5. Amas.
6. Am. Se. Oro
7. Amas.
8. Gal. Mit.
9. Orear. Arma.
10. Amas.
11. Orem. Asilo.

VERTICAIS:

1. Jaz. Frago.
2. Amen. Ecar.
3. Palas. Olear.
4. Odian. Ame.
5. O. Amaram.
6. U. Er.
7. Ha. Alertara.
8. Amame. Ras.
9. Gorar. MMMII
10. Uras. Moia
11. Ios. Postigo.

DSANTA, SANTINHA E PENTECOSTES UMA QUESTÃO DE PONTO DE VISTA

TOPIN



LIVROS RECEBIDOS

CENTELHA - PROMOÇÃO DO LIVRO

A TRAGÉDIA DO REI CRISTOPHE
Henrique de Buenaventura
Tradução de José Agostinho Baldaia
Colecção Teatro Nosso Tempo - n.º 1

COOPERATIVISMO E SOCIALISMO
Vários
Tradução de Rui Namorado
Colecção Temas Nosso Tempo - n.º 9

EDIÇÕES DE AUTOR

PORCELAMA
José Correia Tavares

A BIRRA DO MORTO
Vicente Sanches

TRAÇO DE TINTA
Sílvia Soares

EDITORES ASSOCIADOS

O PODER MENTAL
Tom Werneck e Frank Ullmann
Tradução de Ana Maria Cardoso
Livros Unibolso - n.º 9

EDIÇÕES 70

MITOLOGIAS
Roland Barthes
Tradução e prefácio de José Augusto Seabra
Colecção Signos - n.º 2

EDITORIAL EXPANSÃO

A VAQUINHA E O SOL
Lília da Fonseca
Ilustrações de E. Perestrelo
Colecção Carrocel - n.º 9-A

EDITORIAL FUTURA

SOLO PARA GRAVADOR
Isabel da Nóbrega
Colecção Autores Portugueses,
n.º 5

JORNAL DO FUNDÃO, EDITORA

DICIONÁRIO JURÍDICO-FISCAL - Vol. I
Fernando Augusto Dias

LIVROS DO BRASIL

BANDEIRANTES E PIONEIROS
Vianna Moog
Colecção Livros do Brasil - n.º 87

O CASO DA BONECA MALICIOSA
Erle Stanley Gardner
Tradução de Maria do Carmo Pizarro
Colecção Vampiro - n.º 312

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

A FAUNA - Fasc. 109 e 110
Félix Rodríguez de la Fuente

A REPÚBLICA ESPANHOLA E A GUERRA CIVIL - Vol. II
Gabriel Jackson
Tradução de Luís Ardisson Pereira
Colecção Estudos e Documentos - n.º 78

ANÚNCIO

O Serviço de Formação Profissional tem para si um lugar de Motor nas seguintes especialidades:

- AJUSTAGEM
- CARPINTARIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- CARPINTARIA DE MOLDES
- CANALIZAÇÕES
- COFRAGENS E ARMADURAS
- COMPOSIÇÃO MECÂNICA
- ELECTRICIDADE-AUTO
- ELECTRICIDADE B. T.
- FRESAGEM
- LADRILHAGEM
- MARCENARIA
- MECÂNICA-AUTO
- PINTURA DA CONSTRUÇÃO CIVIL
- REPARAÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS
- PEDREIROS
- PINTURA DE AUTOMÓVEIS
- SERRALHARIA CIVIL
- SALDADURA ARGON
- TORNEAMENTO

EXIGE-SE:

- Bons conhecimentos profissionais

OFERECE-SE:

- Carreira atraente
- Bom vencimento
- Regalias sociais

Informe-se até ao próximo dia 10 de Junho nos Centros do Serviço Nacional de Emprego localizados em: Porto, Viana do Castelo, Braga, Guimarães, Santo Tirso, Vila Real, Bragança, Chaves, Coimbra, São João da Madeira, Aveiro, Figueira da Foz, Leiria, Caldas da Rainha, Covilhã, Lamego, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Santarém, Tomar, Abrantes, Lisboa, Torres Vedras, Vila Franca de Xira, Barreiro, Setúbal, Évora, Portalegre, Beja, Faro, Portimão e Vila Real de Santo António.

...A música «rock» (ao fim e ao cabo é esta a designação que acaba por prevalecer, depois de várias outras, mais ou menos esporádicas, terem sido propostas) ganhou uma popularidade tão grande que os discos que a contêm constituem uma fonte de receita tal que alimenta (largamente!) uma quantidade crescente de empresas discográficas: produtoras, distribuidoras, etc.

...Ao princípio era a novidade (ao princípio é, sempre, a novidade) mas, depois, a novidade passou a ser cada vez mais rara e mais difícil. Criado o «tipo» de música, o fácil era segui-lo, mantendo o ritmo, criando melodias novas mas pouco originais e, às vezes, nem isso. O difícil passou a ser, portanto, criar novo ritmo dentro das mesmas determinantes epocais, bem como melodias novas tão originais quanto possível.

...Ora o que se começou a ver (a ouvir) cada vez mais foram cantores e conjuntos a produzir e a interpretar uma música de inferior qualidade, má, na sua (esmagadora) maioria, repetindo exaustivamente temas batidos, frases, efeitos.

Hoje em dia o disco é um produto (quase de) série que se compra da mesma maneira que se adquire uma «tablette» de chocolate, um tubo de pasta dentífrica ou um bilhete para um jogo de futebol. E, tal como o jogo, a pasta ou a «tablette», vende-se mais o disco que tenha «aquilo que os outros não têm». Disso se encarrega a publicidade.

...«Eusébio na festa de homenagem ao Chico da Esquina» — estádio cheio; «O dentífrico «roscof» tem mais insecticidas» — vende-se o do bro; «XYZ, o chocolate que a juventude dos Estados Unidos prefere» — toca a comprar, com os olhos postos nas motos, capacetes e fatiotas que os filmes americanos (publicitários ou não) se encarregam de nos mostrar: «Uma voz com novas propostas um ritmo diabólico, um novo som,

VINHO VERDE ADEGA COOP. DE BAIÃO

BAIÃO

branco
tinto
e
palhete

UM VINHO SUAVE, DELICADO E DISTINTO, MARCADO PELAS CARACTERÍSTICAS ECOLÓGICAS DE UMA REGIÃO ÚNICA NO MUNDO!!!

UM VINHO PARA OS APRECIADORES

OS GIGANTES GENTIS



Os «Gigantes Gentis».



José Afonso: por cá também os há. «Menos gigantes» POR RAZÕES ALHEIAS À NOSSA VONTADE.

há relativamente pouco tempo um disco, intitulado «Octopus», construído (é o termo) pelos «Gigantes Gentis». Trata-se de um trabalho exemplar, nas propostas musicais que contém, sendo a música, no entanto, do tipo da que se convencionou chamar «pop»: um «rock» muito pesado, quase tocando as fronteiras do lírico, com uma harmonização instrumental e de vozes muito bem conseguida, com uma técnica (dos músicos e da gravação) impecável.

Dizia-me um amigo meu que, por sinal, é regente coral e estuda percussão no Conservatório (entre outras muitas coisas, que faz de, para e na música):

«É o único (ou quase) conjunto «pop» que consigo ouvir com inteiro agrado».

Também por cá, na «nossa» terra (e à nossa medida, que somos pequenos) há uns quantos «gigantes gentis». Menos «gigantes» por «razões alheias à nossa vontade». Mas que se agitam quando «o rei faz anos». O que é preciso é estar atento, porque nunca se sabe quando é o aniversário...

NUNO GOMES DOS SANTOS

ANDARES

PARA HABITAÇÃO OU RENDIMENTO
PRAÇA TIMOR — LOURES

Junto do liceu e campo de futebol

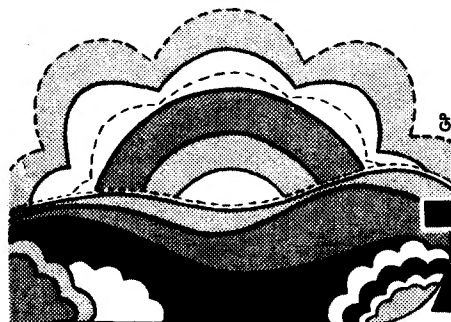
VEJA HOJE MESMO OS ANDARES
JÁ PRONTOS DO LOTE 2

Soc. Const. Espírito Santo & C.ª, Lda.

RUA D. CARLOS MASCARENHAS, 17-1.º
Telefs. 683599 - 689814 — LISBOA

A. OLIVEIRA ELECTRODOMÉSTICOS

Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63



Férias na MADEIRA

7 dias 3250,

Alojamento na Cidade Turística da Matur em moradias e apartamentos independentes. Viagem de avião a jacto. Transfers. Dormida e pequeno almoço. Excursões e visitas.

Informe-se sobre as facilidades de pagamento concedidas, na sua Agência de Viagens ou no Departamento de Relações Públicas da Matur, Avenida Infante Santo 56a tel. 661036 - Lisboa

AS VOLTAS QUE O TEATRO DÁ



«A Tragédia do Rei Christophe»
na encenação de Jean-Marie Serreau



Jean-Marie Serreau

Na morte de Jean-Marie Serreau

O actor e encenador francês Jean-Marie Serreau morreu há dias em Paris, após prolongada doença, com 58 anos de idade.

O nome de Jean-Marie Serreau — arquitecto de formação — ficará ligado ao teatro do nosso tempo por duas das suas principais vias: o teatro de vanguarda e o teatro político (passe a dicotomia). Aluno de Char-

les Dullin e amigo de Bertold Brecht, Serreau foi um dos principais responsáveis (com Roger Blin) da eclosão, no pós-guerra, do teatro de vanguarda — com Beckett, Genet, Ionesco e Adamov —, cuja importância, embora discutível, não pode ser negada, como resposta para uma ruptura inevitável com o teatro anodinos então existente. No entanto, o teatro político interes-

sou igualmente Serreau, como o provam a sua encenação de «A Excepção e a Regra», primeira encenação feita em França do teatro de Brecht após «A Ópera de Dois Patacos», bem como a da peça de Michel Vinaver, «Os Coreanos».

Esse interesse levou-o a dedicar-se à criação e difusão do teatro africano de expressão francesa, encenando obras de poetas como Aimé Césaire e Katia Yacine. Em Dakar, encenou também «A Excepção e a Regra», interpretada por actores negros para um público negro. Significativamente, o seu

último trabalho, feito na Carrouxerie de Vincennes, sobre a peça de Paul Keirneg, «Les printemps des bonnets rouges», trata o problema da minoria bretã, e Serreau inventou, para ele um dispositivo cénico móvel.

Eis alguns dos espectáculos encenados por Jean-Marie Serreau:

... «A Excepção e a Regra» e «Homem por Homem», de Brecht; várias peças de Ionesco, entre as quais «A Sede e a Fome»; «As Criadas», de Genet; «A grande e a pequena manobra» e «Todos contra Todos», de Adamov; «Barragem contra o Pacífico», de Marguerite Duras; «Piquenique no campo», de Arrabal; «Biedermaier e os incendiários», de Max Frisch; «Comédia de Samuel Beckett», «A tragédia do rei Christophe», de Aimé Césaire; «O cadáver cercado», de Katia Yacine; «Uma tempestade», de Aimé Césaire com base na peça de Shakespeare.

Palavras de Jean-Marie Serreau

Jean-Marie Serreau concedeu, em Setembro de 1968, uma entrevista à jornalista do «Nouvel Observateur», Yvette Romi, da qual sublinhamos as seguintes passagens:

«O acontecimento capital do nosso tempo reside no facto do Terceiro Mundo começar a sair do «gueto» da história. O teatro do Terceiro Mundo, que é ao mesmo tempo político e poético, põe em questão as civilizações ocidentais no seio das quais sempre identificamos a ideia de humanismo à ideia de Ocidente. É aquilo a que chamarei o «europocentrismo».

O teatro de Brecht estava ligado à conjuntura política da época: o estalinismo e a escalada do fascismo. Hoje, o acontecimento mais importante é o despertar do Terceiro Mundo. Ser brechtiano, hoje, é falar do Terceiro Mundo. Se Brecht fosse vivo, teria sem dúvida escrito peças sobre este problema.

O nosso teatro não tem apenas relações directas com os acontecimentos do Terceiro Mundo como tenta renovar as relações entre os seus criadores. Mais do que da criação colectiva, é de investigação colectiva que se trata. Em lugar de se apoiar num texto, um espectáculo pode nascer a partir de uma série de diapositivos

ou do bater de um «tam-tam» haitiano. É necessário, antes de tudo, despertar «acontecimentos teatrais». Por isso, ao ver os painéis de 36 metros quadrados que Folon pintou para o pavilhão francês da Trienal de Milão, pensei que poderia servir de ponto de partida para um espectáculo. Eis a razão por que chamo ao meu teatro, «teatro irregular».

Sou partidário de uma encenação audio-visual, simples, bárbara, primitiva. É indispensável despertar do seu estado de passividade, bombardeando-o com imagens e sons. O teatro é a festa. Quando os «Tréteaux de France» representavam nos grandes bairros, toda a gente se apinhava nas janelas dos prédios, para os ver. Além disso, devemos acrescentar a noção de teatro a noção de círculo. Não é necessário que as pessoas venham: nós é que devemos ir ter com elas. O T.N.P. tem 80.000 assinantes. O que representa esse número se só a região de Paris conta mais de oito milhões de habitantes? É necessário criar unidades de espectáculo que possam «irradiar». O teatro não deve fazer-se forçosamente numa sala mas em todos os lugares onde existam «células vivas».

A ÚLTIMA ENCENAÇÃO DE ARIANE MNOUCHKINE

O leitor habitual do SL lembra-se talvez de termos falado recentemente de Ariane Mnouchkine, um dos grandes nomes do teatro francês destes dias. Pois, voltou-se agora a falar da directora do «Théâtre du Soleil» a propósito da sua intervenção num dos últimos acontecimentos de rua da capital francesa.

Como se sabe, o novo ministro da Cultura é um escritor, Maurice Druon. Pois, mal se apanhou ministro o sr. Druon — escritor de 2.ª ordem sobretudo se o compararmos com Malraux que foi ministro de De GAULLE — fez declarações que fizeram abalar os alicerces mais vivos da cultura francesa. Não vamos reproduzir as declarações do ministro que foram na altura devidamente divulgadas pela nossa imprensa. E, neste caso, o teatro que nos interessa: foi da malta do teatro que partiu a manifestação que um belo domingo de Primavera percorreu algumas ruas de Paris. Milhares de pessoas — actores, escritores, artistas plásticos, jornalistas, o fino do fino (ou a cambada, como se queira) dos intelectuais parisienses — participaram na manifestação que tomou a forma de um funeral organizado com grande pompa por Ariane Mnouchkine com a malta do Théâtre du Soleil.

As pessoas marchavam ao ritmo sempre subjugante de marchas fúnebres, ritmo marcado pelo toque dos tambores. O carro fúnebre puxado por 4 cavalos era seguido por coroas de flores. Nas bocas, mordanças simbólicas. E silêncio como se se passasse algo de importante.

Uma marcha grave, que terminou na Praça da Nação. As pessoas fazem círculo. As vagas de acompanhantes depõem as coroas junto do caixão enquanto os tambores roiam surdamente compondo uma sinfonia intensa. A cerimónia dura longamente até à chegada dos últimos manifestantes. E eis que o caixão se abre: puxada por três balões, uma bandeira desdobra-se. Uma palavra pintada: Liberdade.

C. P.



RECEBA

1900\$00

Pelo seu TELEVISOR usado na troca do novo PHILIPS a prazo ou em 24 mensalidades.

CASA M. L. FERREIRA — Rua de D. Estefânia, 48-A



motor
revista

INQUÉRITO

A crise da orquestra Gulbenkian ONZE ANOS À PROCURA DE MAESTRO

Manuel João Afonso, 28 anos de idade. Começou a estudar violino aos 7 anos com uma professora particular. Passou pela Fundação Musical dos Amigos das Crianças antes do curso do Conservatório, que completou em 1964. As suas ligações com a Gulbenkian remontam a 1962...

Quando foi aberto o concurso internacional para formação da Orquestra Gulbenkian frequentava eu ainda o Curso Superior de Violino e, paralelamente, o primeiro ano de Matemáticas da Faculdade de Ciências. Fui admitido. Mas «por não ter experiência de orquestra» o ordenado que ofereciam era apenas de dois mil escudos mensais, quando todos os outros ganhavam entre quatro e seis contos...

Tal a origem da primeira dissidência entre a Fundação Gulbenkian enquanto entidade empresarial e o jovem que hesitava em optar pela matemática ou pela música.

Não podia abandonar a Universidade por um ordenado tão baixo. Mas o violino atraía-me, e acabei por aceitar uma contraproposta de três contos, desde que, a curto prazo, a Fundação nivelasse a minha remuneração pela da generalidade dos membros da orquestra (o que, na verdade, se verificou decorridos dois meses).

É uma prática corrente na Gulbenkian. Quando se trata de músicos portugueses, todos os pretextos lhe servem para regatear remunerações ou «cachets», por mais modestos que sejam.

Manuel João Afonso continua o seu depoimento:

Em 1964, quando concluí o Curso Superior de Violino, pedi à Fundação uma bolsa para aperfeiçoamento no estrangeiro. Responderam-me então que seria preferível fazer primeiro o serviço militar, para não «desaprender» mais tarde os conhecimentos adquiridos com a bolsa. A objecção pareceu-me razoável e aceitei-a.

Mas a promessa da bolsa manteve-se e Manuel João Afonso estudou em Bruxelas com André Gertler durante dois anos. De regresso em 1971, veio encontrar a orquestra nas mãos do sr. Albert:

Tive de me submeter a uma prova perante o maestro Albert, que me atribuiu o 6.º lugar dos primeiros violinos. Estava longe de ser o último. Mas mesmo assim a remuneração que eu passei a auferir era a mais baixa de todo o naipe. Talvez para «compensar» a bolsa de que eu «beneficiara» durante dois anos...

Mais uma manifestação da tal mentalidade de fazer pagar aos bolsheiros as «dívidas de gratidão» que contraem para com a Gulbenkian.

No princípio de 1972, passei para o 5.º lugar, onde permaneci cerca de seis meses. Deu-se então o caso de vagar o quarto lugar. Contra a minha expectativa, em vez de me atribuírem, como seria natural, abriram concurso dentro da orquestra. Entendi que o objectivo deste concurso era unicamente prejudicar-me e, por isso, recusei-me a participar.

Manuel João Afonso tinha boas razões para proceder desta maneira. As experiências anteriores de concursos dirigidos pelo sr. Albert não lhe davam as necessárias garantias de isenção.

Meses antes, abriu simultaneamente em Londres e Lisboa concurso para o preenchimento do lugar de «concertino auxiliar». Entretanto, o maestro Albert, ausente no estrangeiro, teria prometido o lugar a um violinista inglês. Este, porém, não pôde apresentar-se a concurso na data marcada. Entre os membros da orquestra que prestaram provas, quem ficou melhor colocado foi o Ilídio Go-

mes e eu. O maestro Albert tinha feito tudo para anular o concurso ou adiar-lo, o que não conseguiu, por já ser do domínio público. Em todo o caso, o júri decidiu não atribuir o lugar e abrir novo concurso três meses depois. Protestei desta decisão perante o sr. Albert. Respondeu-me: «Se não está satisfeito, peça a sua demissão!»

Não foi ainda desta vez que Manuel João Afonso decidiu abandonar a orquestra para retomar as matemáticas, na IBM. Mas não voltou a participar em concursos da Gulbenkian. Aliás, os critérios que presidem a estes sempre foram muito variáveis:

Em matéria de concursos, as irregularidades já vêm de longe. Logo quando se formou a orquestra, abriu-se uma excepção para o violoncelista espanhol que ocupa a 1.ª estante, pois foi admitido já depois de encerrado o concurso e com idade superior à autorizada nas condições de admissão. E no caso do tal concurso interno para o 4.º lugar dos violinos, que no fundo se destinava a preterir-me, o Serviço de Música, perante a indiferença dos meus camaradas (o único inscrito acabou por desistir), enviou-nos um funcionário com a incumbência de nos persuadir a concorrer de qualquer maneira. Deixou de haver peças obrigatórias, deixou de haver necessidade de inscrição... bastava que cada um lá fosse tocar qualquer coisa a seu gosto.

Outro exemplo, este denunciando um critério bastante caprichoso:

Ainda há pouco tempo ocorreu um estranho facto. O António Reis Gomes (2.º trompete) tomou conhecimento através dum jornal inglês de que fora aberto concurso, em Londres, para a vaga de 1.º trompete da orquestra Gulbenkian. E, se quis concorrer, teve de se deslocar a Londres por sua conta e risco.

Convenhamos que assim não se pode trabalhar...

Tudo isto contribui para criar mau ambiente na orquestra. E o regime de trabalho dos músicos também não favorece nem estimula verdadeiramente a sua realização artística e profissional. Pela minha parte, considero excessivo um regime que prevê dois ensaios por dia, ocupando a manhã e a tarde inteiras, sem deixar margem para estudar ou ter outras actividades artísticas (música de câmara, por exemplo).

O pior é que o Serviço de Música está interessado precisamente em reduzir ao mínimo essas veleidades:

O sistema do «exclusivo», a que estão vinculados todos os músicos da orquestra, impede-os de qualquer outra actividade, com a única excepção do ensino. Porque, se se tratar de tocar a solo, num concerto de câmara ou com orquestra, fora da Fundação, é preciso autorização especial do Serviço de Música, que só será dada a título excepcional.

É esta a causa de algumas frustrações... Por exemplo, a do chamado Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, que, na prática, não tem existência real. E, para cúmulo, muitos dos membros da orquestra não estão à altura de compreender a situação:

Dentro da Orquestra Gulbenkian há uns pequenos grupos que funcionam na base dos seus interesses particulares de

privilegiados, perdendo de vista a solidariedade que deveria existir entre todos os membros da orquestra na defesa dos seus direitos e até na compreensão da missão que cabe a esta. Já nem falo dos «colegas» que se prestaram a colaborar como testemunhas de acusação nos processos disciplinares engendrados pelo sr. Albert...

O maestro tem tido um papel decisivo na deterioração da situação:

A Gulbenkian anda há onze anos à procura de maestro e, pelos vistos, nunca mais acertará. Por coincidência, ou por infelicidade, só tem dado com pessoas de interesse humano e artístico muito duvidoso.

Por coincidência? Por infelicidade?

Talvez antes porque as pessoas que têm sido abordadas para a chefia da orquestra, com mais categoria para a assumirem, põem condições que não agradam à Gulbenkian. Conheço, pelo menos, um caso: o de David Zinmann.

Quanto ao sr. Albert... É responsável, entre outras

coisas, pela situação de protecção que criou a favor de certos elementos, prejudicando as legítimas aspirações dos outros. Pelo seu isolamento deliberado em relação à cultura portuguesa: veio para cá ganhar um excelente ordenado e nada mais. Pela decadência da função artística da orquestra, a quem «impingiu» um repertório sem interesse e até muitas vezes mal escolhido, por exigir características sinfónicas que ela não tem. Pela criação dum ambiente represivo, que culminou nos processos disciplinares.

Por outro lado, a orquestra continua sem voz activa e sem regulamento:

Dentro da orquestra não se discutem os problemas que a todos dizem respeito. E não lhe é dado ter qualquer influência na organização dos programas, na escolha dos maestros, em tudo o mais. Deve ser a única orquestra no Mundo que não tem um regulamento interno (aprovado pelos músicos, evidentemente, e não imposto de fora). Anda ao sabor da vontade de quem tem poder sobre

ela. Uma das consequências da ausência de regulamento é a diferença de estatuto entre estrangeiros e portugueses. Mas como é que a Fundação explica essa discriminação?

O Serviço de Música costuma invocar o facto de os estrangeiros permanecerem na orquestra a título temporário. E realmente isso é verdade em relação aos elementos mais válidos, que, descontentes com o ambiente, as fracas perspectivas de realização artística, e o tom geral de improvisação que reina no Serviço de Música, acabam por se ir embora. Além disso, deve interessar à Gulbenkian manter um estatuto mais baixo para os portugueses, na esperança de que um dia (talvez com a reforma do Conservatório...) consiga completar os quadros só com portugueses.

Finalmente, Manuel João Afonso põe em dúvida a própria missão da orquestra, tal como ela é concebida agora:

Não compreendo que uma arma de difusão cultural tão

poderosa como é uma orquestra, possa ficar circunscrita a maior parte do ano às paredes do edifício-sede da Fundação, a tocar sempre para o mesmo público. Só por excepção se organizam «tournées» pelo País e pelo estrangeiro, e são quase sempre mal orientadas, quer no que se refere aos programas, quer no que se refere ao público. Na verdade, a Fundação nunca se mostrou empenhada em transformar a orquestra num órgão de democratização da música e de difusão da cultura portuguesa no estrangeiro.

Depois de tudo isto, não perguntei a Manuel João Afonso por que tinha trocado a Orquestra Gulbenkian pela IBM.

MÁRIO VIEIRA
DE CARVALHO

Prólogo/fot. Video 73

Damos-lhe a mão se nos visitar

- portas-fortes
- cofres de aluguer para hotéis
- bancos, pequenas e grandes empresas
- cofres monoblocos de pequena e grande dimensão
- balcões destinados a hotéis, empresas, bancos, etc
- guarda-jóias
- armários metálicos resistentes ao fogo e arrombamento, para diversos fins
- portas especiais contra fogo

Estamos na F.I.L. stand CD 381-5
SOMOS OS PROFSSIONAIS DO SEGREDO

EDUARDO FRANCO
Cofres e Portas-Fortes

Praceta Projectada à Rua Sacadura Cabral,
Lote 3 - Dafundo Telef. 21 5887 - 639358

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

O QUE É A VANGUARDA?

2 EXPOSIÇÕES DE ANTÔNIO AREAL NA GALERIA S. MAMEDE

António Santiago Areal apresenta... Melhor, a Galeria S. Mamede apresenta duas exposições simultâneas de trabalhos seus: «Areal 10 pinturas inéditas de 1961-1962» e «Areal 73 — variações sobre um tema de Fuseli», duas exposições diferentes com dois catálogos diferentes (20\$00 e 50\$00), dando um salto de mais de dez anos na sua produção.

Todo o trabalho de Areal tem sido, desde que o conheço, um já longo processo de bruscas mutações, desde a «Homenagem a Fernão Mendes Pinto» (estou a citar de memória), de 1956, até às presentes variações, da homenagem a um anti-herói ao «rema-ke» desse estranho e mau, no sentido académico, pintor do final do século XVIII contemporâneo das luzes e des-

se sono da razão que desde essa altura não nos abandonaria, e não só na pintura infelizmente. Qual o fio condutor que orienta o itinerário de Areal?

Não vou, aqui e agora, tentar reconstitui-lo, até porque me será impossível, apenas realçar que não houve nunca uma busca ou «progresso» propriamente formal, mas uma tensão constante entre a intervenção crítica e teórica e o seu trabalho de desenhador ou de pintor, duas vias complementares para uma vanguarda que era, e é, suponho, uma cada vez mais difícil e grave exigência. Do desenho à pintura, da forma ao informe, do quadro ao objecto e do objecto pintado à caixa vazia, o itinerário de Areal tem sido de uma exigência dilacerante. E agora?



vam formas de conceber a realidade que se iam sedimentando na consciência pública, o artista criador renova não apenas essa realidade como também as suas perspectivas. Daqui provém, seguramente, o radicalismo moral que tão frequentemente se manifesta como próprio do seu carácter pessoal... (1967).

«O perigo da actividade artística reside precisamente na deterioração esteticista: e este ponto implica a condição fundamental de uma autêntica vanguarda. Se a sucessão de vanguardas fosse simples substituição de pesquisas formais, gradualmente mais extremistas, o plano moral dos autores seria realmente inactuante e torpe. Ora, pelo contrário, a base vital de acção de vanguarda é a propugnação ética; as produções, as obras, os espectáculos, são-lhe sempre posteriores e se se esteticizam atraíam imediatamente aquela base... (1970).

AS DUAS EXPOSIÇÕES

É impossível, creio, numa galeria como a S. Mamede apresentar objectos inqualificáveis ou inclassificáveis, só que sejam, por isso se tem dedicado a uma como que arqueologia da modernidade portuguesa, busca da «vanguarda que já foi», e que bom e bonito ter agora domesticada na sala de estar ou em depósito à espera de melhores e maiores mais-valias. A história é um dos caminhos preferidos dessa recuperação: arruma, classifica, descreve propondo implícitos ou explícitos outros valores e outros prestígios. Esta dupla exposição é a um tempo história (as dez pinturas inéditas), e citação dum autor que mais conhecemos pelas histórias de arte escritas (embora seja, sem dúvida alguma, parte de uma anti-história da arte, a escrever).

Assim, as 10 pinturas inéditas servem para ilustrar a passagem do Areal desenhador ao pintor informalista do início dos anos 60, sendo aliás interessante de nelas seguir a tensão entre o que já não é desenho (a negro ou gris) e assenta num suporte que já não é suporte (branco e ocre), luta entre um desenho que pode introduzir de novo a anedota na pintura e uma pintura que a nega.

Assim as Variações se poderiam genericamente incluir numa tendência crescente que a pintura tem para se citar na sua história, tornando-se a representação, numa interrogação que é mais colectiva que individual e que pode acontecer «quando o ocidente declina para mais, uma submersão de dois mil anos» e em que se percebe «o grande afundamento dos labirintos no grande labirinto de ferro e barro onde germinam, como num útero insondável, todos os labirintos vindouros», como diz, num texto intuitivo e sensível, Lima de Freitas.

Magnificamente encenadas para parecerem os quadros de cavalete que já não são (e se me perguntarem o que são, não o saberei dizer ou terei que inventar um novo rótulo, o que talvez não seja inútil, mas prefiro adiar), as Variações serão pois vendidas a retalho, destino afinal comum a toda a pintura, investigação sobre a visão, sobre o homem, sobre o mito, continuamente relegada para o nível do objecto raro do gabinete de curiosi-

dades que o museu «hélas», não deixou de ser.

Antes de pôr termo a este texto gostaria de tentar responder pela boca de Areal, a algumas perguntas que me podem, nos podem, surgir ao ver esta exposição: para isso improvisei uma brevíssima antologia de textos seus que nos mostrem a continuidade de uma atitude que as presentes exposições parecem, momentaneamente, esperar, ocultar.

ANTOLOGIA

As citações que se seguem são tiradas dos «Textos de Crítica e de Combate na Vanguarda das Artes Visuais», Lisboa, 1970, em que António Areal, em edição do autor, reuniu dez anos de intervenção.

a.a «Especificidade da pintura»

«Intervém agora, e felizmente, a pintura chamada informal: eis que os artistas não mais poderão supor-se vítimas da submissão ao mito ou ao símbolo: são artífices, agora, numa pintura finalmente objectiva...» (1961).

«E compreenda-se assim quanto de intencionalmente contrário ao rumo histórico pretende incutir na estética a tendência metafísico-mistificadora que presume achar, no não-significado primário do abstraccionismo e do informalismo, um sinal daquilo que, ao cabo de cem anos de combate no que diz respeito à Europa, as artes plásticas lograram expulsar objectivamente do seu programa de cumprimento das especificidades próprias: isto

Um informalismo nascente sob o desenho anterior

que lograram tornar incompatível (ou reconhecê-lo como tal) com as especificidades plásticas foi aquela copulação místico-mitológica que as mantivera debaixo da alçada directa da política das classes dominantes» (1961).

«GOSTO DOMINANTE»

«A pretexto duma valorização do artístico para além do decorativo, a classe dominante, empresária e quase exclusiva consumidora do «belo» e dos seus derivados de sublimação axiológica... estabeleceu, pouco a pouco, na sequência da sua política de insinuação axiológica espiritualista, uma situação de direitos próprio da arte e dos objectos artísticos. A pintura

ra de figuração temática não imitativa... reduzia portanto a antiga eficácia demagógica e propagandística que, às vezes a pretexto do testemunho mas quase sempre em detrimento dele, fora arma concretamente funcional da classe dominante» (assim essa pintura) «foi considerada, primeiro, decorativa e, logo depois, «significativa» como valor «poético»... (1961).

«Falo dos artistas. A classe dominante (económica e política mas à qual pertenciam pelo menos ideologicamente) solidarizava-se com os seus merenários, que eles eram-no (1961). Areal está a falar do passado).

«O problema de existir um gosto dominante que na generalidade infecta o ambiente cultural, e de a crítica dominante encontrar o seu próprio prestígio na unanimidade com que aí é reconhecida como voz natural do péssimo bom-gosto. Pois o gosto dominante é virtuoso e enojativo: é incapaz de discernir pluralidades, impõe uma unitariedade de princípios que se destina a validar a sua satisfação, o seu medo e a sua ignorância; com os olhos do decorador, o crítico do gosto dominante prende-se a pormenores de acabamento com um lirismo de pastor literário, e testemunha habitualmente não pela problematização da experiência artística, mas sim pela acrobacia retórica ou pela erudição. (1967, sublinhado meu).

VANGUARDA

«O artista inventor está empenhado numa guerra concreta: no tempo quotidiano em que se funda a história, as suas obras impõem-se como subversão instituída; e a sua realidade sumamente moral é-o em função de combate: trata-se de retirar à asfixia normal a parte de acção efectiva que, sob forma objectual, perdurará». (1964, sublinhado meu).

«A função essencial da criação artística: ser revelação de expressividades revolucionárias, isto é, ser criação inovadora... Portanto o artista criador propõe-se à sociedade como um investigador dispondo do poder extraordinário que é constituir o futuro da sensibilidade da humanidade graças à realização, que como criador ele leva a cabo, da efectivação de novas expressividades. Onde anteriormente se concentra-

PARA UMA CONCLUSÃO

1.ª «As dificuldades financeiras são uma cruel eficácia de selecção dos artistas, porque obrigam a uma decisão fundamental e decisiva no plano de vida de cada qual: o artista de vanguarda não dispõe dos abrigos e da estabilidade económica que a breve prazo o artista conservador ou académico atinge; perante a ameaça da permanência relativamente previsível das dificuldades económicas, o artista define-se rapidamente ao preferir ser ou profissional, ou amador, ou conservador, ou da vanguarda. Então podemos compreender como se constituem os sectores privado e público da ética profissional: no sector privado, o artista encontra-se no compromisso de exigir radicalmente a criação da vanguarda mais autónoma, e no de usufruir do seu direito de ser independente, profissional, e na vanguarda da consciência criadora; no sector público, o artista tem de recorrer aos processos de dar finalidade pública ao seu próprio trabalho, e reivindicando o reconhecimento das necessidades profissionais... (1963).

2.ª «Pergunte-se, então, porque não suspendi ainda a obração na profissão que me ocupou até hoje; terá sido por impossibilidade de subsistir sem esse meu único recurso económico. E paralelamente que sentido tem então a pintura como labor-ou, na generalidade, a obra artística? Para um autor austero ela é um ritual cujo sentido desconhecemos, mas que de facto nos socorre ocupacionalmente como negação — ou ao menos adiamento — da morte, do caos, e da angústia fundamental da identidade. Quem vive eufórica e carnalmente as suas obras erra; porque nada elas devem pedir aos sentimentos. A obra verdadeira é a que equivale a um altar a um deus desconhecido ou morto: é secreta, hermética, intransmissível, límpida e decisivamente, impopular e inviolável... (1968).

Será que por equívoco irão continuar os pintores a pintar... e os coleccionadores a coleccionar? Certamente que sim. Será a consciência privada de tal equívoco fonte de mais um delicado prazer vanguardista só para uns quantos? Certamente que sim! Será que isso basta à consciência exigente de António Santiago Areal? Até ver, não acredito!



A desconfiança na razão no século das luzes